

Universidade Federal do Rio de Janeiro

"Tu vai para onde? ... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca

Viviane Maia dos Santos

2012

Tu vai para onde? ... Você vai para onde?: manifestações da segunda pessoa na fala
carioca

Viviane Maia dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Célia Regina dos Santos Lopes

Rio de Janeiro

Abril de 2012

"Tu vai para onde? ... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca

Viviane Maia dos Santos
Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Lopes Santos

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Prof.^a Doutora Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ)

Prof.^a Doutora Maria Eugenia Lamoglia Duarte (UFRJ)

Prof.^a Doutora Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)

Prof.^a Doutora Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)

Prof.^a Doutora Maria Martha Pereira Scherre (UFRJ)

Rio de Janeiro
Abril de 2012

Maia, Viviane dos Santos

"Tu vai para onde?... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca/ Viviane Maia dos Santos. - Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012 Viviane Maia dos Santos. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2012.

Orientador: Célia Regina dos Santos Lopes.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/
Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 125-137.

1. Língua Portuguesa. 2. Sociolinguística. 3. Pragmática

I. Lopes, Célia Regina dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. III. Título.

MAIA, Viviane dos Santos. "Tu vai para onde? ... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012

RESUMO

Viviane Maia dos Santos

Orientadora: Célia Regina dos Santos Lopes

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a alternância de sujeitos de segunda pessoa na fala carioca com base em dados interacionais. Nosso objetivo é analisar o retorno de produtividade do *Tu* correlacionado com forma verbal neutra, variante que tem se mostrado produtiva entre os habitantes cariocas na atual sincronia. A análise será feita à luz da Teoria da Variação e da Mudança e da Teoria de Polidez. Os dados obtidos por meio de metodologia alternativa foram submetidos ao tratamento estatístico efetuado pelo Programa computacional de regras variáveis – o GOLDVARB 2001. Os resultados apontam que, na variedade carioca, os falantes dispõem de três tipos de sujeitos de segunda pessoa, a saber: *Tu*, *Você* e o *Zero/nulo*, sujeitos de 2ª pessoa empregados com formas verbais não marcadas para pessoa.

O pronome-sujeito *Tu* é ainda estigmatizado, uma vez que é categoricamente usado com verbo sem a desinência canônica de 2ª pessoa do singular. A alternância de formas de pronomes-sujeito dentro de sequências injuntivas mostrou-se um fator relevante para a produção da tipologia textual em questão, sendo as formas de tratamento elementos mitigadores de atos de fala impositivos considerados ‘necessários’ dentro de tal contexto discursivo.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista, Pragmática, Teoria da Polidez, Pronomes-Sujeito.

MAIA, Viviane dos Santos. "Tu vai para onde? ... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze the alternation of subjects in the second person says Rio-based interactional data. Our goal is to analyze the return of productivity Tu correlated with verbal form neutral variant that has proven productive among the inhabitants of Rio in the current sync. The analysis will be made to the Theory of Variation and Change and the Theory of Politeness. The data obtained by means of an alternative methodology were subjected to statistical analysis performed by the computer program of variable rules - the GOLDVARB 2001. The results show that, in the variety Carioca, speakers have three types of second-person subject, namely: You, You and Zero / Null, 2nd person subject employees with verb forms not marked for person.

The Tu-subject pronoun is still stigmatized, since it is categorically used with the verb without the canonical ending 2nd person singular. The alternating forms of pronouns, subject within sequence injunctive proved to be a relevant factor for the production of text typology in question, and the forms of treatment mitigating elements of speech acts pushy considered 'necessary' within this discursive context.

Keywords: variationist Sociolinguistics, Pragmatics, Theory of Politeness, Subject-Pronouns.

Se eu tivesse sonhado alguém para mim não seria como você, porque eu simplesmente não saberia te sonhar...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria e paciência para a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Célia Regina dos Santos Lopes, pela competência, pela generosidade, pela oportunidade, amizade e compreensão que me foram fundamentais para que pudesse chegar até aqui. Um dia eu vou ter como te agradecer.

Ao meu amigo, companheiro, anjo da guarda, irmão, E.T.C. Sem você nada disso teria sido possível. Eu agradeço a Deus todos os dias por ter posto você na minha vida.

À minha família por ter influenciado a minha personalidade desde sempre, e principalmente, à vida que fez de mim a melhor Viviane que eu posso ser.

À minha companheira de gargalhadas Urânia Marinho. Gente boa se atrai, espero.

Àqueles que atrapalharam e ajudaram a realizar este trabalho, porque me ensinaram a ser mais forte.

À Lilian Lacerda, minha irmã, e à Heloísa Maia, minha mãe, que me apoiaram e apoiam sempre que preciso.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

SINOPSE

Estudo variacionista sobre a alternância de sujeitos de segunda pessoa na variedade carioca com base em dados interacionais de fala espontânea. Exame de gravações realizadas com base em metodologia alternativa para a coleta de referências à segunda pessoa do discurso. Uso da metodologia da Teoria da Variação. E elaboração de hipóteses com base na Teoria Variacionista e na Teoria da Polidez para análise de fatores determinantes das escolhas linguísticas entre os falantes do *corpus*.

SUMÁRIO

Capítulo 1 Introdução.....	13
Capítulo 2 Revisão do tema.....	14
2.1 O sistema de tratamento ao interlocutor: evolução histórica.....	14
2.2 O tratamento no quadro pronominal.....	17
2.2.1 Críticas à abordagem tradicional.....	19
2.2.2 Definição etimológica do termo pronome.....	19
2.2.3 A categoria de pessoa.....	20
2.3 Estudos sincrônicos sobre o tema.....	23
Capítulo 3 – Aspectos teórico-metodológicos.....	39
3.1 – A concepção de regra variável	39
3.1.1 Variação e mudança.....	41
3.1.2. A Teoria da Polidez.....	42
3.2 – Metodologia	45
3.2.1 As entrevistas sociolinguísticas vs. métodos alternativos para a coleta de dados.....	45
3.2.2 Método empregado para a constituição das amostras do <i>corpus</i> : uma metodologia já empregada em estudos variacionistas.....	46
3.2.3 A constituição do <i>corpus</i> de análise: descrição metodológica	53
3.2.3.1 A amostra Perfil Profissional.....	59
3.2.3.2 A amostra Almirante Barroso.....	63
3.2.3.3 A amostra ‘advogados’.....	64
3.2.3.4 A amostra Zona Norte: o bairro da Tijuca.....	66
3.2.3.5 A amostra Zona Oeste: o bairro de Campo Grande	69
3.3 - Grupos de fatores.....	70
3.3.1 – A variável dependente	70
3.3.2 As variáveis independentes	71
Capítulo 4 – Análise dos dados.....	89
4.1 A coexistência de <i>Tu</i> , <i>Você</i> e <i>Nulo/zero</i> na função de sujeito no espaço urbano carioca em dados de fala espontânea.....	89

4.2 Panorama geral das ocorrências de pronomes-sujeito de 2ª pessoa no <i>corpus</i>	90
4.3 – Rodada geral: análise multivariacional.....	97
4.3.1 Rodada <i>Tu</i> vs. <i>Você</i>	99
4.3.2 Rodada <i>Zero/nulo</i> vs. <i>Você</i>	116
4.3.3 Rodada <i>Zero/nulo</i> vs. <i>Tu</i>	119
Capítulo 5 – Considerações finais.....	122
Capítulo 6 – Referências bibliográficas.....	125

ÍNDICES DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS:

Tabela 1: O quadro de pronomes pessoais das GT's	19
Quadro 1: Distribuição dos 6 subsistemas dos pronomes pessoais de 2ª pessoa pelas regiões brasileiras (Adaptado de Scherre <i>et al.</i> 2009).....	26
Figura 1: Mapa dos subsistemas no Brasil.....	28
Tabela 2: Panorama geral dos falantes da Amostra Perfil Profissional.....	63
Tabela 3: Panorama geral dos falantes da Amostra Almirante Barroso.....	64
Tabela 4: Panorama geral dos falantes da Amostra 'advogados'	66
Tabela 5: Panorama geral dos falantes da Amostra Zona Norte	67
Tabela 6: Panorama geral dos falantes da Amostra Zona Oeste.....	69
Gráfico 1: Distribuição dos sujeitos de segunda pessoa por bairro/região do Rio de Janeiro.....	92
Gráfico 2: Escolarização dos falantes do <i>corpus</i>	93
Gráfico 3: Sexo/gênero dos falantes do <i>corpus</i>	95
Quadro-síntese 2: Grupos de fatores selecionados por rodada.....	98
Quadro-síntese 3: Paralelismo formal: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>	99
Tabela 8: Modalidade Verbal	103
Tabela 9: Grau de escolarização: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>	106
Tabela 10: Áreas de planejamentos (AP) por classes sociais predominantes	107
Tabela 11: Quadro do índice de escolaridade por bairro do Rio de Janeiro.....	108
Tabela 12: Região/bairro do RJ: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>	109
Quadro-síntese 4: Indicadores sociais da Tijuca e de Campo Grande.....	110
Tabela 13: Sexo/gênero: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>	114
Quadro-síntese 5: Grupos de fatores selecionados na rodada <i>Zero/nulo vs. Você</i> ..	117
Quadro-síntese 6: Grupos de fatores selecionados na rodada <i>Zero/nulo vs. Tu</i>	120

1. Introdução

O objetivo desta investigação é estudar as estratégias pronominais de referência à segunda pessoa do discurso na função de sujeito. Os dados foram levantados em amostras de fala produzidas em um centro urbano específico: a cidade do Rio de Janeiro. O *corpus* analisado foi constituído com o objetivo específico de capturar as formas de tratamento de segunda pessoa empregadas por habitantes do Rio de Janeiro em situações interativas com pessoas desconhecidas. Tais interações ocorriam no local de trabalho formal (lojas, bancos, etc.), informal (ambulantes) e nas ruas de bairros diferentes: centro da cidade, zona oeste (Campo Grande) e zona norte (Tijuca) (transeuntes).

O tema vem sendo pesquisado há bastante tempo em trabalhos que geralmente associam a Sociolinguística Variacionista Laboviana à Sociopragmática e a princípios funcionalistas. O intuito é discutir os fatores que determinam a escolha de pronomes-sujeito pelos falantes. Trabalhos como os de LOPES; DUARTE, 2002; LOPES, 2001, 2008; MACHADO, 2006; BARCIA, 2006; PAREDES SILVA, 2011 têm investigado a inserção da forma *Você* no quadro de pronomes pessoais. Nosso objetivo é, entretanto, “focar” no aparente espraiamento do pronome *Tu* como forma de tratamento em situações de informalidade na fala urbana carioca, analisando a variação das estratégias de referência ao interlocutor em sequências injuntivas.

Partindo de hipóteses postuladas no âmbito da teoria da polidez idealizada por Brown e Levinson (1987), pretende-se verificar se as formas de tratamento atuam como elementos suavizadores de atos de fala impositivos produzidos durante gravações de fala espontânea (SOUZA, 2008). Busca-se, ainda, discutir que formas de tratamento são mais eficazes no reparo de ameaças à face dos interlocutores.

Para a investigação do fenômeno linguístico, foi necessário constituir um *corpus* de fala espontânea, uma vez que, como se sabe, a entrevista sociolinguística, por ser um gênero que não visa à interação entre os falantes, não constitui método eficiente para a análise de formas de tratamento (cf. PAREDES, 2003 e 2011). Utilizou-se a pergunta ‘Sabe como eu faço para chegar à rua X?’ como meio de elicitación dos dados. Tal tipo de pergunta propicia a realização de sequências tipicamente injuntivas como resposta.

O *corpus* foi organizado a partir de entrevistas realizadas com falantes de perfis sociais distintos como advogados, gerentes, ambulantes e moradores de bairros como

Campo Grande e Tijuca. As gravações foram realizadas em situações de maior e menor formalidade. No primeiro caso, estão as entrevistas realizadas com gerentes e vendedores gravados em seus ambientes de trabalho. Os advogados, os ambulantes e os moradores dos bairros mencionados foram gravados em situações informais, o que propiciou a produção de um discurso menos monitorado. A análise da fala de grupos ocupacionais distintos tinha como intuito testar a hipótese de Labov (1972) sobre a relevância da ocupação profissional como forte indicador social.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Após a introdução, apresenta-se, no segundo capítulo, a revisão do tema dividida em três seções: a primeira retrata a história da origem do atual pronome de segunda pessoa *você*, oriundo da forma *Vossa Mercê*, cujo primeiro relato, em Portugal, data de 1331. Na segunda seção do segundo capítulo, discute-se o conceito de pronome, já que se parte da premissa de que o *Você* funciona como pronome de segunda pessoa do singular, na atual sincronia. Para isso, serão confrontadas as abordagens tradicionais presentes nas gramáticas de cunho normativo de gramáticos consagrados, como Luft, Bechara *et al.* e estudos descritivos sobre o atual quadro de pronomes pessoais. No mesmo capítulo, faremos uma revisão de estudos recentes que se baseiam em dados empíricos da atual sincronia com base em *corpora* diversos, como Soares (1980), Lucca (2005), Dias (2007), entre outros, com o intuito de apresentar um mapa dos subsistemas pronominais observados em diversas regiões do Brasil.

No terceiro capítulo, serão apresentados os pressupostos teórico-metodológicos, descrevendo com detalhes como foi construído o *corpus* para este estudo. Por fim, são discutidos os resultados obtidos.

2 – Revisão do tema

2.1 - O sistema de tratamento ao interlocutor: evolução histórica

Consoante Faraco (1996, p.54), no Latim tardio, o sistema de tratamento ao interlocutor se organizava em torno de dois eixos. O paradigma do pronome *Tu*, tratamento menos formal, utilizado como referência singular e o paradigma do pronome *vós* usado como referência a um único interlocutor no singular ou como referência universal a mais de um interlocutor. Em ambos os casos, o pronome *vós* era empregado

em situações formais, ou seja, no plano de cortesia. A essas formas de tratamento estavam associadas formas com desinências específicas para a segunda pessoa do plural e do singular, respectivamente.

Ainda segundo Faraco (1996), foi entre os séculos XIV e XVIII, que o paradigma pronominal, em particular o do português, sofreu uma radical mudança, uma vez que formas nominais se tornaram novas opções de tratamento do interlocutor à disposição dos falantes. Dessa maneira, as estratégias de referência à segunda pessoa do discurso que estavam correlacionadas a formas específicas do paradigma verbal e pronominal passaram a conviver com formas nominais de tratamento que levavam o verbo para a terceira pessoa verbal. Tais mudanças desencadearam diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal.

Ao analisar aspectos da história do sistema de tratamento em português, Cintra (1972) nos mostra que a introdução de formas de tratamento com a estrutura *Vossa + nome*, como *Vossa Mercê*, estava correlacionada a mudanças histórico-sociais por que passou Portugal a partir do século XII. Nesse período, a Europa Ocidental começou a desenvolver novas características econômicas. O crescimento do artesanato e de atividades comerciais fez com que surgisse uma nova organização econômica que estaria centrada nas cidades e resultaria na formação de uma nova classe social, a burguesia. A partir de 1254, a burguesia começou a ter representantes nas Cortes, ao lado da nobreza e do clero. Pode-se imaginar que a inserção da burguesia nas Cortes, competindo política e economicamente com o Clero e a organização econômica centrada nas grandes cidades afetaram diretamente a vida social. Um grande número de pessoas abandonou o campo e passou a viver ligado à Corte, onde se desenvolveram novos costumes, novos padrões de vestuários, de alimentação e de tratamento do interlocutor introduzidos entre a nova aristocracia.

A manutenção de uma sociedade hierarquizada era uma forma de manter relações sociais de poder entre a realeza e seus súditos através de comportamento interpessoal assimétrico. Dentro desse cenário, as novas formas de tratamento tinham um papel de destaque, constituindo recurso verbal disponibilizado pela língua para que novas necessidades pragmáticas dos falantes fossem supridas.

Em Portugal, os primeiros relatos de formas nominais de tratamento datam de 1331. Lindley Cintra, em estudo sobre a evolução do sistema de formas de tratamento,

através de textos de cronistas portugueses, nos mostra que a forma *Vossa Mercê* foi a primeira forma nominal adotada em Portugal; a forma *Vossa Alteza* foi observada nas cortes de 1455 e a forma *Vossa Senhoria*, nas cortes de 1442 . Diferentemente de um tratamento pronominal ou do uso de uma desinência verbal, as formas nominais evocam o que caracteriza o interlocutor, ou seja, lembram alguma coisa própria da pessoa com quem falamos. Consoante Cintra (1972):

Qualquer destas fórmulas é substantiva na sua origem: tem psicologicamente o seu ponto de partida no isolamento, como <<substância>>, de uma das qualidades que se atribuíam à realeza: a <<mercê>>, ou seja a generosidade; a <<alteza>>; a <<senhoria>>, isto é, o <<senhorio>>, dito à italiana. O seu modelo está em fórmulas que se documentam no próprio Latim (*tranquilitas uestra, em Eutrópio*). Conduzem naturalmente o verbo para a 3ª pessoa do singular. (CINTRA, 1972, p.19)

Para Salles (2001), o nome *mercê* originalmente não se refere à pessoa do rei, mas à graça e ao favor que este dispensa a seus súditos. Ainda segundo o autor, posteriormente, por um procedimento metonímico de designar a causa pelo efeito, *mercê* passa a denotar tanto “o ato de bem fazer” como a vontade de quem o pratica. Na explicação de Said Ali, (1937, p.139):

os súbditos, dependentes sempre da *mercê* ou da *graça* do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vos*. Sabiamente pediam *por mercê* e punham frequentemente *vossa mercê* por *vos*, referindo-se não à pessoa do soberano, e sim a graça e ao favor que dele dimanava. (SAID ALI, 1937, p. 139)

A nova aristocracia foi a classe responsável pela expansão das formas de tratamento. Sabe-se que a semântica inicial da forma *Vossa Mercê* sofreu modificações. A forma de tratamento evoluiu em duas vertentes. Por um lado, manteve a sua estrutura formal e, por outro, passou por um processo de simplificação fonética, tornando-se o atual pronome pessoal *você*, forma que vem adquirindo cada vez mais produtividade em diversas regiões do Brasil. Em levantamento sobre o uso de formas pronominais de tratamento nas regiões do Brasil, Scherre *et al.* (2009) propõem a existência de seis subsistemas de tratamento, classificados em função da interação, da frequência média dos pronomes *Tu* ou *Você* e da presença da desinência característica da 2ª pessoa do

singular combinada com a forma *Tu*. Os autores mostram que há regiões, como em algumas cidades do Centro-Oeste, Sudeste (Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia), Sul (Curitiba, no Paraná) e Nordeste (Salvador, Helvécia entre outras)¹, em que a forma *Você* apresenta frequência de uso entre 97% e 100%, sendo, portanto, a única forma pronominal à disposição dos falantes no tratamento a seu interlocutor.

Nossa hipótese é que a deferência e cortesia da forma original *Vossa Mercê* sobreviva no atual pronome pessoal *Você*, o que justifica seu uso, em lugar de *senhor(a)*, em situações de distanciamento no PB.

2.2 – O tratamento no quadro pronominal

No presente trabalho, parte-se da premissa que a forma *Você* se inseriu no paradigma pronominal a partir do século XIX com intensificação de uso no século XX² no PB. Pronome oriundo da forma nominal de tratamento *Vossa Mercê*, o *Você* se inseriu no paradigma pronominal em dois pontos distintos, variando com o *Tu* no singular e substituindo a forma *vós* no plural. Os diversos trabalhos que analisam a questão mostram que foi na posição de sujeito que a forma "invasora" se mostrou mais produtiva. Nosso objetivo é analisar o paradigma de sujeitos de segunda pessoa da variedade carioca na atual sincronia.

A inserção da nova forma pronominal comprometeu a estabilidade do sistema, uma vez que, por se tratar de uma forma originariamente nominal, estabelece concordância com o verbo na terceira pessoa. A interpretação semântico-discursiva é, entretanto, de segunda pessoa do discurso. O novo sistema de tratamento passou a ser constituído pelas formas primitivas de segunda pessoa correlacionadas a formas específicas do paradigma verbal, além de formas de tratamento de base nominal correlacionadas a verbos sem desinência distintiva, mas que evocavam a segunda pessoa do discurso. Isso significa que, na atual sincronia, cabe ao pronome a determinação da pessoa do discurso. A forma verbal tornou-se, no dizer de Faraco (1996), ambígua. A nova estrutura gramatical permitiu que a forma *Tu*, legítimo pronome de segunda

¹ Cf. ANDRADE, 2004; COELHO, 1999; RAMOS, 1997; HERÊNIO, 2006: 76-79; GONÇALVES, 2008; CALMON, 2009; LOREGIAN-PENKAL, 2004: 121; FIGUEIREDO, 2005: 13.

² Cf. PAREDES, 1999; DUARTE, 1993; LOPES E DUARTE, 2003; RUMEU (2004), entre outros.

pessoa, passasse a se combinar com a forma verbal não marcada. Essa variação de estratégias de referência à segunda pessoa talvez esteja viabilizando o uso do *sujeito nulo* com finalidades pragmáticas, como veremos nas próximas seções.

Pode-se perceber que não há mais uma correspondência direta entre o valor semântico do pronome e a flexão verbal. Na atual sincronia, cabe ao pronome a função de identificar a pessoa do discurso. A simplificação do paradigma verbal gerou ambiguidade na terceira pessoa que pode estar correlacionada a vários sujeitos, como se percebe em *tu/você/a gente vai*. A descrição presente nas gramáticas tradicionais (doravante GT's) está longe de representar a realidade atual do sistema de tratamento. É essencial, portanto, discutir como se configura o sistema pronominal do PB, na atual sincronia, sem desconsiderar a história das formas nominais, uma vez que elas são as responsáveis pelas assimetrias hoje observadas.

A definição mais geral de pronome encontrada nas GT's é de palavra que substitui nomes. Os pronomes pessoais, segundo os gramáticos, têm a função básica de denotar as três pessoas do discurso, que são quem fala (1ª pessoa), com quem se fala (2ª pessoa) e sobre o que se fala (3ª pessoa) (cf. SACCONI, 1989; MESQUITA, 1994 e BECHARA, 2009, entre outros). Com relação à categoria de pessoa, Benveniste (1946) argumenta que a terceira pessoa não faria parte do discurso, sendo, portanto, um ponto problemático na abordagem das GT's, como veremos posteriormente.

De acordo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), os pronomes pessoais são classificados em retos, oblíquos (reflexivos ou não reflexivos) e de tratamento. Reto (do Latim *rectu*) significa direto, que segue sempre a mesma direção; *oblíquo* (do Latim *obliquu*) significa não perpendicular, indireto; e de tratamento (do Latim *tractare*) significa travar ou manter relações com. Essa nomenclatura, como se pode ver, é opaca, uma vez que os falantes não recuperam (mais) seu sentido. Os pronomes retos, foco do presente trabalho, são aqueles que exercem a função de sujeito nas orações. Quanto à acentuação, os pronomes em geral são classificados em átonos, que exercem as funções de objeto direto; e tônicos (sempre acompanhados de preposição).

A segunda pessoa do singular e do plural segundo as GT's

		Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
	Pronomes pessoais retos	Átonos	Tônicos
Singular	Tu	Te	ti,contigo
Plural	vós	Vos	vós, convosco

Tabela 1: O quadro de pronomes de 2ª pessoa das GT's

Como podemos ver, a forma *Você*, pronome-sujeito amplamente empregado em diversas variedades do PB, normalmente não consta no quadro de pronomes pessoais, o que constitui um dos pontos problemáticos das abordagens tradicionais, tema que será discutido na seção seguinte.

2.2.1 - Críticas à abordagem tradicional

Linguistas como Lopes (2004) e Menon (2006), entre outros, que trabalham com dados empíricos, apontam alguns pontos problemáticos na abordagem das GT's sobre o tema. A *definição etimológica do termo pronome, o conceito de pessoa e a categorização e descrição da forma você* são alguns pontos revisados pelos referidos autores.

2.2.2 - Definição etimológica do termo pronome

Consoante Menon (2006), na definição adotada pelas GT's já se podem identificar inconveniências. Os pronomes são comumente classificados como substitutos dos nomes. Essa definição, baseada na etimologia da palavra, *pronomem*, do Latim "em lugar do nome", causa alguns equívocos, como nos mostra Monteiro (1994, p. 29). O autor identifica três problemas cruciais da classificação: "(i) nem todos os pronomes funcionam como substitutos; (ii) os que exercem essa função nem sempre substituem substantivos e (iii) há expressões substitutivas que não se classificam necessariamente como pronomes." Segundo Monteiro (1994, p. 29), as frases abaixo são alguns exemplos práticos em que a aplicação da definição de pronome gera equívocos.

- (a) - Eu deveria sabê-lo, tantas foram às vezes que li.
- (b) - Este menino foi àquela casa.
- (c) - Este menino foi lá.
- (d) - Mário e Luís são primos. Os dois brigam muito.

A análise de Monteiro (1994, p. 29) sobre as frases é a seguinte:

No exemplo (a), acima, o pronome *o* não está no lugar de um nome, mas sim aparece retomando todo um discurso proferido anteriormente. Já em (b) temos uma locução ou sintagma preposicionado *àquela casa* (composta de pronome + substantivo) que pode ser substituída, como em (c), pelo advérbio *lá*; e em (d) quem exerce função anafórica é o numeral *dois*, o que mostra que a capacidade de substituição não é exclusiva dos pronomes. (MONTEIRO, 1994, p. 29)

2.2.3 - A categoria de pessoa

A categoria de pessoa é outro ponto problemático da abordagem tradicional apontado pelas duas autoras. No Latim, a terceira pessoa não fazia parte do paradigma de pronomes pessoais. Havia sim um sistema heterônimo com distinção entre singular e plural, constituído pelos pronomes pessoais "legítimos" (*eu, tu, nós, vós*).

Ao analisar a evolução do quadro de pronomes pessoais do Latim ao português, Câmara Jr. (1979, p. 91) constata que em Latim não havia uma forma pronominal específica para indicar elementos exteriores ao falante e ao ouvinte, a terceira pessoa. Essa informação gramatical era expressa por meio de uma flexão verbal, que indicava quando o sujeito não era nem o ouvinte nem o falante, e a especificação desse sujeito era feita pelo respectivo nome substantivo ou por um pronome demonstrativo. Havia, portanto, um sistema de demonstrativos que atuava como parte integrante da expressão formal da categoria gramatical de terceira pessoa.

Ainda segundo o autor, na passagem do Latim para o português, o demonstrativo *ille* teve seu valor dêitico enfraquecido, ou seja, a sua capacidade de se reportar diretamente ao mundo biossocial, ganhando outros valores (anafóricos), servindo, portanto, a uma gama maior de construções.

É consensual entre os gramáticos considerar que a função básica dos pronomes pessoais é indicar as pessoas do discurso. A primeira pessoa (*eu*) é a pessoa que fala, a segunda pessoa (*tu*) é a pessoa com quem se fala, e a terceira pessoa (*ele* e variantes) é

aquilo de que se fala (sobre quem é o discurso). Benveniste (1988), por outro lado, defende que a terceira pessoa está fora do eixo dialógico, é a dita não-pessoa. Com a inserção no sistema de pronomes pessoais do demonstrativo *ille*, passou-se a incluir a terceira pessoa no leque das pessoas do discurso, quando, na verdade, pode-se verificar que há diferença de natureza e de função entre os pronomes de primeira e segunda pessoas e os de terceira. A gramaticalização por que passou o item lexical *ille* gerou, segundo Câmara (1979), assimetrias formais e funcionais no sistema de pronomes pessoais. O demonstrativo gramaticalizado conservou de sua forma original a propriedade de flexão de número e gênero dos demonstrativos, traço não compartilhado com os pronomes "legítimos" (*eu, tu, vós e nós*), que não apresentam tal estrutura morfossintática.

Menon (2006) e Lopes (2004) concordam que os gramáticos tradicionais estão equivocados ao considerar a terceira pessoa como pessoa do discurso. A noção de pessoa nos remete à situação linguística, à enunciação. Os elementos que participam ativamente da situação comunicativa são locutor e interlocutor, os dois pólos do eixo comunicativo. A terceira pessoa é o próprio objeto da enunciação, o enunciado. Algumas marcas formais podem validar essa interpretação. De acordo com Lopes (2004), a primeira é o fato de a dita não pessoa combinar-se a verbos que nas línguas do mundo, em geral, levam a desinência zero, o que confirma a sua impessoalidade. Outro aspecto relevante é que as formas de terceira pessoa são menos situacionais e mais textuais, isto é, anafóricas. Menon (2006, p. 75) esclarece a diferença funcional entre os pronomes dos paradigmas de primeira e segunda pessoas e o de terceira. Segundo ela, os pronomes de terceira exercem função anafórica, ou seja, substituem nomes no contexto linguístico. Os pronomes *eu, tu, nós, vós* não substituem nomes no contexto linguístico, o que vai de encontro à definição etimológica de pronome. Esses elementos exercem função dêitica, que é a capacidade de se reportar ao mundo biossocial de forma imediata e direta, sem que seja por meio de um substantivo. A autora mostra que isso não acontece com as formas de terceira pessoa, que só adquirem referência através de um nome substantivo, que por sua vez pode referir-se a qualquer coisa que seja assunto passivo da comunicação (BENVENISTE, 1995, p.253).

Consoante Benveniste (1995), as verdadeiras pessoas do discurso apresentam alguns traços específicos e identificadores. O autor cita a *unicidade específica* - o 'eu' que enuncia, o 'tu' ao qual o 'eu' se dirige. Em cada situação, as duas pessoas são únicas,

mas se invertem ou são intercambiáveis durante a interação dialógica. As formas de terceira pessoa, por outro lado, podem denominar referentes linguísticos não dependentes do contexto da enunciação, ou seja, ser uma infinidade de sujeitos ou então sujeito nenhum. Não há, entretanto, inversibilidade semelhante entre *eu* e *ele* ou entre *tu* e *ele*, uma vez que *ele* em si mesmo não designa nada nem ninguém. A *transcendência* e a *interioridade* são marcas que o autor também relaciona às verdadeiras pessoas do discurso. Para Benveniste (1995), a questão das pessoas do discurso levanta dois pontos principais: a correlação de pessoalidade, em que as pessoas *eu* e *tu* se opõem à não pessoa *ele*; e a correlação de subjetividade, que opõe *eu* (pessoa subjetiva) a *tu* (pessoa não subjetiva), opondo-se esses dois pronomes à forma *ele* e variantes, forma não-pessoal.

De forma sintética, pode-se dizer que a diferença entre *eu* e *tu*, por um lado, e o *ele* e variantes, por outro, reside no fato de que aqueles sempre se referem àquele que fala e a quem a fala se dirige; não substituem nomes, contrariando a definição etimológica do termo pronome; e não apresentam as categorias de número e gênero que a forma *ele* e variantes apresentam. Pode-se concluir, portanto, que a noção de pessoalidade se estendeu indevidamente a elementos que não participam diretamente do ato discursivo. Citando Monteiro (1994, p. 32), Menon (2006) explica que, desde a definição de Dionísio da Trácia, os pronomes são alvo de reflexões e equívocos. Os gramáticos brasileiros apenas reproduziram o modelo de descrição gramatical herdado dos tratados greco-latinos.

Em síntese:

- A classificação de *Você* como legítimo pronome-sujeito de segunda pessoa é coerente e válida, uma vez que a forma linguística apresenta funções e alguns aspectos formais típicos de um "legítimo" pronome-sujeito de segunda pessoa.

- O atual quadro de pronomes pessoais apresentado pelas GT's, como já havia dito Lopes (2004) e Menon (2006), é problemático e está desatualizado, uma vez que desconsidera formas amplamente utilizadas em linguagem coloquial, como o pronome *você* e o *a gente*, formas que se inseriram no quadro de pronomes pessoais e são, atualmente, em algumas regiões do Brasil, muito mais produtivas que aquelas presentes nos manuais didáticos.

- A forma *Você*, segundo estudos descritivos sobre o atual quadro de sistemas pronominais em uso na variedade brasileira, deveria ser apresentada como forma pronominal pessoal, visto que co-ocorre, concorre com o pronome *Tu*. Em algumas regiões no Brasil, representa a única opção de que dispõem os falantes para se referirem ao seu interlocutor. O atual quadro de pronomes pessoais apresentado pelos manuais escolares é problemático e está defasado, porque desconsidera o uso efetivo dos pronomes pessoais pelos falantes. Menon (2006) sugere que sejam feitas atualizações que levem em conta a realidade concreta do PB na atual sincronia.

-A categorização da forma *Você* não é unânime entre os gramáticos. A classificação da forma *Você* oscila de uma gramática à outra e até mesmo na literatura de um mesmo autor. Kury (1964) e Cegalla (1985), por exemplo, chamam de pronome de tratamento e outros gramáticos de pronome pessoal.

- A inclusão da forma *Você* no rol das formas de tratamento, ao lado de formas que são usadas em contextos específicos, como *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade* etc. é desconsiderar o uso de pronome pessoal do *Você*, que apresenta os traços de segunda discutidos anteriormente: *unicidade específica*, *inversibilidade*, *correlação de pessoalidade e de subjetividade*.

Como a ênfase de nosso estudo é a variação entre *Tu* e *Você* na posição de sujeito, será apresentado na seção seguinte um panorama dos atuais subsistemas de tratamento vigentes no português brasileiro com base em estudos empíricos.

2.3 - Estudos sincrônicos sobre o tema

Com o intuito de mapear os subsistemas dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro, apresentar-se-ão alguns resultados sobre a variação *Tu~Você* nas diversas regiões do Brasil. Interessante observar os trabalhos de Lopes *et al.* (2009) e Paredes Silva (2003) por dois motivos. Primeiramente, as autoras analisaram dados do Rio de Janeiro. Em segundo lugar, os dois estudos apresentam uma metodologia distinta do modelo tradicionalmente conhecido nos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil. Como será discutido posteriormente, nas entrevistas labovianas as formas de

tratamento ocorrem na fala do documentador e não nos dados dos informantes (PAREDES SILVA, 2003, 2011; SCHERRE *ET AL.*, 2009 E LOPES *ET AL.*, 2009).

Os resultados aqui apresentados foram levantados por Scherre *et al.* (2009). Segundo os autores, os trabalhos apontam que o *Você* pleno e explícito tem uso mais generalizado e menos marcado do que o pronome *Tu* (com concordância variável, mas usualmente sem concordância). Scherre *et al.* (2009) defendem que, a depender da natureza da interação, o pronome *Você* pleno e explícito pode apresentar (i) uso informal, (ii) uso menos informal, (iii) uso como forma de contato e (iv) uso estranho à comunidade local. O uso informal do pronome ocorre quando este alterna com as variantes *cê/ocê* ou com o pronome *senhor*. Minas, na região sudeste, e Goiás, na região Centro-Oeste são as duas regiões em que é possível observar um *uso informal* do pronome.

Nos estados do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco, na região Nordeste, e em Brasília, é possível observar um *uso menos informal* da forma *Você*. Nessas regiões, o pronome disputa com a forma *Tu* e com o pronome *senhor* a função de forma de tratamento.

O terceiro uso da forma *Você* pode ser observado no interior do Estado do Amazonas, mais especificamente na cidade de Tefé, na região Norte. Nessa região, o pronome é usado como *forma de contato*, segundo Scherre *et al.* (2009), sendo logo substituído pelo pronome *Tu*, que apresenta concordância variável e alterna com o pronome *senhor*.

Por fim, a forma *Você* pode apresentar, como observado no Estado do Rio Grande do Sul, *uso estranho à comunidade local*. Na região sul do Brasil, a forma *Tu* apresenta uso natural, sendo a estratégia de referência ao interlocutor eleita pelos falantes. Nessa região, o pronome *Tu*, que apresenta concordância variável, alternando com o pronome *senhor* em situações formais.

Com base no tipo de interação, na frequência média do pronome *Tu* ou *Você* e na presença ou ausência da concordância com a forma *Tu*, Scherre *et al.* (2009) defendem a existência de seis subsistemas no PB na atual sincronia, a saber:

O primeiro subsistema identificado pelos autores apresenta frequência de uso da forma *Você* e suas variantes entre 97% e 100%. Scherre *et al.* (2009) classificaram esse

subsistema como subsistema V, sendo possível observar tal padrão de variação de formas tratamentais nas regiões Centro-Oeste, Sudeste (Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia, Arcos, em Minas Gerais; Vitória, no Espírito Santo), no Sul (Curitiba, no Paraná) e Nordeste (Salvador, Helvécia e Rio das Contas, na Bahia), sem representante conhecido para a região Norte;

O segundo subsistema é o subsistema T. Nesse caso, o *Tu* apresenta uso predominante (com frequência de uso acima de 80%), sendo empregado com concordância abaixo de 10% (menos de 7%). Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Pelotas, no Rio Grande do Sul; e Tefé no Amazonas, na região Norte são as regiões do Brasil em que é possível detectar esse tipo de subsistema tratamental;³

O terceiro subsistema observado é o subsistema pronominal T/V. Nesse subsistema a forma *Tu* apresenta baixos índices de uso com concordância (aproximadamente 1%). Há equilíbrio de uso das formas *Tu e Você* (50%, respectivamente). Esse padrão de variação pode ser observado na região Sul (Chapecó, em Santa Catarina), sem representante conhecido para as demais regiões;⁴

O pronome *Tu* também pode apresentar concordância média, como ocorre no subsistema pronominal T, o quarto subsistema proposto por Scherre *et al.* (2009). Apresentando uso predominante do pronome *Tu* (entre 76% e 96%), com concordância com o pronome *Tu* acima de 40% (entre 43% e 60%), apresentam-se as cidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha, em Santa Catarina, as representantes sulistas do quarto tipo de subsistema proposto. No nordeste, São Luís, no Maranhão; e no Norte, Belém, no Pará são as cidades do Brasil que representam o quarto padrão de variação das estratégias de referência à segunda pessoa;⁵

No quinto subsistema descrito pelos autores, o pronome *Tu* é empregado categoricamente sem concordância. Dentro desse subsistema, as formas *Tu e Você* apresentam uso variável (30% a 95% de *Você* ou 5% a 70% de uso de *Tu*). Tal subsistema foi observado no Centro-Oeste DF (Grande Brasília/Distrito Federal), Sudeste (Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro; Santos, em São Paulo; São João da Ponte,

³ Cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 138; AMARAL, 2003, p. 15 E 120; MARTINS, 2009.

⁴ Cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 133, 137 E 167.

⁵ Cf. LOREGIAN, 1996: 65; LOREGIAN-PENKAL, 2004: 136:167; SOARES E LEAL, 1993, p. 51.

em Minas Gerais), Sul (Paraná, em áreas bilingues) e Nordeste (Cinzento, Sapé, Poções, Santo Antônio, na Bahia), sem representante para a região Norte;⁶

Por fim, os autores consideram o subsistema pronominal em que os pronomes *Tu* e *Você* disputam o papel de pronome-sujeito e a forma *Tu* apresenta concordância acima de 10% (entre 14 e 38%, segundo os autores). Com base nesses índices de frequência de uso do pronome com concordância, os autores classificaram esse subsistema como o subsistema T/V ou V/T com concordância com o pronome *Tu* médio-baixa. As cidades Blumenau – 27% de *Tu* – e Lages 27%-, em Santa Catarina são as representantes sulistas do subsistema. No nordeste, há relatos desse subsistema em Recife, em Pernambuco; João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba; Fortaleza, no Ceará; Teresina, no Piauí; Imperatriz, no Maranhão⁷.

Segue abaixo um quadro da distribuição dos seis subsistemas dos pronomes pessoais de 2ª pessoa pelas regiões brasileiras.

Centro-Oeste	Distrito Federal (CO)	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
<i>Você</i>		<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
			<i>Tu</i> Concordância muito baixa <i>Tu/Você</i> Concordância muito baixa <i>Tu</i> Conc. Média	<i>Tu</i> Conc. Média	<i>Tu</i> Concordância Muito baixa <i>Tu</i> Conc. Média
	<i>Você/Tu</i> <i>Tu/Você</i> Sem conc.	<i>Você/Tu</i> <i>Tu/Você</i> Sem conc.	<i>Você/Tu Tu/Você</i> Sem conc.	<i>Você/Tu</i> <i>Tu/Você</i> Sem conc.	<i>Você/Tu</i> <i>Tu/Você</i> Sem conc.
			<i>Tu/Você</i> <i>Você/Tu</i> Concordância Médio-baixa	<i>Tu/Você</i> <i>Você/Tu</i> Concordância Médio-baixa	

Quadro 1: Distribuição dos 6 subsistemas dos pronomes pessoais de 2ª pessoa pelas regiões brasileiras (Adaptado de Scherre *et al.* 2009)

⁶ Cf. LUCCA, 2005; DIAS, 2007; PAREDES SILVA, 2003: 163; LOPES *ET AL.*, 2009; MODESTO, 2006:85; MOTA, 2008:64; LEÃO, ALTENHOFEN & KLASSMANN, 2003; FIGUEIREDO, 2005, p. 13; FIGUEIREDO, 2007, p. 13.

⁷ Cf. LOREGIAN, 1996, p. 65; LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 137-167; BEZERRA, 1994, p. 115; PEDROSA, 1999; SOARES, 1980; HERÊNIO, 2006, p. 76-79.

O quadro 1 nos mostra que o subsistema *Você/Tu* sem concordância é o subsistema mais produtivo, apresentando representantes em quase todas as regiões do Brasil, com exceção da região Centro-Oeste. Tal subsistema talvez seja o mais recorrente, porque disponibiliza a seus usuários a possibilidade de marcar diferentes graus de intimidade com seu interlocutor, sendo a forma *Tu* empregada no tratamento íntimo e a forma *Você* no tratamento mais formal. Especula-se ainda que tal subsistema viabilize o emprego do sujeito *Nulo/zero*-sujeito como estratégia de referência ao interlocutor na modalidade falada da língua, possibilitando aos informantes a manutenção de um comportamento interpessoal neutro. Nos outros subsistemas em que as formas *Tu* e *Você* competem pela expressão formal da segunda pessoa do discurso, tendo o pronome *Tu* concordância variável, pode-se especular que a tendência é o apagamento da desinência de número-pessoa em consequência de uma regularização do paradigma verbal no qual são privilegiadas formas neutras (cf. AMARAL, 2003). Tal tendência fará com que tais subsistemas evoluam na direção do subsistema T/V sem concordância, o subsistema que tem se mostrado o mais geral e produtivo do Brasil.

Com o intuito de facilitar a visualização da distribuição dos subsistemas propostos por Scherre *et al.* (2009), segue abaixo um mapa dos subsistemas detectados pelos pesquisadores nas regiões do Brasil, revelando a configuração diatópica no PB:

Mapas dos subsistemas no Brasil



(Adaptado de Lopes (2010))

Apoiados em resultados de levantamento exaustivo sobre a alternância das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso, Scherre *et al.* (2009) formulam as seguintes hipóteses a serem testadas: (i) o pronome *Você* pleno e explícito (sempre com concordância) tem sistematicamente uso mais generalizado e menos marcado do que o pronome *Tu* (com concordância variável, mas usualmente sem concordância) e (ii) a variante do par T/V, em áreas que não têm o pronome *Tu*, é utilizada para marcar solidariedade entre os pares, seria o pronome *Cê* (cf. GONÇALVES, 2008). Além disso, os autores buscam entender se está mesmo havendo um ressurgimento do pronome *Tu* no português brasileiro ou se o *Tu* não aparecia apenas por causa da natureza dos dados coletados (cf., novamente, PAREDES SILVA, 2003; e LOPES *et alii*, 2009, para mais detalhes).

Os autores argumentam que variantes que marcam solidariedade entre os pares, mesmo que abaixo do nível da consciência social, podem não ocorrer em entrevistas labovianas típicas, mesmo que se busque minimizar o *paradoxo do observador*, nos termos de Labov (1975). Segundo Tarallo (2007), o *paradoxo do observador*:

Isto é, de um lado, o pesquisador necessita de grande quantidade de dados que somente podem ser coletadas através de sua participação direta na interação com os falantes; de outro, essa participação direta pode perturbar a neutralidade do evento. (TARALLO, 2007, p. 21)

Para os pesquisadores, a análise do fenômeno da alternância de referência à segunda pessoa do singular impõe aos pesquisadores o desafio da elaboração de métodos alternativos para a coleta de dados interacionais, como o fizeram Paredes Silva (2003), Lucca (2005) e Dias (2007), Lopes *et al.* (2009) e está sendo feito por Martins (2009), Andrade (2009) e Calmon (2009). Nosso trabalho também se insere nessa perspectiva de organizar um *corpus* específico para análise do tratamento de 2ª pessoa. A ideia é captar realmente o vernáculo, no sentido laboviano do termo.

Para melhor conhecer o fenômeno, serão apresentados alguns trabalhos⁸ que serviram de base para a classificação proposta por Scherre *et al.* (2009). Esses estudos, de modo geral, foram realizados à luz da Teoria da Variação e Mudança, proposta Labov (1972); da Teoria da Polidez, de Brown & Levinson (1987) e da Teoria do Poder e da Solidariedade, Brown & Gilman (1960).

⁸ Serão apresentados os seguintes trabalhos: para a *região nordeste*, expõem-se as investigações de Soares (1980), com a fala de Fortaleza; a de Bezerra (1994), com a fala de crianças da Paraíba; e a de Pedrosa (1999), com a fala de João Pessoa (PB). Para a *região Norte*, apresenta-se o trabalho de Soares & Leal (1993), com a fala do Pará. Para a *região sudeste*, apresentam-se os trabalhos de Ramos (1997), com o dialeto de Belo Horizonte; o de Paredes e Silva (2003), com a fala carioca; o de Modesto (2006), com a fala santista (SP); e o de Lopes *et alii* (2009), com a fala carioca. Para a região *centro-oeste*, volta-se o foco para os estudos de Lucca (2005) e de Dias (2007), com a fala brasiliense. Para a *região sul*, destacam-se as análises de Loregian-Penkall (2004), que investiga a fala de capitais (Porto Alegre e Florianópolis) e da cidade interiorana (Ribeirão da Ilha) e o estudo de Amaral (2003), com a fala de Pelotas (RS).

Região Nordeste

Ao analisar as formas de tratamento produtivas na fala de Fortaleza, Soares (1980) constatou a existência de um sistema ternário – *Tu, Você, Senhor* – estratégias de tratamento produtivas nas relações simétricas e assimétricas de interação formal e informal em contextos reais e simulados de fala (interações comunicativas de autoria dos informantes com base em ilustrações) de fala. A alternância entre as formas de tratamento é condicionada pela situação comunicativa, pelo papel social, pela idade e pelo grau de intimidade dos interlocutores. Soares (1980) observou que o *Tu* é mais produtivo que a forma *Você*. Essa última, por sua vez, é selecionada em situações comunicativas mais voltadas para a formalidade na fala de Fortaleza. O *Tu* apresenta concordância variável em seus dados. A escolaridade do falante, o grau de formalidade da situação comunicativa e o grau de atenção do informante à sua própria expressão oral são os fatores que condicionam a expressão da concordância com o pronome de segunda pessoa.

Outro resultado relativo à região nordeste do Brasil é o estudo realizado por Bezerra (1994). Baseada na fala espontânea de crianças paraibanas entre 06 e 12 anos, a autora analisa o grau de variação das formas *Tu* e *Você* no discurso infantil da Paraíba. Foram analisadas as ocorrências das formas pronominais na função de sujeito. A autora constatou que a expressão das marcas de concordância é variável, assim como ocorre na fala de Fortaleza. O estudo realizado constitui uma análise interacional que versa sobre questões de polidez e preservação de face, não se detendo aos resultados quantitativos. Entretanto, foi possível observar alguns resultados quantitativos interessantes em relação à produtividade de *Tu* e *Você*. A primeira estratégia de referência ao interlocutor apresenta frequência de uso superior à da segunda (69% de *Tu* contra 31% de *Você*). O tipo de ato comunicativo da situação de interlocução é que determina o uso de uma ou outra forma pronominal no discurso infantil das crianças paraibanas. Em contextos comunicativos de maior intimidade é o *Tu* que predomina, ao passo que o *Você* se mostra mais produtivo em contextos comunicativos de não solidariedade entre os interlocutores, contextos marcados pela ameaça à face do interlocutor.

Com relação à influência do sexo/gênero do falante sobre o fenômeno variável, a autora relata uma acirrada concorrência entre os meninos e meninas: 71% das meninas preferem o *Tu*, assim como 65% dos meninos optam pelo *Tu*.

Pedrosa (1999) estuda a concordância verbal com o pronome *Tu*, em João Pessoa (Paraíba), outra região que representa a região nordeste do Brasil. Com base em dados de fala do VALPB em relação ao gênero, à faixa etária e à escolaridade dos pessoenses, Pedrosa consta haver uma tendência à não realização da concordância com o pronome *Tu*, em 77% dos dados. Os falantes mais jovens, entre 15 e 25 anos, e os adultos, com idade acima de 50 anos, tendem a estabelecer a concordância canônica com o pronome *Tu*. Com relação à escolaridade, os resultados corroboram o papel decisivo da educação formal para a produção de formas de maior prestígio social: a concordância canônica é mais recorrente entre os informantes pessoenses com um período de estudos superior a cinco anos, ao passo que, entre os pessoenses de zero até quatro anos de escolarização, a aplicação da regra de concordância é desfavorecida.

Região Norte

Para o mapeamento da região Norte, foi considerado o estudo Soares & Leal (1993). Tal estudo constitui uma análise das formas de tratamento empregadas por pais (professores e funcionários da Universidade Federal do Pará) e seus respectivos filhos. As autoras mostram que, entre os filhos, as formas *Tu* e *Senhor* são as escolhidas ao se dirigirem aos pais, revelando uma diferença de comportamento interessante: o *Tu* é mais comum na fala dos filhos de professores, ao passo que o *Senhor* é estratégia eleita para se dirigirem a seus pais. Os pais, por sua vez, se dirigem aos seus filhos por *Tu*, usando mais essa forma pronominal para os filhos adolescentes do que para as crianças.

Região Sudeste

Para a região sudeste, há os trabalhos de Ramos (1997), Paredes Silva (2003, 2011), Modesto (2007) e Lopes *et al.* (2009).

Para Minas Gerais, há o estudo de Ramos (1997), que investiga a capital mineira, Belo Horizonte, e o de Mota (2008), que analisou dados de uma cidade do interior do estado. Ramos (1997) investigou a variação entre as formas pronominais de referência à segunda pessoa do discurso *Você/Ocê/Cê* em um *corpus* formado por entrevistas representativas do dialeto de Belo Horizonte. O estudo de cunho variacionista (LABOV, 1972) apresentava dois objetivos principais: (i) detectar o nível de variação entre as formas *Você/Ocê/Ce* e (ii) averiguar a legitimidade da hipótese de que o *Cê* já se constituiria um clítico no PB. Os resultados confirmaram a hipótese da

autora: a forma *Cê* apresentou alta frequência de uso os falantes de Belo Horizonte, sendo empregada principalmente no nominativo, ao passo que as formas *Você* e *Ocê*, ocorrem nos casos nominativo e oblíquo. A distribuição da forma inovadora *Cê* por todas as faixas etárias (jovens, medianos e velhos) evidenciou que tal forma já está implementada no sistema linguístico. A forma *Cê* mostrou-se produtiva entre as mulheres, o que permite considerá-la uma variante não estigmatizada no dialeto de Belo Horizonte, uma vez que, como já conjecturado por Labov (1990), as mulheres preferem as variantes de prestígio. A hipótese de cliticização postulada por Ramos pôde ser atestada, sendo tal processo favorecido, sobretudo, em contextos de orações interrogativas do tipo ‘que que’ na fala de Belo Horizonte.

O trabalho de Mota (2008) objetivou identificar as motivações de uso dos pronomes *Tu/Você* no interior do município de São João da Ponte (MG). Trata-se baseado nos pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001), cujo objetivo era a detecção da razão sócio-histórica para a conservação do *Tu*. Para a coleta dos dados, a autora realizou entrevistas e testes de produção linguística, visando à produção de sujeitos de segunda pessoa por homens e mulheres com ensino fundamental de escolaridade. Foram controladas as produções verbais de informantes pertencentes a três faixas etárias: de 07-14 anos (crianças), de 15-25 anos (jovens), de 26-49 anos (adultos) e com mais de 50 anos (idosos). A análise quantitativa sob orientação sociolinguística revelou que o *Tu* é uma estratégia comum aos falantes das quatro faixas etárias controladas. Os jovens (de 25-25 anos) são os que mais empregam a forma pronominal. Para Mota (2008), o *Tu*, em São João da Ponte, é um resquício do falar rural, apresentando alta produtividade na função de objeto (*te*), com (.91) de peso relativo e somente nessa função sintática apresenta produtividade superior à da forma *Você*. Esta última mostrou-se mais produtiva na função de sujeito (96%). Tal resultado pôde ser observado tanto nas entrevistas, quanto nos testes de produção linguística, os dois métodos empregados pela pesquisadora para a coleta dos dados. Com base na expressão da fala dos moradores de São João da Ponte, a pesquisadora constatou o predomínio de *Tu*, sobretudo, nas relações mais íntimas. O fenômeno variável foi considerado estável, e o isolamento da comunidade no processo de urbanização e incremento econômico da cidade foi identificado como a motivação sócio-histórica para a resistência do *Tu*.

O dialeto carioca foi investigado primeiramente por Paredes Silva (2003) e depois por Lopes *et al.* (2009). Paredes Silva (2003) investigou a alternância entre as

formas *Tu* e *Você* como sujeitos na fala carioca contemporânea, tentando explicar o porquê do retorno do *Tu* à fala carioca. Em estudo com base nos pressupostos sociolinguísticos labovianas a autora analisou o fenômeno variável em um *corpus* constituído por registros de conversas informais produzidos entre setembro de 1995 e março de 1996 (a amostra Paredes Silva, 1996). A pesquisadora enriqueceu a análise ao acrescentar dados do acervo do Projeto PEUL/UFRJ registrados em momentos distintos do século XX. A hipótese que norteava esse trabalho era a de que o falante recupera uso do *Tu* – um monossílabo tônico – como uma forma de envolver o ouvinte durante a conversação. Baseada no pensamento de Barrenechea e Alonso (1987), para os quais há alta produtividade de sujeitos de segunda pessoa do discurso em línguas que podem omiti-lo, como o português e o espanhol, Paredes Silva (2003) argumenta que a necessidade de envolver o interlocutor durante a conversação explica os altos índices de sujeitos de segunda pessoa. A tonicidade do pronome-sujeito seria responsável pelo retorno da forma *Tu* à fala carioca. Tal hipótese foi referendada a partir da constatação do desgaste fonético da forma em competição com o *Tu*, o pronome-sujeito *Você*, já em estágio avançado de cliticização, como nos mostram Ramos (1997) e Paredes Silva (1998). O gênero/sexo e a faixa etária foram considerados pelo programa VARBRUL fatores sociais relevantes para a produtividade do *Tu-sujeito* na fala carioca nas duas amostras analisadas. O *Tu-sujeito* é empregado categoricamente com o verbo na forma não canônica, o que confere estigma à variante. Trata-se de uma forma produtiva entre homens, sendo a estratégia preferida entre os mais jovens, o que constitui um indício de uma mudança linguística ainda em curso no dialeto carioca.

Lopes *et alii* (2009) se propôs investigar a coexistência de *Você* e *Tu* no espaço urbano do Rio de Janeiro contemporâneo. A relevância desse trabalho se deveu ao fato de a pesquisadora ter adotado método alternativo para a coleta de dados de sujeito de segunda pessoa. De modo geral, os trabalhos de cunho variacionista utilizam a entrevista sociolinguística para a coleta de dados de fala. A análise do fenômeno em pauta requer que os sujeitos de segunda pessoa sejam referentes a dados interacionais, o que não ocorre em entrevistas sociolinguísticas, uma vez que gênero não favorece a interação (PAREDES SILVA, 2011). Para estudar a variação entre os sujeitos de segunda pessoa *Tu* e *Você* na fala de habitantes do Rio de Janeiro, os autores testaram a metodologia alternativa que se propõe discutir nesta dissertação. Foi constituída uma amostra piloto de fala carioca constituída por gravações secretas de conversações travadas com ambulantes, vendedores e gerentes abordados no centro da cidade do Rio

de Janeiro, com perguntas do tipo “Como eu faço para chegar na Rua do Acre?”. Empregando tal metodologia, os autores realizaram vinte entrevistas e confeccionaram um estudo quantitativo das formas de tratamento pessoal de teor laboviano (LABOV, 1994), coindexando os fatores linguísticos a fatores sócio-pragmáticos, tendo em vista a Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1987).

Em síntese, os resultados desse estudo apontam (i) o emprego generalizado de *Você* entre gerentes e vendedores independentemente do gênero dos informantes; (ii) a produtividade variável de *Você e Tu* entre os vendedores ambulantes com algumas restrições no que se refere ao gênero e a faixa etária dos informantes: os homens mais jovens usaram tão somente o *Tu*; as mulheres idosas, por outro lado, preferiram o *Você* e os adultos, independentemente do gênero do falante, empregaram variavelmente ora o *Tu*, ora o *Você*. Os autores especulam que, a médio e longo prazo, haverá uma convergência que nivelará *Você~Tu* na fala carioca. A análise qualitativa feita à luz da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) mostrou que o falante carioca emprega o *Você* não marcado como uma estratégia neutra de proteção da sua face. À medida que a interação se torna mais cooperativa, há a possibilidade de o informante ensaiar maior aproximação e intimidade com seu interlocutor, chegando a tratá-lo por *Tu*.

A cidade de São Paulo, também na região sudeste, teve seu sistema tratamental investigado por Modesto (2007). O autor detectou a alternância entre *Tu* e *Você* na cidade de Santos (cidade litorânea de São Paulo). O fenômeno variável foi descrito e analisado com base em dados da fala de jovens e de adultos coletados através de gravações secretas e não secretas. A análise de dados foi feita à luz da Teoria da Variação de orientação laboviana (1972, 1983) e com base nas ideias funcionalistas de Halliday (1974, 1975 e 1976). O *corpus* analisado se constituiu a partir do discurso de informantes nascidos em Santos ou que, em tal cidade, tenham vindo residir até os sete anos de idade. Foram gravadas as falas de homens e mulheres com dois níveis de escolaridade, a saber: ensino médio e superior. Com relação à produtividade das formas em competição, o autor constatou que a forma *Você* era mais produtiva que o *Tu*: 67% de *Você* contra 32% de *Tu*. Fatores linguísticos, sociais e pragmático-discursivos determinaram a escolha das formas em competição. O *Tu*, por exemplo, tem seu uso motivado por situações de [+envolvimento], [-monitoramento] e [+expressividade]. Situações inversas condicionaram a produtividade da forma *Você*: [+monitoramento], [-expressividade]. O oblíquo *Te* era empregado com o *Tu* e com o *Você* em um mesmo

ato ilocucionário. Como o programa computacional *Godvarb 2001* não selecionou as variáveis gênero e faixa etária como relevantes para aplicação da regra variável, o autor concluiu que não se tratava de uma situação de mudança em progresso. Para o autor, as formas alternantes *Tu* e *Você* estão na fala de Santos em uma relação de contemporização, mantendo-se estáveis na atual sincronia, isto é, em co-ocorrência nas situações linguísticas especificamente determinadas pelo contexto pragmático-discursivo.

Esses estudos feitos em diferentes cidades da região sudeste já conseguiram captar a coexistência de vários subsistemas de tratamento a depender da localidade. Em Minas Gerais, prevalece o sistema de *Você* generalizado, com a forma *Tu* sendo usada no interior. Em Santos, região litorânea de São Paulo, detectou-se a variação entre *Você* e *Tu* e no Rio de Janeiro, os dois estudos mostraram também a variação entre as duas formas em competição com a forma *Tu* categórica sem concordância verbal.

Centro-Oeste

Os trabalhos de Lucca (2005) e Dias (2007) ilustram o funcionamento do subsistema tratamental brasiliense. Orientados por Martha Scherre⁹, os dois estudos apresentam correlação eficiente que os torna um retrato do uso da forma *Tu* na cidade de Brasília e conseqüentemente exemplos do subsistema brasiliense.

Lucca (2005) foi o primeiro estudo da tríade de trabalhos orientados por Martha Scherre sobre o tema escolhida para representar a região Centro-Oeste. A autora se propôs a analisar a variação estilística em relação à referência de segunda pessoa do discurso na fala de jovens brasilienses do sexo masculino. Para a coleta dos dados, a autora constituiu uma amostra composta por conversações travadas entre informantes do gênero masculino, nascidos nas regiões administrativas de Taguatinga, Ceilândia e Brasília, estudantes do ensino médio da rede pública brasiliense. A submissão dos dados ao programa computacional *Goldvarb 2001* objetivou a análise dos fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso variável dos pronomes *Tu* e *Você* pelos jovens brasilienses. Assumindo como pressupostos teóricos a noção de estilo conjecturada por Labov (1975), por Bell (1984, 2001) e a Teoria do Poder e da Solidariedade pensada por

⁹ Maria Martha Scherre é atualmente professora visitante da Universidade Federal do Espírito Santo.

Brown e Gilman (1960), a autora elaborou a hipótese de que os jovens brasileiros assumem um uso variável das formas linguísticas em conformidade com a audiência (*audience design*, cf. Bell, 1984). A hipótese era a de que o *Tu* seria empregado pelos informantes com os seus pares, ao passo que o *Você* seria empregado com os seus não pares. Para determinar o tipo de relação social travada entre os pares e os não pares, Lucca recorre à proposta de Brown & Gilman (1960). Os autores defendem que os pronomes de referência à segunda pessoa do discurso no francês *Tu* e *Vous* estão associados à dinâmica de relações sociais movidas pela Solidariedade ou pelo Poder, respectivamente. Nesse sentido, Lucca (2004a) parte da hipótese de que o *Tu* seja mais frequente entre os jovens brasileiros em relações sociais movidas pela informalidade, ou seja, pela dinâmica da solidariedade.

Os resultados revelaram que o *Tu* é mais produtivo em situações informais, cotidianas, familiares de intercâmbio linguístico entre pares solidários, o que confirmou a hipótese inicial da autora. O pronome *Você*, por outro lado, teve sua produtividade verificada em relações sociais solidárias cujos temas discursivos fossem familiares. Lucca constatou a íntima correlação entre a produtividade variável das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso – *Tu e Você* – e a variação estilística. A autora mostrou que tal fenômeno era motivado pela busca do informante de ajustar-se ao tema sobre o qual conversa com o seu interlocutor. A alternância entre as formas *Tu e Você* também foi investigada por Dias (2007) em outro estudo sobre a fala de Brasília orientado por Martha Scherre.

Dias (2007) analisou o fenômeno com base nos pressupostos da sociolinguística variacionista estabelecidos em Weinreich *et alii* (1968), com o intuito de verificar a distribuição das formas variantes na fala de informantes de três faixas etárias: de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos e com mais de 30 anos. Para a seleção dos mesmos, levou-se em consideração a origem dos informantes. Foram escolhidos os que eram provenientes de Brasília ou que morassem na cidade desde os cinco anos de idade. O método utilizado na coleta dos dados foi a gravação de conversas espontâneas, devido à dificuldade de captura do *Tu* nas entrevistas sociolinguísticas. Os resultados da influência da variável idade para a determinação do fenômeno variável revelaram duas tendências para o fenômeno: (i) trata-se de um processo de mudança em curso na língua com a expansão dos usos do *Tu* e (ii) há um processo de gradação etária no qual o uso do *Tu* diminui à medida que o falante se estabelece profissionalmente. Com relação ao uso das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso por homens e mulheres, a autora

constatou que o *Tu* era mais recorrente na fala masculina que na feminina. A distribuição das formas por faixa etária revelou que os informantes com idade superior a 30 anos usavam o *Tu* com interlocutores da mesma idade, o que pode ser considerado um traço de intimidade em diálogo cujo tom seja jocoso ou irônico. Outro fator que favoreceu a ocorrência do *Tu* era o estilo de vida do informante. Quando o informante apresentava um estilo de vida alternativo, verificou-se uma maior produtividade do *Tu* em sua fala. Por outro lado, falantes com estilo de vida conservador, tendiam a exibir menores índices de uso da forma.

Região Sul

O sul do Brasil está retratado pelos trabalhos de Amaral (2003) e Loregian-Penkall (2004). A autora investigou, sob a perspectiva teórica da sociolinguística variacionista, a expressão variável da referência à segunda pessoa do discurso através das formas *Tu* e *Você* na função de sujeito nulos e plenos. O fenômeno variável foi descrito e analisado em uma amostra ampliada de língua falada em capitais sulistas (Florianópolis e Porto Alegre) e em cidades interioranas (Ribeirão da Ilha), em Santa Catarina, no sul do Brasil. A autora constatou que o uso do *Tu*-sujeito no sul do Brasil era favorecido pela argumentação, pelo discurso determinado e pela expressão nula do sujeito pronominal. Consoante Loregian-Penkall, a forma *Tu* era empregada nos discursos argumentativos por constituir uma estratégia de convencimento do outro e de imposição de sua opinião, contexto propício ao emprego do pronome-sujeito. O tratamento mais íntimo, as ordens e a imposição da vontade do falante constituíam outros contextos favorecedores do emprego do *Tu*. Com relação à forma *Você*, a autora especula que foi através do discurso indeterminador que tal pronome entrou no sistema pronominal na fala do sul do Brasil. A expressão nula da forma *Tu* é recorrente entre os habitantes das regiões (Florianópolis e Ribeirão da Ilha), uma vez que em tais regiões a forma pode ser empregada com a concordância verbal canônica de segunda pessoa do discurso. Entre os falantes porto-alegrenses, a expressão formal do pronome de referência ao sujeito de segunda pessoa é comum, tanto através do *Tu*, como através do *Você*. Em relação ao gênero/sexo dos informantes, a pesquisadora constatou que as mulheres de Porto Alegre e de Florianópolis são as mais propensas ao emprego do *Tu*.

Com base em noventa entrevistas do Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – VarX – organizadas entre os anos de 2000 e 2001, Amaral

(2003) estudou a variação da manutenção de traço de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas (RS). O fenômeno é analisado à luz da Teoria da Variação laboviana e em considerações sobre a noção de classes sociais baseada em princípios socioeconomicistas, marxistas, econolinguísticos, ocupacionais e das condições estruturais de manutenção das desigualdades sociais. Amaral constatou que o apagamento variável da desinência de número-pessoa se dava em consequência de uma regularização do paradigma verbal no qual são privilegiadas formas neutras. O apagamento da desinência de segunda pessoa do singular era condicionado pela saliência fônica, pela interlocução, a entrevista/entrevistador, a ausência de pronome-sujeito e o tipo de frase. A expressão formal do traço de segunda pessoa do singular confere prestígio social ao falante, sendo, portanto, uma estratégia mais recorrente entre as mulheres e entre os informantes mais velhos. Amaral destacou que a ausência de tal marca, por outro lado, não representava algo estigmatizante em Pelotas, estando o processo de apagamento da marca de segunda pessoa em processo de mudança linguística quase completada. Outro resultado apresentado pelo autor é o fato de o *Você* ter uma produtividade inexpressiva na variedade Pelotense; foram identificadas no *corpus* apenas duas ocorrências da variante.

Resumindo para concluir...

O primeiro ponto a enfatizar, com base nos diversos estudos descritos, é o fato de o pronome sujeito *Tu* estar bastante presente e ter aumentado sua frequência de uso nos últimos anos em várias localidades, principalmente, sem o traço de concordância. O segundo refere-se aos fatores de natureza sócio-pragmática que influenciam na escolha dos falantes por *Tu* ou *Você* em áreas em que há coexistência das formas. Os estudos têm demonstrado, em síntese, forte favorecimento de *Tu* em atos diretivos, contexto determinado, situações mais solidárias e íntimas na fala de jovens do sexo masculino, principalmente os de menor escolaridade e/ou em áreas rurais ou do interior. A maior neutralidade, o caráter “menos invasivo” e o contexto indeterminado seriam os contextos favorecedores ao emprego da forma *Você* (LOPES *et alii*. 2009). Tais resultados nos servem como hipóteses básicas a serem testadas na amostra de fala que foi constituída para o estudo das formas de referência ao interlocutor empregadas na cidade do Rio de Janeiro.

3- Aspectos teórico-metodológicos

3.1.1 – A concepção de regra variável

A sociolinguística variacionista, teoria que norteará a elaboração da presente dissertação, é uma corrente teórico-metodológica que investiga a correlação entre fenômenos linguísticos variáveis e fatores sociais. Postulada por Labov *et al.* (1968), parte do princípio de que a língua, assim como a comunidade de fala, é heterogênea e que essa heterogeneidade é ordenada, ou seja, é condicionada por fatores de ordem linguística e extralinguística que podem ser mapeados. A variação é inerente às línguas naturais, uma vez que, no decorrer do tempo, se criam novas formas de dizer e chamar os fatos do mundo para atender às necessidades do homem no seu processo de interação social.

Todo sistema linguístico está sujeito a pressões que atuam no sentido da variedade, pelos motivos supracitados, e da unidade ou convergência, base para a noção de comunidade linguística. Por ser condicionada por fatores de natureza estrutural (ou linguística) ou social e por ser contextualizada com regularidade, pode-se dizer que a variação é passível de ser estudada e descrita. Em função da recorrência da atuação de parâmetros condicionadores, criam-se padrões preditivos que são estatisticamente mensuráveis.

Um conjunto de possibilidades de expressão de um mesmo significado (formas variantes) é chamado de fenômeno variável. O objeto de estudo de um estudo variacionista é a *variável dependente*, que recebe tal denominação pelo fato de sua ocorrência ser condicionada, como já dito, por fatores estruturais e sociais, as *variáveis independentes*. Estas atuam simultaneamente na determinação da ocorrência da variável dependente.

As características da variação linguística fazem com que seja expressa nos eixos diatópico e diastrático. No eixo horizontal, as alternâncias se expressam regionalmente, levando-se em consideração os limites físico-geográficos; no eixo vertical ou social, as alternâncias se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, considerando-se fronteiras sociais. As comunidades regionais são constituídas com base em marcadores regionais; e do ponto de vista vertical, padrões são gerados por meio de indicadores sociais. Esses padrões se formam também em função da recorrência de parâmetros condicionadores da variação, o que gera a sistematicidade que a caracteriza.

A variação está sujeita à avaliação social positiva e negativa, o que pode determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Toda língua apresenta variantes prestigiadas e variantes estigmatizadas. De modo geral, os falantes mais letrados tendem a ter maior consciência sobre o estigma das formas linguísticas, evitando-as. A esse respeito, (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 13) dizem-nos que:

Em princípio, estruturas de maior valor de mercado que recebem avaliação positiva parametrizam-se com grau alto de monitoramento e de letramento. Maior sensibilidade, percepção e planejamento lingüístico são, via de regra, pré-condição à produção das formas de prestígio e disposição adequada para eliminarem-se estigmas sociolingüísticos na fala ou na escrita. (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 13)

Os padrões que constituem as comunidades geográficas e os padrões sociais são preditivos e mensuráveis estatisticamente. No Rio de Janeiro, por exemplo, o pronome sujeito seguido de verbo sem marca distintiva de pessoa é uma variante que, embora estigmatizada socialmente, parece estar se tornando um indicador social que constitui tal comunidade de fala. Pode-se afirmar, com base na análise da frequência de ocorrências dessa variante nos atos de fala, que o *Tu* e até mesmo seu uso correlacionado com a terceira pessoa gramatical, não está restrito aos falares do sul, mas sim em amplo processo de expansão de uso em diversas regiões do Brasil.

Com base em tais pressupostos teóricos, foram desenvolvidos diversos modelos matemáticos que tornam possível a análise quantitativa dos fenômenos em variação, entre eles o de (cf. ROUSSEAU e SANKOFF, 1978), síntese dos anteriores, que tem servido mais eficazmente aos trabalhos de cunho variacionista. Tal modelo calcula os pesos relativos dos fatores em relação à variável dependente, a partir das frequências brutas, levando-nos a identificar os grupos inibidores e favorecedores em relação ao fenômeno variável e os ambientes mais favoráveis à aplicação da regra.

Para a aplicação dos modelos, utiliza-se o programa estatístico VARBRUL (com versões recentes GOLDVARB X e GOLDVARB 2001). O programa calcula as frequências brutas, os pesos relativos e seleciona os grupos de fatores mais relevantes para a aplicação da regra. Na análise de um fenômeno variável com duas variantes (binário), o peso relativo acima de 0.50 indica o favorecimento da aplicação da regra variável. Se os valores forem inferiores, considera-se o fator como inibidor do processo, e aqueles cujos valores forem próximos a 0.50 são considerados neutros. Os pesos relativos demonstram a influência de cada fator em relação ao valor de aplicação.

Consoante Naro (1992), pode-se também obter, através da média geral de aplicação da regra, a tendência de presença da variante sob estudo, o INPUT.

3.1.2 - Variação e mudança

No livro *Principles of linguistic change*, de 1994, Labov discute princípios e métodos de investigação da mudança linguística. Para o autor, o fenômeno linguístico em variação deve ser estudado em *tempo real* e em *tempo aparente*. O estudioso não desconsidera a dificuldade que os pesquisadores enfrentam ao empreender estudos em tempo real de longa duração. A inconsistência do material disponível para a análise de séculos passados é a principal dificuldade que enfrentam ao empreender estudos desse tipo.

Labov (1994) destaca que, com o uso das ferramentas de observação e com o controle estatístico de fenômenos linguísticos, é possível verificar se um fenômeno variável observado na atual sincronia configura uma variação estável ou se é um caso de mudança em processo de implementação. Há, portanto, duas maneiras de se observar a mudança em um curto espaço de tempo, o estudo em tempo aparente e o estudo em tempo real.

A análise da mudança em tempo aparente consiste em verificar, em dados de fala da atual sincronia, a distribuição das variantes por faixa etária, perspectiva aqui adotada. Nos estudos de tempo real, devem-se, entretanto, enfatizar os estudos de tempo real de curta duração. Há trabalhos realizados no Brasil, como os de Menon e Loregian-Penkal, 2002; Paiva e Duarte, 2003, entre outros, que congregam as duas perspectivas.

No nosso caso, não há como realizar, por enquanto, esse tipo de análise, uma vez que, como já dito anteriormente, os registros de fala de sincronias passadas não estão disponíveis. No caso desta dissertação, foram gravadas entrevistas específicas para a análise da variação entre as formas de tratamento de 2ª pessoa no Rio de Janeiro.

Para o estudo da mudança em tempo real, é necessário levantar uma amostra representativa em dois momentos distintos para, com base em índices de frequência, observar se uma variante está tomando o espaço da(s) outra(s) com o passar do tempo. Dessa forma, pode ser possível visualizar o final de uma mudança, antes que ela esteja completamente concluída, e determinar ainda, com maior ou menor precisão, quando ela se iniciou. Não será possível aplicar tal metodologia à análise do fenômeno em

pauta; entretanto, julgou-se necessário apresentá-lo para ilustrar a riqueza teórico-metodológica da sociolinguística variacionista de base laboviana.

3.1.2 - A Teoria da Polidez

Outro modelo que servirá de base para a análise do fenômeno em questão é a Teoria da Polidez, modelo teórico estudado por diversos autores (LAKOFF, 1973; BROWN & LEVINSON, 1978/1987; LEECH, 1983; BLUM-KULKA, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 1997). A perspectiva aqui adotada é a de Brown e Levinson (1978, 1987), uma vez que, embora não seja a primeira referência, é ainda a mais influente, segundo Eelen (2001), sendo uma perspectiva basilar das discussões posteriores sobre polidez/cortesia.

O objetivo dos autores, consoante Eelen (2001), é explicar como as relações sociais são construídas, fornecendo uma ferramenta linguística para analisá-la. Eelen, mostra que, para os autores, a polidez não seria apenas o julgamento que as pessoas fazem umas das outras.

Influenciados pelas ideias de Goffman (1980) sobre elaboração de face, Brown e Levinson (1987) elaboraram seu modelo da polidez. Os conceitos de face positiva e negativa são derivados das noções *face e território*, de Goffman (1980). *Face negativa* está relacionada ao território, à preservação pessoal e ao direito de não sofrer perturbação. Nesse caso, estão em jogo a liberdade de ação e a liberdade de não sofrer perturbação. *Face positiva* consiste na própria imagem e personalidade, desejada pelos falantes.

Consoante Brown e Levinson (1987), o tema central da teoria estaria vinculado a esses dois conceitos: *racionalidade e face*, características universais de uma pessoa modelo. A *racionalidade* é como o indivíduo raciocina visando alcançar seus objetivos e cada indivíduo possuiria um modo de raciocínio que pode ser definido com precisão. Este conduz a determinados objetivos a serem perseguidos e aos meios necessários para tentar consegui-los.

Outra influência das ideias de Goffman sobre a teoria diz respeito ao conceito de *ato de linguagem*, noção atualizada para o efeito que este (o ato de linguagem) pode ter sobre as faces dos participantes.

O modelo proposto pelos autores funciona da seguinte forma: durante uma interação comunicativa, ao realizar atos de linguagem, os falantes correriam o risco de ameaçar as faces dos seus interlocutores, tendo, portanto, a necessidade de lançar mão de estratégias reparadoras que visassem à manutenção do equilíbrio comunicativo. Os atos de fala poderiam ser realizados de cinco formas distintas: 1. de forma direta, situação em que o falante não emprega nenhuma estratégia reparadora; 2. de forma indireta, situação em que o falante evita ser coercivo, uma vez que realiza o ato de ameaça de forma encoberta; 3. realização do ato com reparação à face positiva, situação em que o falante preserva a auto-imagem de seu interlocutor; 4. realização do ato com reparação à face negativa, situação em que o falante evita invadir o território de seu interlocutor; e 5. a opção de não realizar o ato de fala.

O fato de as pessoas serem dotadas de comportamento racional permitiria a elas calcular o peso do ato de fala realizado e o risco de um ato de fala ameaçador. Entretanto, alguns desejos teriam de ser considerados, como a necessidade de comunicar o conteúdo do ato de linguagem, a necessidade de ser eficiente/urgente e o desejo de manter a face do interlocutor em qualquer patamar. Como há situações em que a realização de um ato de fala ameaçador é necessária para que se possa atingir um determinado objetivo, como é o caso, por exemplo, de textos que têm como objetivo ensinar alguém a fazer alguma coisa (sequências injuntivas), os falantes, conscientes do fato de a realização de um ato impositivo ser inevitável, têm de considerar diversos desejos: a necessidade de comunicar o conteúdo do ato de linguagem, a necessidade de ser eficiente/urgente e o fato de terem de manter as faces de seus interlocutores em qualquer patamar.

Para escolher as estratégias reparadoras, os interlocutores, segundo Brown e Levinson (1978, 1987), têm de considerar os seguintes fatores: a distância social entre os falantes (D), o poder relativo (P) e o grau de imposição (G). O risco de ameaça à face seria a soma desses fatores, como ilustrado a seguir:

$$\text{Risco do AAF} = D \text{ (entre F e O)} + P \text{ (entre F e O)} + G \text{ do AAF}^{10}$$

Embora o modelo seja considerado produtivo, há autores que fazem críticas a alguns aspectos da teoria. Kerbrat-Orecchioni (2006) argumenta que, ao considerar que

¹⁰ O risco do ato de ameaça à face é igual à *distância social* entre emissor e destinatário mais o *poder relativo* que o destinatário exerce sobre o emissor mais o *grau de imposição do ato* em uma determinada cultura.

todos os atos de fala são atos ameaçadores da face do interlocutor, os autores estariam assumindo uma postura bastante pessimista e até mesmo paranóica. Tal postura desconsideraria o fato de haver atos anti-ameaçantes, como é o caso dos elogios e dos agradecimentos. Kerbrat-Orecchini defende que esses atos valorizam a face dos falantes, uma atualização proposta pela autora.

A teoria da polidez elaborada por Brown & Levinson (1987) é a perspectiva adotada nesta dissertação pelos seguintes motivos: o fato de os autores destacarem o papel da racionalidade, conceito vinculado ao tema central da teoria. Procura-se delinear com precisão o modo de "raciocínio" dos falantes, através da análise das estratégias de referência ao interlocutor, por eles empregadas, durante as entrevistas. Nossa hipótese é a de que falantes que apresentam o mesmo padrão de variação de formas de referência ao interlocutor raciocinam da mesma forma quando o objetivo a ser atingido é o mesmo, no nosso caso, a necessidade de ensinar alguém a realizar uma certa ação.

Outro aspecto da teoria relevante para análise do fenômeno em pauta é o fato de os autores empregarem o termo ato de forma abrangente, considerando 'ato' como ações verbais e não verbais que geram certos efeitos em seus interlocutores, o que nos permite aplicar o modelo às formas de tratamento (formas não prototípicas de ato de linguagem), que, a nosso ver, funcionam como estratégias reparadoras de atos impositivos em sequências injuntivas. Em conformidade com a hipótese de Souza (2008, p. 31):

É justamente esta maior abrangência do termo "ato" que nos fez optar por esse modelo, pois acreditamos que em alguns momentos (não todos) as formas verbo-pronominais e nominais de tratamento podem ser consideradas como um ato de ameaça à face positiva do ouvinte. Afinal, através delas o falante explicita a imagem que tem sobre seu ouvinte. Na maioria das vezes, porém, as formas treatmentais poderão, na perspectiva adotada, funcionar para amenizar um ato de fala, sendo, portanto, estratégias de polidez positiva e/ou negativa, responsáveis, assim, por mitigar o ato de ameaça à face. Souza (2010, p. 31)

Nosso objetivo é aplicar o modelo à análise da variação das estratégias de referência ao interlocutor em sequências injuntivas produzidas durante as gravações realizadas.

3.2 – Metodologia

3.2.1 - As entrevistas sociolinguísticas vs. métodos alternativos para coleta de dados.

Em trabalhos de natureza variacionista, a entrevista sociolinguística é o procedimento metodológico empregado para coletar dados em situações comunicativas supostamente naturais e espontâneas, visando à redução do chamado *paradoxo do observador* (TARALLO, 2007, p.20). Entretanto, quando se trata de coleta de dados do vernáculo para investigação de fenômenos que envolvem interação, como é o caso do emprego de pronomes de referência ao interlocutor, deparamo-nos com o fato de que tal metodologia, por não visar à interação, não constitui método eficaz para análise do fenômeno. Como nos diz Paredes Silva (2003, p. 162) em artigo sobre o retorno do *Tu* à fala carioca:

Duas interpretações podem ser arroladas para a parcimônia no uso do pronome *tu* naqueles informantes. Por um lado, tínhamos ali um material representativo dos inícios dos anos oitenta, quando talvez seu emprego não estivesse tão difundido. Por outro lado, poderia estar interferindo também o gênero de discurso – como se sabe, na entrevista sociolinguística não se visa à interação, mas à expressão mais natural possível do falante, com interferências mínimas do entrevistador, para contornar o chamado *paradoxo do observador*. (PAREDES SILVA, 2003, p. 162)

Sendo assim, para atender aos objetivos desta investigação, foi necessária a constituição de amostras a partir de métodos alternativos para que o fenômeno pudesse ser investigado. Reconhece-se que o tipo de 'pergunta-gatilho' empregado para a elicitación dos dados já fazia parte do roteiro de entrevistas sociolinguísticas. Segundo Paredes Silva (2011), a pergunta 'como se faz alguma coisa' permite que os interlocutores produzam sequências injuntivas e constitui método que favorece menções à segunda pessoa do discurso. O uso desse tipo de pergunta foi a estratégia empregada durante as gravações que constituem as amostras aqui analisadas. Métodos alternativos para a coleta de dados na análise de fenômenos de interação envolvem a necessidade de gravar dados de fala espontânea sem que os entrevistados saibam que estão sendo gravados. Tal necessidade impõe a esse tipo de pesquisa alguns desafios.

O primeiro diz respeito à questão ética. Gravar a produção verbal de um falante sem que ele saiba não constituiria um desrespeito ao interlocutor? Uma possibilidade

que constitui o método em nossa pesquisa seria pedir a autorização para uso do material gravado após a sua realização. Essa foi a postura adotada a partir das Amostras Zona Oeste e Norte.

Outra questão-desafio é a seguinte: como realizar controle sociolinguístico nesses casos? Se entrevistarmos falantes de forma anônima, como poderemos controlar certas informações sociais, como a idade, o grau de escolaridade, a origem do falante para a realização de estudo variacionista? É possível fazer um controle social de forma indireta, como já foi realizado por Labov (1972) em estudo sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York: estudo que serve de base para a argumentação da metodologia adotada nesta dissertação?

3.2.2 - Método empregado para constituição das amostras do *corpus*: uma metodologia já empregada em estudos variacionistas.

Um dos limites impostos ao emprego da metodologia adotada para a realização da presente investigação é o fato de não haver um controle sociolinguístico rigoroso, por conta de não se saber com exatidão a idade do falante, já que as deduções por meio de aparência são precárias. Labov (1972), entretanto, já havia efetuado um estudo sistemático da estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala. A proposta do autor pressupõe o controle de fatores advindos de observações objetivas da comunidade em questão. O objetivo é mostrar que, por vezes, índices socioeconômicos e parâmetros sociais de escalas objetivas, podem não revelar com precisão o padrão linguístico real da comunidade de fala.

O estudo a que me refiro é um relato do uso de observações anônimas e rápidas da análise da estrutura sociolinguística da cidade de Nova York. Tal trabalho foi realizado com base em investigações preliminares, como o estudo que Labov realizou em (1966a) a partir de uma amostra aleatória secundária do *Lower East Side*¹¹, base principal para a realização do seu estudo¹².

¹¹ *A parte da ilha de Manhattan que fica a leste da Quinta Avenida é chamada *East Side* (“do lado leste”) e é dividida em duas grandes seções: o *Upper East Side* (“lado leste alto”), que abriga lojas sofisticadas e residências de luxo, e o *Lower East Side* (“lado leste baixo”), que

Antes de empreender o projeto, o autor realizou 70 entrevistas e uma grande quantidade de observações anônimas e rápidas. As entrevistas permitiram a elaboração de um teste empírico de duas noções gerais: a variável linguística – r pós-vocálico – um diferenciador social sensível a qualquer medição de estratificação social, e testes rápidos e anônimos seriam (meios válidos para a realização de um estudo sistemático da língua). Outro aspecto importante foi a hipótese geral que norteou a elaboração do estudo: a ideia de que “*se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do r pós-vocálico*” (LABOV, 1972, p. 65).

Um aspecto que teve de ser considerado na realização do estudo era o de que, para observar a distribuição social, o autor se deparava com um padrão de estratificação social que permeia toda a cidade de Nova York. Para empreender o estudo, seria necessário, portanto, trabalhar com uma definição de estratificação e criar métodos para aferi-la.

O pesquisador utilizou a definição de Barber, para quem “a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social” (BARBER, 1957, p. 1-3 *apud* LABOV, 2008). Quando se fala em estratificação, consoante Barber, não se faz referência à classe ou casta, mas sim a uma ideia geral bastante interessante sobre a definição do termo:

O uso deste termo não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral. (LABOV, 2008, p. 64-65).

A partir de tal observação, pode-se interpretar que a ocupação poderia ser um exemplo de mecanismo usual da sociedade que gera diferenças sistemáticas entre as pessoas e instituições a que se referiu Barber (1957). Essa interpretação ganha respaldo a partir da hipótese de que o comportamento linguístico do falante estaria correlacionado à sua atuação profissional mais que a qualquer outra característica

durante muito tempo foi a área de residência de imigrantes vindos da Europa oriental (n. da tradução) (LABOV, 2008, p. 64)

¹² A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York (LABOV, 1972)

social¹³, hipótese utilizada por Labov no estudo. O fato de o pesquisador ter utilizado os vendedores como grupo de análise para a verificação das hipóteses que nortearam a realização do trabalho corrobora tal interpretação. O autor defendeu que a correlação entre a estratificação e a distribuição do (r) seria uma hipótese tão geral que diferenças sociais sutis, como, por exemplo, a diferença entre vendedores de lojas com *status* social distinto, estariam refletidas nos índices de uso da variável (pronúncia do -r), considerada a norma de prestígio da comunidade.

Para testar tal hipótese, foram escolhidas três lojas de departamento: no topo, no meio e na base da escala de preços e de moda – *Saks, Macy's e Klein*, respectivamente. Para posicionar as lojas em uma escala objetiva de estratificação, Labov buscou identificar dois aspectos da estratificação social: *a diferenciação social e a avaliação social*. A expectativa era a de que os clientes das lojas e os vendedores exibissem uma estratificação comparável, o que dependeria de dois tipos de correlação, de acordo com o pesquisador: a correlação entre o *status* das lojas e os postos de trabalho semelhantes, e a correlação entre os postos de trabalhos e o comportamento dos indivíduos. Consoante C. WRIGHT MILLS (1956 *apud* LABOV, 1972) - “os vendedores de lojas de departamento tendem a se apropriar do prestígio de seus clientes, ou pelo menos, a fazer um esforço nesta direção”(WRIGHT MILLS, 1956, p. 173). Essa expectativa mostrou-se pertinente a partir dos resultados do estudo da estratificação do (r) nas lojas de departamento da cidade de Nova York.

Os resultados revelaram que tais correlações são válidas, uma vez que as lojas supracitadas estão objetivamente diferenciadas numa ordem fixa e que os empregos nessas lojas são avaliados pelos empregados de maneira comparável.

Para testar tais expectativas, Labov elaborou um teste que visava à determinação do padrão de estratificação das lojas. Seria necessário criar um método capaz de determinar a diferenciação dos estabelecimentos e a avaliação social que os empregados fazem delas, dois aspectos da estratificação social. A diferenciação social entre as lojas determina seu *status*, que pôde ser ilustrado de várias maneiras. Foram observados os seguintes aspectos: 1. a localização das lojas; 2. as políticas de publicidade que cada loja

¹³ A ideia de que a ocupação profissional determina o comportamento linguístico dos falantes já havia nos influenciado quando compusemos a amostra ‘Advogados’. De maneira intuitiva, percebia-se que entre os advogados havia uma consciência específica de uso da língua, uma vez que se trata de um grupo social que trabalha diretamente com a linguagem.

adotava; o jornal¹⁴ em que elas anunciavam (elemento considerado indicador de classe), 3. a forma de apresentação dos preços das peças nos jornais e 4. as instalações físicas. Esses parâmetros permitiram determinar o prestígio das lojas e a condição de trabalho dos empregados, os dois aspectos que apresentaram efeito estratificador. O prestígio levaria a uma avaliação social e as condições de trabalho funcionariam como elementos de diferenciação social. Sobre esses aspectos da análise sociolinguística, o autor argumenta que escalas objetivas comumente consideradas em trabalhos dessa natureza, como por exemplo, o grupo ocupacional e o salário, nesse caso específico, não estratificariam as lojas da mesma maneira que os outros parâmetros observados.

Para Labov (1972), é preciso que os pesquisadores realizem observações objetivas de aspectos da estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala, porque muitas vezes são essas observações que permitem delinear de modo mais seguro e preciso os padrões linguísticos reais. Por exemplo, no caso do estudo em questão, o salário pago pela loja considerada de maior *status*, a *Saks*, é menor que o da de *status* intermediário, *Macy's*, o que foi explicado pelo fato de os empregados de lojas de maior prestígio, por se sentirem compartilhando o prestígio da loja, tenderem a aceitar salários inferiores, informação advinda de entrevistas feitas com funcionários das lojas. Vantagens como a possibilidade de os empregados comprarem roupas com 25% de descontos, como foi o caso da *Saks*, e o fato de os executivos darem atenção especial à relação com seus empregados para que os mesmos se sintam compartilhando do prestígio das lojas (duas informações obtidas por meio conversas com os vendedores/as) são alguns exemplos de que as observações objetivas fornecem informações valiosas sobre a estrutura sociolinguística. Esses aspectos, muitas vezes, podem ser enviesados se forem considerados apenas os aspectos de escalas objetivas.

Labov (1972) tenta mostrar a vantagem da metodologia por ele empregada para analisar o fenômeno em questão. O método depende da coleta sistemática de eventos de fala casuais e anônimos. Para a coleta de dados de fala, foi realizado o seguinte procedimento: o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente e pedia informações sobre um departamento específico que, no caso, se localizava no quarto andar das lojas. A pergunta feita para a elicitación dos dados foi a seguinte: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos?”. A resposta era geralmente “*Fourth floor*”

¹⁴ Foram observados dois jornais: o *New York Times* e *Daily News*, considerados jornais das classes média e trabalhadora, respectivamente.

(quarto andar). O pesquisador então se inclinava para frente e dizia: “Como?” O objetivo era que o informante repetisse a pronúncia em estilo monitorado com acento enfatizado. Ele então se movia ao longo da seção para anotar informações por escrito do dado e também sobre variáveis independentes, como a loja, o andar da loja, o sexo, a idade (estimada em unidades de cinco anos), cargo (encarregado[a] de seção, vendedor[a], caixa, repositor), raça, sotaque estrangeiro ou regional (no caso de haver). Tal método foi aplicado ao longo da seção até que os informantes não pudessem perceber que a mesma pergunta já havia sido feita naquele andar. Por meio do emprego de tal metodologia, foram coletados dados da variável –r em quatro ocorrências, a saber: posição pré-consonântica e final, em ambos os estilos de fala (casual e enfático). Foram realizadas 264 entrevistas, sendo 68, na Saks; 125, na Macy’s e 71, na Kleins.

A metodologia empregada na coleta dos dados mostrou-se eficaz para a análise do fenômeno em questão. Os resultados revelaram uma nítida e coerente estratificação de (r) nas três lojas. Como já haviam apontado as investigações preliminares, a variável é sensível a qualquer medição de estratificação.

Ao analisar a influência de variáveis independentes sobre o fenômeno, foi possível verificar que o padrão regular da pronúncia do (r) era sensível a diversos fatores. Ao analisar a influência da raça dos informantes, observou-se que a Klein, loja de menor prestígio, apresentou os menores índices de uso de (r-1)¹⁵ (variante de prestígio)

Outra variável considerada foi a ocupação. Nesse caso, novamente a estratificação extralinguística das lojas é reforçada por observações objetivas no curso da entrevista. Como foram considerados os dados de fala de qualquer funcionário cuja produção verbal pudesse estar acessível ao público, houve diferenças populacionais na amostra. A amostra mais heterogênea é a da loja *Macys*, onde os entrevistados podiam ser identificados como chefes de seção (pelos crachás vermelho e branco), vendedores, caixas, repositores e ascensoristas. Na *Saks*, por outro lado, os caixas não têm contato com o público. Lá todo o trabalho se desenvolve nos bastidores, e, por fim, na *Klein* é difícil distinguir entre vendedores, chefes de seção e repositores. Nesse caso, o autor buscou analisar um grupo homogêneo para testar a hipótese de que diferenças sociais sutis estariam refletidas no índice de uso da variável dependente. Na análise da fala de

¹⁵ (r-1) é o código usado para identificar a variante de prestígio da pronúncia do –r.

vendedoras brancas nova-iorquinas, a porção mais homogênea da amostra, observou-se o mesmo padrão de estratificação social dos outros recortes. Pôde-se concluir que a estratificação de (r) é um processo que afeta todas as porções da amostra.

Um resultado interessante diz respeito à variável idade. Embora o controle sociolinguístico não tenha sido rigoroso, em função da metodologia empregada, foi possível comparar o estudo ao anteriormente citado *Lower East Side*, que apresentou, por outro lado, um rigoroso controle desse aspecto para confirmar o que Labov chamou de padrão complexo. O pesquisador argumentou que a comparação entre os estudos era pertinente, uma vez que apresentaram fontes de erros complementares.

O estudo *Lower East Side* apresentou como pontos fortes o fato de ter contado com informações demográficas completas sobre cada informante e ter grande quantidade de dados em estilos variados, uma vez que a coleta se deu por meio de entrevistas gravadas em fitas. O estudo das lojas de departamento, por outro lado, compensou erros inerentes ao método, tais como: o pequeno volume de dados por informante; o método de notação; a ausência de gravação e o recurso à memória de curto prazo; o método de amostragens; a estimativa de idade dos informantes e a falta de dados socioculturais; a localização dos informantes em seu papel principal como empregados; o número maior de ocorrências dentro de uma única célula; a simplicidade dos dados e, sobretudo, a ausência de efeito de distorção da entrevista linguística formal. Para Labov, “A convergência da investigação no *Lower East Side* com o estudo das lojas de departamentos representa, portanto, a solução ideal para o paradoxo do observador.” (LABOV, 1972, p. 82-83).

A comparação entre os estudos revelou que o padrão complexo observado na amostra também se repetia no estudo *Lower East Side*, o que descartava a hipótese de fontes de erro da metodologia empregada. O padrão complexo foi explicado com base em três aspectos específicos: *o padrão cruzado*, característico da mudança em progresso; *o padrão de hipercorreção da classe média baixa* e *o grau de insegurança linguística*.

Labov (1972) mostra que os falantes jovens de nível superior, por irem à faculdade, tendem a reduzir seu grau de insegurança linguística por volta dos 20 anos. Por isso, entre os vendedores jovens da *Saks* havia um alto índice de uso da variante de prestígio até mesmo na fala casual. O autor explica que esses falantes tendem a adquirir

consciência linguística da hierarquia formal das estruturas linguísticas mais cedo. Os falantes jovens de classe média baixa, por outro lado, por geralmente não irem à faculdade, tendem a ter seu grau de insegurança linguística reduzido mais tarde por volta dos 40 anos, ou seja, demoram mais tempo a ter consciência da norma de prestígio.

O grau de insegurança linguística explica o padrão observado na fala dos mais jovens. Entre os adultos, foi interessante observar que os falantes da *Macys* apresentavam alto índice de uso da pronúncia do -r, diferentemente do que ocorria entre os falantes adultos da *Saks*, que apresentavam índices inferiores de uso. Esse padrão seria fruto do fato de a norma de prestígio estar mudando. Antes da II Guerra Mundial, a norma de prestígio era a ausência de r; logo, os falantes que estão com 40 anos à época do estudo (1968) eram jovens e aprenderam que a pronúncia da consoante era um traço provinciano. Por isso, os falantes adultos da *Saks* não a pronunciam, porque a nova variante não fazia parte do que aprenderam como norma de prestígio quando ainda eram jovens. Os falantes adultos da *Macys*, por outro lado, como tendem a ter consciência da norma de prestígio mais tarde, exageram no uso da variante prestigiosa, mostrando o que Labov denominou padrão de hipercorreção da classe média baixa. Esse resultado enriqueceu o conhecimento sobre o fenômeno e, como pôde ser confirmado a partir da comparação entre os estudos, validou o uso da metodologia empregada.

Labov (1972) conclui que o resultado mais importante do estudo de estratificação social do (r) é o fato de as observações anônimas terem se mostrado válidas para a aquisição de informações valiosas sobre a estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala. Para o autor, os pesquisadores precisam superar o desafio de desenvolver estudos rápidos e anônimos que escapem da conveniência. Esse tipo de estudo ainda teria a vantagem de ser mais rápido e menos dispendioso e poderia ser utilizado como investigação suplementar ou preliminar para outros estudos. O autor defende que há grupos sociais acessíveis à interação que poderiam ter suas falas monitoradas.

Um aspecto ressaltado por ele, e utilizado no presente trabalho, é o uso da fala de transeuntes em geral. A esse respeito, o autor nos diz: “Aqui, o caráter geral da área residencial pode servir à mesma função diferenciadora das três lojas de departamentos citadas acima.” (LABOV, 1972, p. 88). Ao final do artigo, o autor argumenta que,

mesmo que testes rápidos e anônimos não possam ser interpretados plenamente sem o conhecimento detalhado da história dialetal da área analisada e sem um estudo mais sistemático da distribuição das variáveis linguísticas e normas subjetivas, há casos em que tal método é a única possibilidade de se resolver problemas que não encontram solução por meio de técnicas. Nas falas do próprio autor: “ há casos em que métodos rápidos podem dar solução a problemas que nunca foram abordados por técnicas convencionais.” (LABOV, 1972, p. 90). No caso da proposta de análise feita na presente investigação foi necessário buscar um método alternativo para a coleta de referências à segunda pessoa do discurso. A entrevista sociolinguística, método convencional, por não visar à interação entre os falantes não favorece menções à segunda pessoa do discurso, o que não a torna uma estratégia satisfatória para a elicitación de sujeitos de segunda pessoa (cf. PAREDES SILVA, 2003)

Congregando as duas perspectivas, tentou-se criar um método alternativo de coletas de dados de sujeito de segunda pessoa. Retomando as ideias de Paredes Silva (2011), as sequências injuntivas e argumentativas favorecem menções à segunda pessoa do discurso principalmente na função de sujeito. As ideias de Labov sobre (1) o uso de eventos de fala rápidos e anônimos para o estudo sistemático da língua; (2) o fato de o grupo ocupacional determinar de modo mais preciso o comportamento dos informantes que qualquer outro indicador social; (3) a análise de observações anônimas serem uma forma de se obter informações preciosas sobre a estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala atreladas; (4) a constatação de que, por vezes, escalas objetivas, como a renda do falante, por exemplo, revelam resultados nem sempre precisos - influenciaram na metodologia para a coleta dos dados a serem analisados nesta dissertação, como será explicado a seguir.

3.2.3 - A constituição do *corpus* de análise: descrição metodológica

- O perfil das entrevistas realizadas

Tomando por base o estudo de Labov (1972), criaram-se amostras com o objetivo de colher dados espontâneos de formas pronominais na segunda pessoa. O maior interesse era captar o emprego de *Tu* com o verbo sem marca de pessoa, que é uma estratégia percebida como bastante produtiva, ao lado de *Você*, na fala carioca.

Apesar dos limites impostos pelo tipo de recolha de dados, levou-se em conta o controle de fatores sociais, como a idade, o sexo/gênero e a escolaridade do informante. As quatro amostras que servem de base para a investigação do fenômeno de variação de pronomes-sujeito de segunda pessoa do singular têm em comum o fato de serem estratificadas quanto ao sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (aproximadamente – 18 a 30 anos; adultos - 31 a 55 anos e acima dos 56 anos – os idosos) e escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

Os dados estão organizados em quatro amostras temáticas que são aqui apresentadas em ordem cronológica de constituição para melhor compreensão do fenômeno no *corpus*: Amostra Perfil Profissional e Amostra Almirante Barroso (constituídas em 2006); Amostra ‘Advogados’ (feita no ano de 2008); Amostra Zona Oeste e Amostra Zona Norte (realizadas em 2009).

As gravações das amostras Zona Norte e Oeste foram autorizadas pelos entrevistados, o que tornou possível efetuar controle sociolinguístico dos falantes. A escolaridade de gerentes e vendedores, da Amostra Perfil Profissional, pôde ser medida por meio da qualificação profissional exigida por cada profissão.

No caso da amostra ‘Advogados’, a classificação do falante foi feita por meio da observação de suas vestimentas e desenvoltura para falar sobre um assunto específico da sua esfera de atuação que foi incluído durante as gravações. Nesse caso, durante as entrevistas, a pesquisadora dizia ter entrado com processo contra uma empresa em que teria trabalhado. O objetivo era verificar se o falante apresentava algum domínio sobre o tema. A pesquisadora perguntava onde era o *Fórum* e falava sobre o tal processo. Muitas vezes, os supostos advogados diziam que o caso não era resolvido no Fórum, mas sim em outras instâncias. A resposta dada pelos “advogados”, entre outras informações, tornou possível confirmar as impressões visuais que determinaram a escolha do entrevistado.

Para coletar dados de sujeitos de segunda pessoa foram empregadas as seguintes estratégias:

1. Como não queríamos influenciar o comportamento linguístico de nossos entrevistados, a opção foi ocultar a forma pronominal nas orações interrogativas utilizadas como 'gatilhos' durante a interação. Foram feitas perguntas do tipo:

[1] 'Como eu faço para chegar à rua X?'

[2] 'Sabe como eu faço para chegar à rua X?'

Entende-se que, do ponto de vista pragmático, o primeiro tipo de pergunta, por partir do pressuposto de que o entrevistado tem de saber o que está sendo perguntado, pode causar um desequilíbrio comunicativo durante a interação, por constituir uma ameaça à face negativa do interlocutor consoante BROWN & LEVINSON (1987). Por isso, tal estratégia foi substituída pela segunda, embora, durante as gravações, nem sempre tenha sido possível controlar o emprego de uma ou outra estratégia.

2. Outra forma de viabilizar uma interação comunicativa com pessoas aleatórias, que teriam de dispor de certo tempo para explicar à pesquisadora como chegar ao local perguntado, foi adotar estratégias de interpelação e de interação que significassem que a informação prestada era importante para a pesquisadora.

- As estratégias de interpelação e de polidez empregadas durante as gravações.

De acordo com a Teoria da Polidez (BROWN e LEVINSON, 1987) discutida anteriormente, durante a interação comunicativa, é comum que falantes realizem atos de fala que ameaçam a face positiva ou negativa de seu interlocutor, sendo necessário, portanto, empregar estratégias de interpelação que visem buscar a harmonia do processo comunicativo. Partindo de tal hipótese, buscou-se empregar estratégias mitigadoras durante as gravações: cumprimento, polidez e o vocativo (*senhor(a)*)

(1) Pesq.: Oi (*cumprimento*) senhora dá licença (*polidez*) boa tarde (*cumprimento*). Eu vim ali do::: prédio da Justiça do Trabalho só que me disseram que não é para lá::: você sabe conhece um outro prédio aqui no Centro que seja da Justiça do Trabalho? (fala da pesquisadora)

(2) Pesq.: Senhor boa tarde (*cumprimento*) dá licença (*polidez*). Qual é o outro prédio da Justiça do Trabalho aqui no Centro sem ser aquele ali? (fala de pesquisadora)

(3) Pesq.: Com licença (*polidez*) boa tarde (*cumprimento*). Onde é o fórum aqui no Centro? (fala da pesquisadora)

Como se observa nos três exemplos, a entrevistadora inicia o diálogo sempre cumprimentando a pessoa interpelada, seja com “Oi”, em (1), ou “Boa tarde”, em (2) e (3). Associado ou não ao cumprimento inicial, a pesquisadora emprega expressões de polidez para minimizar o ato invasivo próprio de uma pergunta direta. Nota-se que ora utiliza “com licença/dá licença”, ora emprega o tratamento respeitoso “o/a senhor/a”.

Embora os exemplos de (1) a (3) tenham sido extraídos da Amostra ‘Advogados’, as estratégias descritas foram empregadas como formas mitigadoras em todas as gravações do *corpus*. Também foi necessário, durante a interação, manter uma atitude cooperativa, uma vez que os entrevistados, com exceção dos gerentes e vendedores, foram interpelados na rua, durante seus afazeres diários. Foram empregadas diferentes estratégias linguísticas, enumeradas a seguir, que tinham o intuito de criar uma atitude cooperativa durante a interpelação:

1. uso de adjetivos de valor positivo

(4) Inf.: Aí já vai sair no ponto à direita ali vai estar o ponto do dois dois meia quatro dois dois quatro dois cinco se **você** quiser pegar

Pesq.: Ai *tranquilo* mas se eu quiser ir andando?" (Rec 13 Zona norte)

(5) Inf: Aí **você** dobra à direita assim **tu** vai ver logo o banco do Brasil nessa calçada de cá mesmo assim que **você** dobrar

Pesq.: Ai *perfeito*

Inf.: Aí **você** indo por lá assim dobrando à direita **você** sai no shopping de novo

Pesq. Ai *perfeito*" (Rec 80 Amostra Zona norte)

Em (4) e (5), nota-se que a entrevistadora emprega sistematicamente adjetivos confirmativos, como “tranquilo” e “perfeito”, para manter o tom cooperativo do diálogo travado na rua.

2. cooperação e participação no discurso do interlocutor;

(6) "Inf.: Aí **tu** vai seguir vai seguir até o:: deixa eu te dar um ponto de referência(pausa) o:: mercado Guanabara (pausa) só que aí **tu** vai ter que virar numa rua porque assim tem que *entrar numa rua entrando em outra não é direto*

Pesq.: Não é direto né? Não é uma *reta* né?" (Rec 20 Amostra Zona Norte)

No exemplo (6) a pesquisadora interpreta a informação que seu interlocutor está oferecendo e busca uma palavra que a sintetize, o que sinaliza uma atitude cooperativa com a produção enunciativa de seu interlocutor.

3. Marcadores discursivos;

(7)Inf.: Fórum? Olha só vai seguir reto aqui

Pesq.: *hum hum* (Rec 6, amostra ‘advogados)

No exemplo (7) , a pesquisadora mostra seu interesse pela informação fazendo uso do marcador discursivo *hum hum*, como um exemplo das pequenas intervenções realizadas durante a gravação.

4. resumo da informação prestada;

(8) "Inf.: **Tu** pergunta um ponto de referência é o mercado:: Guanabara

Pesq.: *Então se eu quiser ir andando eu faço esse caminho se eu quiser ir de ônibus eu pego o quatro dois algum ônibus daqui né quatro dois dois?"* (Rec 13 Zona norte)

A pesquisadora em (8) resume a informação que lhe foi dada de forma a confirmar a resposta dada pelo informante. Assim, consegue valorizar e manter certa empatia com seu interlocutor. De modo geral, a estratégia é resumir a informação que lhe foi dada como forma de “premiar” seu interlocutor, mostrando a ele que as

informações que lhe foram transmitidas são de extrema importância. Com isso, cria-se uma intimidade entre os participantes do evento comunicativo¹⁶.

5. ameaça à face positiva da pesquisadora;

(9) Inf.: É mais fácil **você** fazer o seguinte **você** conhece a Cinelândia?

Pesq.: Daqui (...) *estou totalmente perdida* eu sei que ali é a Rio Branco onde passam os ônibus *é isso mesmo?* Aí eu sigo em frente passo a Rio Branco...(Rec 3, amostra 'advogados)

No exemplo (9), a pesquisadora realiza o que foi chamado de auto-ameça à face positiva, ou seja, a maneira como o falante deseja ser visto por seu interlocutor. Ao reconhecer que está perdida, a pesquisadora modaliza seu discurso através do advérbio *totalmente*. Assim, realiza um ato que ameaça a sua própria face positiva, criando um clima de 'camaradagem' com seu interlocutor. Além disso, ainda utiliza, no final da sequência discursiva, a pergunta ratificadora '*é isso mesmo?*', outro ato de auto-ameça.

6. perguntas ratificadoras.

(10) "Inf.: Sei o::: deixa eu:: deixa eu:: ver porque exatamente em frente eu num:: sei te explicar o que eu poderia falar é para você pegar dois dois meia ali na praça

Pesq.: *Aqui do outro lado nessa rua de trás não é?*

Em (10), faz-se uma pergunta com o objetivo de checar as informações necessárias para chegar ao local perguntado.

- O gênero pergunta-resposta: outra estratégia metodológica

As perguntas 'Como eu faço para chegar à rua X?' ou 'Sabe onde é a rua X?' fazem com que os falantes produzam sequências textuais que pertencem à tipologia textual injunção. Dentro de tal contexto, também é possível detectar o uso de sequências argumentativas, uma vez que o falante pode se valer da argumentação para convencer

¹⁶ Trabalhos como os de Ramos (1989), em Florianópolis; Lucca (2005), em Brasília; Modesto (2006), no litoral paulista, entre outros, têm apontado que o *Tu* usado com o verbo na terceira pessoa predomina na fala de jovens do sexo masculino em relações solidárias. Por isso, houve uma preocupação em manter esse tipo de relacionamento com os interlocutores. Outro contexto favorecedor do *Tu* é o tratamento informal, como nos mostra Paredes Silva (2011).

seu interlocutor a realizar a ação da forma como prescreve. Tais sequências textuais estão presentes no gênero que pode ser classificado como ‘pergunta-resposta’, cujo tema é o ‘pedido de informação’. Por se tratar de um gênero que envolve interação face a face e que conta com as sequências textuais injuntivas e argumentativas, pode-se dizer que há contextos amplamente propiciadores de pronomes de segunda pessoa, principalmente na posição de sujeito, que constitui o foco central do presente trabalho.

A sequência textual injuntiva tem o objetivo de detalhar os passos necessários para ensinar a alguém a fazer ou realizar uma ação, o que favorece, portanto, o emprego de formas de segunda pessoa. Verbos de procedimento, modo imperativo ou infinitivo são formas gramaticais recorrentes em textos injuntivos. Há uma sequência de ações que o interlocutor necessita executar para chegar a determinado local. Os pronomes de segunda pessoa são os sujeitos das ações verbais que são expressas pelos verbos. Dentro desse contexto, o objetivo era verificar a alternância de formas pronominais como sujeitos dessas ações que se sucedem. Como se tratava de uma interação oral, houve a intervenção de um dos interlocutores que incitava a produção verbal do outro. A atitude da pesquisadora era de extrema cooperação com relação a seu interlocutor. Essas orientações gerais nortearam, no geral, as entrevistas feitas as diferentes amostras organizadas. Na sequência, serão descritas as principais propriedades das amostras constituídas.

3.2.3.1 - A amostra Perfil Profissional

A primeira amostra constituída tinha objetivo de confirmar o que nossa percepção como falantes indicava: a forma *Tu*, concordando com o verbo sem desinência canônica, estava se tornando produtiva entre os habitantes do Rio de Janeiro e era amplamente empregada por eles em situações informais. Tal fenômeno, segundo nossa percepção, não estava restrito a falantes com baixa escolaridade, sendo observado também entre os mais escolarizados. Para confirmar nossa hipótese, foram realizadas gravações a partir da metodologia acima descrita. Os entrevistados foram selecionados seguindo, num primeiro momento, o critério da atuação profissional. Foram entrevistados gerentes, vendedores e ambulantes em seus ambientes de trabalho, o que tornou possível certo controle sociolinguístico. As gravações realizadas segundo tal critério constituem a amostra Perfil Profissional. No caso de vendedores, o ensino

médio completo é uma exigência mínima para o exercício da profissão. Entre gerentes, o ensino superior é pré-requisito. Os ambulantes não foram classificados quanto à escolaridade, uma vez que, como as gravações da amostra Perfil Profissional foram realizadas secretamente, não havia possibilidade desse tipo de controle. Foram gravados ambulantes que atuam na rua do Ouvidor e na Avenida Rio Branco.

Para delinear o perfil dos ambulantes no Rio de Janeiro, foram levados em conta dois trabalhos: o do IBGE¹⁷ relativo ao período de 1986 a 1996, e o realizado pela CAMTRA¹⁸ em 2011. Esses estudos permitiram revelar o perfil dos homens e mulheres que ocupam a atividade de comércio ambulante na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A pesquisa pioneira sobre o dito comércio ambulante feita pelo IBGE apresenta resultados das décadas 1986 a 1996. O estudo revela que tal atividade é a preferida da mão-de-obra masculina (60%), o que se deve ao fato de que, embora a atividade não exija muito esforço físico, alguns riscos fazem parte das atividades dos ambulantes (disputas pela posse de pontos, assaltos, perseguição de fiscais da prefeitura etc.).

Com relação à faixa etária, o estudo apontou que o grupo mais importante na composição da estrutura etária desses trabalhadores é constituído por pessoas entre 26 e 35 anos, os chamados adultos jovens. O segundo grupo mais importante é formado por ambulantes entre 36 a 45 anos. Como se pode perceber, trata-se de pessoas em seu auge do ciclo de vida produtiva. O fato de esses serem os grupos mais significativos demonstra que há uma impossibilidade de reverter a sua posição na ocupação, uma vez que o exercício de outro tipo de atividade será dificilmente alcançado por essa mão de mão-de-obra sem experiência profissional. Os estudiosos explicam que a opção por essa forma de ocupação pode ser reflexo da falta de emprego (dificuldade em conseguir uma ocupação formal) por parte desses homens e mulheres.

A escolaridade, outro aspecto investigado, revelou resultados bastante interessantes. A faixa educacional predominante é a dos com 5 a 8 anos de estudo. Interessante observar, entretanto, que o grupo de ambulantes que possuíam entre 1 a 4 anos de estudos, sendo o segundo grupo mais significativo, perdeu lugar para o grupo de ambulantes que apresentam entre 9 e 11 anos de estudos, ou seja, aqueles que

¹⁷ Os resultados do estudo são apresentados no artigo *Serviços e informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro*, escrito por Hildete Pereira de Melo e Jorge Luiz Teles, professores da UFF. O texto por eles produzido ganhou o segundo lugar no Prêmio Brasil de Economia 1999, na categoria “artigo”, conferido pelo Conselho Federal de Economia (Cofecon)

¹⁸ CAMTRA – Casa da Mulher Trabalhadora.

iniciaram ou concluíram o ensino médio, antigo segundo grau. Tal fato demonstra que a atividade ambulante vem sendo exercida por mão-de-obra cada vez mais qualificada. Os grupos representativos de ambulantes com menor nível de escolaridade, como os “sem instrução”, apresentaram crescimento negativo de quase 40% no final da década no Rio de Janeiro, segundo os dados da pesquisa do IBGE.

Outro dado interessante é o fato de que praticamente metade dos ocupados (quase 50%) na atividade informal em questão são chefes de família, o que significa dizer que há um grande número lares que têm como principal fonte de renda a atividade de comércio ambulante. A atividade informal não é procurada meramente como complementação da renda familiar. Os cônjuges representam 30% de ocupados em comércio ambulante ao longo do período considerado, reafirmando a seriedade da participação da renda oriunda de atividades ambulantes para o orçamento doméstico.

O estudo “A informalidade é formal”, realizado pela Casa da Mulher Trabalhadora – CAMTRA, apresenta o perfil das mulheres ambulantes. A pesquisa foi com 201 trabalhadoras do comércio ambulante no Centro do Rio de Janeiro entre os meses Agosto a Dezembro de 2010. O estudo foi realizado nas regiões do SAARA, Largo da Carioca, Cinelândia, Passeio, Praça XV, Candelária, Castelo, Central, Lavradio e Praça Mauá.

Os resultados da pesquisa apontam que 65% das ambulantes são negras, 37% das entrevistadas não concluíram o ensino fundamental e ocupam a posição de co-chefe ou chefe dentro da hierarquia da família. Com relação à renda familiar, o estudo aponta que 45% das entrevistadas ganham um salário-mínimo e 35% ganham em média 930 reais.

Tais resultados apresentam algumas semelhanças com a pesquisa realizada pelo IBGE nos anos 80 e 90 sobre o comércio ambulante, embora os resultados da primeira pesquisa sejam relativos a ambos os sexos. Os resultados da escala da escolaridade nos dois estudos são bastante parecidos.

Nas duas pesquisas, os dois grupos mais expressivos são os formados por ambulantes com cinco a oito anos de estudo, o que equivale ao ensino fundamental incompleto. Os grupos com o ensino médio completo também constituem o segundo grupo na escala da escolaridade nos dois estudos. A pesquisa realizada em 2011 revela que 37% das mulheres ambulantes têm o ensino fundamental incompleto, e o segundo grupo na escala da escolaridade é formado por mulheres que têm o ensino médio completo, totalizando 28%.

O papel ocupado na família é outro aspecto passível de comparação. O estudo das décadas de 80 e 90 mostrava que os principais papéis desempenhados pelos ambulantes são os de chefes de família e cônjuge, resultado semelhante ao da pesquisa realizada pela CAMTRA. Com relação ao papel na família, as ambulantes são, em sua grande maioria, co-chefes de família ou chefes, o que sinaliza que cada vez mais a renda das mulheres tem sido senão a única, uma das mais importantes fontes de sustento familiar.

O local de moradia das ambulantes também nos ajuda a determinar seu perfil social. A pesquisa realizada por CAMTRA revela que as mulheres ambulantes são moradoras principalmente do município do Rio de Janeiro (77% das entrevistadas moram no município do Rio de Janeiro), sendo o Centro da cidade (23%) e os bairros da zona oeste (Bangu, Campo Grande, Anchieta, entre outros) os que concentram o maior número de trabalhadoras. Os outros municípios citados são Duque de Caxias, São Gonçalo e Niterói. A maioria mora em casa própria, 53%, e o restante, 33%, em moradias alugadas. Tais informações contribuem para análise dos dados desses informantes do *corpus*, minimizando a falta de controle sociolinguístico não realizado em função do perfil dos entrevistados.

Com relação aos gerentes e vendedores, cabe informar que as recolhas foram feitas em situações mais formais, diferentemente do que ocorreu com as gravações com ambulantes, foram gravados em situações de maior informalidade. As perguntas a eles direcionadas também foram diferentes, mas também faziam com que os entrevistados produzissem sequência injuntivas e argumentativas: ‘Como eu faço para abrir uma conta no banco?’ (pergunta direcionada aos gerentes) e ‘Que tipo de roupa eu posso usar em uma festa que vai acontecer em um barco?’ (pergunta direcionada aos vendedores). No total, foram entrevistados 18 informantes entre 20 e 65 anos aproximadamente. A subdivisão em três perfis profissionais (gerentes, vendedores e ambulantes) tencionava comprovar a hipótese de Labov (1972) de que o comportamento linguístico do falante estaria correlacionado à sua atuação profissional mais do que a qualquer outra característica social. No nosso caso, poder-se-ia prever que os gerentes de banco tenderiam a se apropriar do prestígio de seus clientes, ou fazer um esforço nessa direção como afirma WRIGHT MILLS (*apud* LABOV, 1972). Nesse caso, usariam uma variante de prestígio, no caso, o emprego de *Você*. As três atuações profissionais controladas aliadas às condições de trabalho funcionariam como elementos de diferenciação social.

Amostra 'Perfil Profissional'						
Profissão	Gerentes		Vendedores		Ambulantes	
Idade	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Jovens	¹⁹ Rec 6	Rec 9	Rec 7, 18	Rec 10	Rec2	Rec 13
Adultos	Rec 5	Rec 16	Rec 14	Rec 20	Rec 1	Rec 12, 21
Idosos		Rec 3		Rec 17	Rec 11	Rec 12

Tabela 2: Panorama geral dos falantes da Amostra Perfil Profissional

Como se pode ver na tabela 2, não há dados de fala de gerentes e vendedores de *sexo/gênero* feminino, representantes da faixa 3.

3.2.3.2 - A amostra Almirante Barroso

Os ambulantes da Av. Almirante Barroso no Centro do Rio de Janeiro foram escolhidos em função de atenderem quase exclusivamente os usuários dos transportes públicos que vão para diversas partes da cidade, principalmente a Zona Oeste. A hipótese que norteou a escolha desse subgrupo é a de que os ambulantes que atuam em ruas mais movimentadas, por atenderem a um grupo mais heterogêneo de pessoas, acabam por assumir um comportamento linguístico mais neutro, sendo pessoas mais atentas às variantes estigmatizadas, como o uso de *Tu* + forma verbal neutra. Aqueles que, por outro lado, têm um público-alvo mais marcado socialmente, como é o caso específico dos ambulantes da Av. Almirante Barroso, seriam menos atentos às normas de prestígio, apresentando, portanto, maiores índices de ocorrência da variante de menor prestígio. Como os ambulantes da amostra Perfil Profissional atuavam basicamente em ruas movimentadas, como a Rua do Ouvidor e a Avenida Rio Branco, buscou-se gravar, na amostra Av. Almirante Barroso, ambulantes que atuassem em ruas menos movimentadas, para que se pudessem testar a hipótese de que um público-alvo menos heterogêneo poderia determinar um comportamento linguístico mais informal. Foram entrevistados quatro ambulantes de sexo/gênero masculino e uma ambulante adulta.

¹⁹ Rec é uma abreviação para record, que é o mesmo que gravação.

Amostra Almirante Barroso		
Idade	Feminino	Masculino
Jovens		Rec 1, rec 1
Adultos	Rec2	
Idosos		Rec 3 e 4

Tabela 3: Panorama geral dos falantes da Amostra Almirante Barroso (ambulantes)

A maior facilidade de obter entrevistas de ambulantes do sexo masculino confirma os resultados do IBGE: são os homens os que mais ocupam as atividades do comércio informal. Outro aspecto que corrobora dados de pesquisa sobre o tema é a maior quantidade de ambulantes adultas atuando nas ruas da cidade. Os resultados da pesquisa realizada pela CAMTRA, em 2011, revelam que as mulheres ambulantes têm em média mais que 30 anos, pertencendo, portanto, à faixa 2 na escala da idade.

Ainda baseados na ideia de que a ocupação profissional e até mesmo diferenças sutis entre profissionais que atuam no ramo são as principais responsáveis pelo comportamento linguístico dos falantes, buscou-se investigar a fala de um grupo profissional bastante marcado no centro do Rio de Janeiro, os advogados.

3.2.3.3 - Amostra 'advogados'

Por fim, buscou-se analisar a fala de informantes com grau de escolaridade superior, para verificar se o fenômeno era também produtivo entre falantes com esse perfil. Como as entrevistas eram feitas de forma anônima seria difícil verificar o grau de escolaridade do informante. Para contornar o problema, foi gravado um grupo social bastante específico e marcado no Centro do Rio de Janeiro, os 'advogados'.

Com base na adoção de mesmo procedimento metodológico, foram entrevistados 10 advogados entre 20 anos e 65 anos, pertencentes aos dois sexo/gêneros.

Consoante LABOV (1972 *apud* Bernard Barber, 1957, p. 1-3), ‘a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social’. Como discutido anteriormente, o autor explica que o uso do termo estratificação não implica qualquer tipo específico de classe ou casta. O termo se refere a mecanismos usuais da sociedade que produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas. Essas formas de diferenciação foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral.

No caso ‘advogados’, profissão que confere prestígio àqueles que a exercem, a imagem social faz parte da construção da identidade do grupo. Com base em tal hipótese, os ‘advogados’ foram escolhidos em função da identificação de elementos diferenciadores de comportamento, como o uso de *ipads*, *tablet’s* para consulta de processos na internet, o andar apressado do entrevistado, as bolsas de grife, no caso das mulheres, o uso de joias, anéis, celulares de última geração, cabelos escovados, uso de roupas de grifes famosas no Centro. Entre os homens, chamam a atenção os ternos bem-cortados e de tons discretos, os sapatos bem engraxados, o uso de pastas.

Durante a gravação, foi incluído como assunto do diálogo um suposto processo que a pesquisadora estaria movendo contra uma suposta empresa. O objetivo era, por meio da desenvoltura dos entrevistados para abordar o tema, confirmar as impressões visuais. Muitas vezes, a pesquisadora pôde confirmar estar falando com um advogado em função das correções que os mesmos faziam às perguntas que fazia. Os resultados da amostra ‘Advogados’ são bastante interessantes, uma vez que, apenas na fala de dois entrevistados, não foi possível verificar a alternância *Tu ~Você*. Pôde-se, portanto, confirmar que o fenômeno não está restrito à fala dos menos escolarizados e que o tratamento informal realmente favorece a ocorrência do *Tu* correlacionado com o verbo em 3ª pessoa, no dialeto carioca.

Amostra 'Advogados'		
Idade (aproximadamente)	Sexo/gênero feminino	Sexo/gênero masculino
Jovens	Rec 4	Rec 3
adultos	Rec , 8	Rec 3, 4,5
idosos		Rec 2, 6, 7

Tabela 4: Panorama geral dos falantes da Amostra 'advogados'

Prosseguiu-se com o emprego da metodologia adotada para a constituição de dados de fala interacional dos transeuntes, agora com a solicitação de autorização de uso das gravações para pesquisa, as amostras zona norte e zona oeste.

3.2.3.4 - A amostra Zona Norte: o bairro da Tijuca

Além das gravações realizadas no centro da cidade, foram realizadas entrevistas em duas áreas do Rio de Janeiro representativas da zona norte e da zona oeste. No primeiro caso, tem-se o bairro emblemático da Tijuca.

O termo Tijuca, de origem indígena, 'TY YUC', significando água podre, charco ou brejo, referia-se, em princípio, às lagoas da atual Barra. Depois, passou a designar as montanhas, floresta. Em termos de localização, correspondia à antiga região do Andaraí Pequeno que, entre os séculos XIX e XX, se transformou no atual bairro da Tijuca, incorporando, na década de 1970, parte do Andaraí Grande.

A região era visitada pela população do pequeno núcleo urbano que constituía a Cidade, já no início do século XVIII. Chácaras, vivendas e até mansões de ricos e nobres começaram a florescer na região, que no início do século XIX era um misto de zona rural, ocupada por uma população de hábitos urbanos que, aos poucos, ia transformando suas casas de campo em residências permanentes. A intensa ocupação da área ocorreu em 1812. O primeiro núcleo de loteamento-arruamento foi o bairro da Fábrica das Chitas, no entorno do Largo da Fábrica (atual Praça Sáenz Pena). Mais tarde, a Tijuca viria também a incorporar a antiga freguesia do Engenho Velho.

A criação da primeira zona industrial da cidade do Rio de Janeiro, a proximidade com o Centro e o fato de a região já ser servida de transporte de tração animal desde

1838 tornaram a Tijuca uma região atrativa a diversos segmentos da população. A população mais abastada e a mais simples via na região um local vantajoso para a moradia pelas possibilidades e vantagens que o bairro oferecia. Já no início do século XX, os morros da Tijuca começam a ser ocupados, surgindo a primeira favela do bairro, a do morro do Salgueiro. Em seguida, surgiram as favelas do Borel e da Formiga. Interessante observar que, a partir dos anos 30 e 40, a Tijuca começa a ser também ocupada por uma classe média com valores tradicionais e conservadores, destacando-se dos demais bairros da Zona Norte por seu passado aristocrático, cujo extremo da identidade coletiva leva a população a criar o uso da expressão ‘tjucanos’, que não encontra equivalente em nenhum outro bairro da cidade.

Desde sua formação, a Tijuca é marcada por contrastes extremos, sendo ocupada por uma população extremamente heterogênea. A região da cidade se destaca historicamente por três aspectos: pelo seu pioneirismo na indústria, na educação e por abrigar marcos culturais da cidade.

O controle sociolinguístico dos falantes foi feito de forma mais precisa. As gravações realizadas na Tijuca, região representante da Zona Norte no *corpus*, seguiram a mesma metodologia empregada na constituição das outras amostras e foram realizadas no ano de 2009.

Amostra Zona Norte				
Grau de escolaridade	Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Jovens	Rec 8	Rec 8		
Adultos	Rec 93	Rec 80	Rec 10	Rec 13
Idosos		Rec 87		

Tabela 5: Panorama geral dos falantes da Amostra Zona Norte

A tabela 5 apresenta um panorama do perfil social dos informantes da amostra. Foram gravadas as falas espontâneas de 7 informantes entre 17 e 65 anos com dois

níveis de escolaridade. Todas as gravações que fazem parte da amostra tiveram seu uso autorizado pelos informantes e adotou-se a mesma metodologia das amostras já descritas.

3.2.3.5 - A amostra zona oeste: o bairro de Campo Grande

A última amostra foi realizada em um bairro da zona oeste (Campo Grande). O objetivo era realizar uma análise contrastiva em termos diatópicos. Fundado em 1565, Campo Grande compreendia as terras que iam do atual bairro de Deodoro, passavam por Bangu e iam até Cosmos. A região era habitada pelos índios Picinguaba. Desde sua fundação, o bairro tinha perfil agrícola, sendo a princípio produtor de cana-de-açúcar e gado bovino. Os produtos eram escoados pela Estrada Real de Santa Cruz, que ia até São Cristóvão. Entre 1760 e 1770, o padre Antônio Couto da Fonseca iniciou a cultura cafeeira que se estendia por todo o Vale do Paraíba, indo até Minas Gerais. Os povoados, neste período, ficavam restritos às proximidades dos engenhos e fazendas, entre os quais se destacam: Juary, Rio da Prata, Cabuçu, Santo Antônio do Juary, Tingui, Campinho, Guandu, Mendanha, Capoeiras, Pedrogoso, Dona Maria, Marcolino da Costa e Sant'Ana. A região foi marcadamente rural até a década de 40 do século XX, sendo considerada uma grande região produtora de laranjas, o que lhe rendeu o título de 'citrolândia'.

Com a implantação de novos meios de transportes, como a E. F. Dom Pedro II, em 1879, as linhas de bondes à tração animal em 1894, e, por fim, a implantação de bondes elétricos, em 1915, foi possível ter acesso a regiões de difícil acesso e ao Centro do Rio, o que contribuiu para uma intensificação do comércio local e adensamento do núcleo urbano.

A partir da década de 1930 é que Campo Grande foi integrado ao tecido urbano da cidade, quando a Estrada Real de Santa Cruz foi incorporada à antiga estrada Rio-São Paulo, durante o governo de Washington Luis. A melhoria do transporte na região facilitou a mudança em seu perfil econômico, até então agrícola. Na década de 60 do século XX, surgiu o Distrito Industrial de Campo Grande e a indústria de pneus Michelin. Grandes loteamentos foram implantados ao longo dos eixos formados pelas

estradas do Cabuçu, do Pré, do Monteiro, da Cachamorra, do Campinho, do Pedregoso, de Sete Riachos, do Mendanha e da Posse. Entre eles, destacam-se: Santa Margarida, Corcundinha, Vila Palmares, Vila Iêda, Adriana, Pedra Angular, Santa Maria, Jardim Paulista, Vila Santa Rita, Arnaldo Eugênio, Vila Jardim Campo Grande, Hortências, Diana, São Jorge, Morada do Campo, Jardim Monteiro e Nova Guaratiba.

O núcleo original do bairro tornou-se importante centro comercial, com destaque para a rua Cel. Agostinho (Calçadão), próximo à estação ferroviária a ao terminal de ônibus. Há ainda, entretanto, bolsões agrícolas nas regiões da Serrinha, do Mendanha e do Rio da Prata.

No bairro de Campo Grande, foram gravados 13 falantes com base nos mesmos critérios de organização das amostras anteriores. Segundo pesquisa do censo de 2000, o bairro de Campo Grande, pertencente à Área de Planejamento 5 (doravante AP), apresenta os menores índices de escolaridade, o que talvez explique a dificuldade de encontrar falantes com nível superior de escolaridade.

Amostra Zona Oeste						
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Jovens			Rec 49 (2), rec 61			
Adultos		Rec 60, rec 70	Rec 68, 65	Rec 50, 64		
Idosos	Rec 59	Rec 74	Rec 58		Rec 66	

Tabela 6: Panorama geral dos falantes da Amostra Zona Oeste

Dos treze falantes entrevistados, apenas uma informante de sexo/gênero feminino apresentou nível superior de escolarização. Foi bastante fácil entrevistar

informantes com níveis fundamental e médio, o que confirma resultados do Censo 2000, que aponta a região como sendo a de menor índice de falantes com mais de 12 anos de estudo.

3.3 - Grupo de fatores

3.3.1 - A variável dependente

Foram averiguados todos os tipos de sujeitos de segunda pessoa empregados pelos falantes do *corpus*. A princípio, foram consideradas as seguintes variantes:

1) Pronome-sujeito *Tu* pleno com verbo sem marca de concordância

(1) *Pesq.: Ai senhora boa tarde dá licença daqui como eu faço para ir para a Justiça do Trabalho?*

Inf.: Justiça do Trabalho? Tu vai ter que::: entrar (Rec 8, Amostra 'Advogados') (Tu + Ø)

2) Pronome-sujeito *Você* pleno com verbo com desinência zero

(2) *Pesq...: Oi dá licença é:: bom dia como é que eu faço para ir daqui até:: a Central?*

Inf...: Amor você vai a pé? (Rec 1, amostra 'Av. Almirante Barroso')(Você + P3)

Como, na variedade carioca, o verbo com desinência zero pode estar associado aos pronomes *Tu* e *Você*, nem sempre é possível, em casos de omissão de sujeito, determinar a que forma pronominal o verbo se refere. Desse modo, decidiu-se considerar a forma verbal sem pronome expresso como uma outra estratégia de referência a seu interlocutor. Como as nossas entrevistas injuntivas se constituem tipicamente como interações face-a-face, pode-se conjecturar, como afirma Paredes Silva (2003, p.97), que “quanto mais predizível o referente de um sujeito, menor a necessidade de explicitá-lo”. Nessa relação interlocutiva entre o *eu* e o *tu* que se alternam, o emprego de formas verbais com desinência zero como estratégia de referência à segunda pessoa do discurso mostrou-se bastante produtiva na amostra. Por essa razão, os dados de sujeito nulo na terceira pessoa foram analisados isoladamente. O exemplo (3) ilustra um caso de sujeito *Nulo/zero* como estratégia de referência ao interlocutor.

3) Pronome-sujeito *Nulo/Zero*

(3) *Inf.: Ø Vai pegar na Senador Dantas Ø vai ver o Banco do Brasil GRANDÃO pega aquela rua direto Ø vai sair no Lavradio (Rec 4, advogado adulto, amostra 'Advogados') (Ø + P3)*

A razão que justifica a análise do sujeito *Nulo/zero* como estratégia pronominal independente das formas com sujeitos explícitos é que a variante *Tu* com verbo sem marca de concordância pode ser considerada mais marcada e estar associada ao tratamento mais íntimo e bastante informal, ao passo que a variante pronominal *Você* seria menos marcada, menos íntima e, comparativamente, mais “formal”. Desse modo, a omissão da forma de pronome-sujeito dentro desse tipo de subsistema pronominal de tratamento pode ser uma estratégia empregada pelo falante do Rio de Janeiro para que se mantenha um comportamento interpessoal neutro. Tal opção linguística adotada pelo falante poderia evidenciar uma atitude adequada para aqueles que não sabem categorizar socialmente seus interlocutores, como é o caso dos falantes do *corpus*.

3.3.2 - As variáveis independentes

Para a análise da variação dos pronomes-sujeito de segunda pessoa empregados pelos falantes das amostras, foram controlados 11 grupos de fatores, sendo sete de natureza linguística e quatro de natureza social ou extralinguística. Os grupos de fatores analisados já foram testados em outros trabalhos de natureza variacionista ou em estudos com base em modelos teóricos que investigam a alternância pronominal à referida segunda pessoa do discurso, como a Teoria da Polidez, de Brown & Levinson (1987). A partir de tais perspectivas teórico-metodológicas, procurou-se formular um leque de fatores estruturais e sociais que atuariam determinando a escolha das formas variantes. Na seção subsequente, serão discutidos os grupos de fatores que, em algum momento da análise multivariada feita a partir do programa estatístico GOLDVARB 2001, se mostraram mais relevantes para a aplicação da regra variável.

(2) Formas de imperativo

- a) imperativo indicativo ou de 2ª pessoa: **Pega** aquela rua ali.
- b) imperativo subjuntivo ou de 3ª pessoa: **Pegue** aquela rua ali.
- c) infinitivo com valor imperativo: **Seguir** a reta.

A presença de formas imperativa é bastante significativa em sequência injuntivas. Isso se deve ao fato de os atos injuntivos servirem basicamente para ensinar alguém a realizar uma determinada ação. Dessa forma, pareceu-nos pertinente controlar que forma variante predominava no *corpus*: imperativo-indicativo relacionado a *tu* vs. imperativo-subjuntivo relacionado a *você*.

Como o imperativo canônico, segundo Faraco (1986), não está associado estruturalmente à expressão formal de formas de sujeito, nosso objeto de estudo, o controle de tal categoria gramatical justifica-se pela diferença de nuance semântico-pragmática entre as duas possibilidades realizar um pedido, dar uma ordem etc. à pessoa com quem falamos (nosso interlocutor). Acredita-se que existam formas menos “autoritárias” ou incisivas de realizar pedidos, ordens, como discutido a seguir.

Scherre²⁰ (2007) e Scherre *et al.* (2007b) explicam que há, no PB, dois tipos de imperativo: as formas associadas ao subjuntivo e as formas associadas ao indicativo. As formas associadas ao subjuntivo, como *fale*, *abra* e *faça*, são derivadas do presente do subjuntivo do pronome *Você* em construções afirmativas ou negativas. Já as formas associadas ao indicativo como *deixa*, *parte* e *faz* são provenientes do presente do indicativo do pronome *Tu*, sem o –s final, sendo empregadas somente em caso de imperativo afirmativo, uma vez que todas as formas de imperativo negativo são provenientes do presente do subjuntivo. Esse é o padrão presente nas gramáticas normativas. As formas de imperativo podem expressar pedido, solicitação, convite, súplica, aviso, conselho, sugestão, exortação ou ordem, em orações sem sujeito

²⁰ A professora Maria Marta Pereira Scherre, ao ser solicitada por uma aluna da 5ª série do antigo ensino primeiro grau (atual ensino fundamental) de uma escola particular de Brasília em 1992 para a correção do exercício de número 17, da Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla, 34 edição, de 1991, à página 184, percebeu que, por ser mineira, região de uso expressivo da forma *Você*, esperava evocar as formas de imperativo relativas à terceira pessoa gramatical, ou seja, *faça*, e não *faz*, como ocorreu, o que a fez constatar estar diante de um fenômeno linguístico ainda pouco investigado. A observação da autora desencadeou uma pesquisa pessoal de cujos resultados nos apropriamos para explicar o padrão das formas de imperativo observado no *corpus* aqui analisado.

expresso. Cabe destacar que há pouca ou nenhuma correlação entre os contextos de ocorrência dos pronomes *Tu* ou *Você* e as formas de imperativo relacionadas ao indicativo e ao subjuntivo, respectivamente.

O fato é que, no PB atual, os falantes dispõem de duas maneiras de expressar o imperativo de segunda pessoa do singular como já dito anteriormente, o que evidencia um processo de variação que se afasta da norma codificada, uma vez que o imperativo associado ao indicativo, em contextos exclusivos do pronome *Você*, o *abrasileiramento* do imperativo a que se refere Paredes Silva (2003), infringe as regras de concordância prescritas pelos compêndios gramaticais.

Ao analisar a dupla possibilidade de expressão do imperativo afirmativo de segunda pessoa, em diálogos da revista da *Turma da Mônica*, do escritor e produtor paulista Maurício de Souza – foram analisadas 172 revistas publicadas num intervalo temporal de 35 anos, Scherre *et al.* (2007b) constataram um aumento claro de uso de imperativo associado à forma indicativa, no contexto exclusivo do pronome *Você*. Na década de 70, o imperativo associado ao indicativo equivalia a 7%, atingindo 72% de ocorrência na década de 00 do século XXI, o que equivale a um aumento expressivo de 65 pontos percentuais num intervalo de apenas 35 anos. Os autores explicam que foi entre os anos de 1983 e 1985 que ocorreu um salto de frequência de formas de imperativo associadas ao indicativo (entre um ano e outro, o percentual de uso de tais formas foi de cerca de 30%). A primeira especulação que fizeram para explicar tal padrão foi a de que o salto de frequência teria sido condicionado pela entrada em 1985 dos dados do *Chico Bento* e demais personagens da área rural. Entretanto, os autores constataram que o crescimento do imperativo associado ao modo indicativo se mantinha com ou sem os dados de tais personagens.

Para explicar tal padrão de variação, Scherre *et al.* (2007b) recorreram à análise do período sócio-político do Brasil nesse intervalo de tempo. O fim da ditadura em 1985 foi a razão sócio-histórica utilizada pelos autores para explicar o padrão observado. Durante a Ditadura Militar, período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil, o direito ao voto direto havia sido suspenso. Essa época, que vai de 1964 a 1985, foi marcada pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. A campanha *Diretas Já!*, movimento que teve início em 1983, cujo objetivo era a aprovação das eleições diretas para presidente coincide com o aumento das ocorrências de imperativos associados ao indicativo. Segundo os autores, o aumento

das formas de imperativo associadas ao indicativo constitui uma reação contrária a um período marcado por abusos de poder, por relações autoritárias, como foi o período da ditadura no Brasil.

Scherre *et al.* (2007b) explicam que, nas regiões Sul (Curitiba), Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e Centro-Oeste - regiões onde ocorrem comícios reunindo números expressivos de pessoas que se opunham à ditadura -, a forma de imperativo associada ao subjuntivo desperta nos ouvintes uma sensação de autoritarismo, enquanto a forma imperativa associada ao indicativo é recebida como sendo de maior proximidade e solidariedade. Os autores argumentam que construções do tipo *falE comigo!* remeteriam a um maior distanciamento, a um tom maior de autoridade do que *falA comigo!*. Consoante Scherre *et al.* (2007b):

Acreditamos que, com o fim de tal regime, e em função dos traumas por ela deixados, a população teria passado a repugnar condutas e formas de expressão que remetessem a um maior autoritarismo, como um manifesto inconsciente de desaprovação ao regime decaído. (SCHERRE *et al.*, 2007b, p. 5)

Outras pesquisas na mesma linha de análise também confirmam o resultado a que chegaram os autores. Trabalhos como os de Mattos e Wickert (2003), com base em dados colhidos de músicas do Chico Buarque no período de 1964 a 1993, e Lima (2005), com base em pesquisas com falantes do Centro-Oeste, apresentam 73% e 94%, respectivamente de dados de imperativo associados ao indicativo, confirmando os resultados da análise feita por Scherre *et al.* (2007b).

(3) Perífrase Verbal

Segundo Costa (1991), os auxiliares modais do tipo *poder, ter que, dever* são utilizados para amenizar a responsabilidade do falante em relação a *seu* discurso. Os trabalhos que se apropriam de hipóteses pragmáticas para entender a variação entre o *Tu~Você* (cf. SOUZA, 2008; MARCOTULIO, 2010, entre outros) têm mostrado que a forma *Tu* tem valor semântico-pragmático mais impositivo e diretivo, ao passo que a forma *Você* é mais ‘neutra e menos invasiva’. A hipótese que norteou a inclusão dos recursos de modalização é a de que o falante empregaria os auxiliares modais com as estratégias de referência ao interlocutor que tenham um caráter indeterminador e genérico, como é o caso da forma *Você* e do sujeito *nulo/zero*. Outro aspecto

interessante sobre o fenômeno variável é que os pronomes podem mitigar atos de fala impositivos, hipótese postulada por Souza (2008).

Com base em tais hipóteses, objetivou-se analisar a atuação de sujeitos de segunda pessoa como forma de amenização de atos de fala impositivos, identificados com base nos valores semântico-pragmáticos dos verbos auxiliares das perífrases verbais. A expectativa era a de que quanto mais impositivo fosse o ato de fala, maior seria a tendência de o falante empregar estratégias de referência à segunda pessoa consideradas ‘neutras’, como é o caso de *Você* e do *Nulo/zero*.

Com base na classificação proposta por Travaglia (2009), foram controladas as ocorrências das seguintes perífrases verbais:

Dever + verbo;

(4) *Inf.: “Que é onde **você** deve ter ido.” (Rec Amostra ‘Advogados’)*

No exemplo (4), o verbo *dever* atua como auxiliar de uma perífrase verbal que foi classificada como *possibilidade*, tornando o evento do verbo em questão uma ação hipotética. Nesse caso, considerou-se o ato de fala um ato impositivo, sendo necessário verificar a atuação dos sujeitos de segunda pessoa empregados por falantes. A expectativa era a de que seriam empregados sujeitos ‘neutros’, com o objetivo de amenizar tal ato de fala.

Ter que + verbo;

(5) *Inf.: “...para pagamento que \emptyset tem que depositar...” (Rec Amostra Perfil Profissional)*

(6) *Inf.: “**você** tem que esperar acabar (...)” (Rec Amostra Perfil Profissional)*

Seguindo a classificação de Travaglia (2009), o auxiliar *ter que* foi classificado como indicativo da modalidade verbal *obrigação*, um ato de fala mais impositivo que aquele expresso pelo auxiliar *dever*. Os exemplos (5) e (6) ilustram o uso auxiliar *ter que + verbo* para expressar tal modalidade verbal.

Poder + verbo;

(7) *Inf: “...aí sim tu pode encerrar a conta não tem problema...”(Rec Amostra Perfil Profissional)*

O auxiliar do exemplo (7) *poder* ilustra um caso de modalidade verbal *permissão*. Também foram controlados os casos de ausência de modalidade, em que os verbos auxiliares atuam, por exemplo, como auxiliares temporais.

Ir + infinitivo;

(8) *Inf:” tu vai passar por dentro da alfândega e Ø vai sair na Central.”*
(*Rec Amostra Perfil Profissional*)

Ir + gerúndio

(9) *Inf.: você vai indo tem correios pequenos mas o central mesmo eu acho que é aquele em frente a::: estação (mulher jovem, Rec ? Amostra Zona Oeste)*

O auxiliar *ir*, em dois contextos (*ir + infinitivo* e *ir + gerúndio*), não indicaria atitude do falante em relação ao que diz, funcionando apenas como um auxiliar temporal, servindo para indicar o futuro do presente do modo indicativo. Os exemplos (8) e (9) ilustram o uso do auxiliar nos dois contextos, respectivamente. Nesses casos, classificou-se o auxiliar como isento de modalidade.

Quiser/querer + verbo;

(10) *Inf.: “Mas você quer fazer o quê?”(mulher jovem Rec Amostra Zona Oeste)*

O verbo *querer* também foi classificado da mesma forma, como um caso de ausência de modalidade como em (10).

Os exemplos de (4) a (10) ilustram a alternância das formas variantes de segunda pessoa na função de sujeitos de perífrases verbais que apresentam valores semântico-pragmáticos distintos. Para determinar tais valores, utilizou-se, como dito anteriormente, a classificação proposta por Travaglia (2009).

(4) Paralelismo formal

Para a análise da variação dos pronomes-sujeito de segunda pessoa em dados de fala espontânea, consideraram-se sequências discursivas cada turno de fala produzido pelos informantes. Foram controladas as alternâncias dos sujeitos de segunda pessoa em cinco tipos distintos de ocorrência dos pronomes-sujeito nas sequências discursivas, a saber: 1. primeira forma de pronome-sujeito empregada como referência ao interlocutor; 2. primeira forma empregada após algum tipo de intervenção do pesquisador; 3. forma de sujeito de segunda pessoa antecedida por *Tu-sujeito*; 4. forma de sujeito de segunda pessoa antecedida por *Você-sujeito* e 5. forma de sujeito de segunda pessoa antecedida por *Nulo/zero-sujeito* dentro de uma sequência discursiva.

Os exemplos (11) a (17), abaixo, ilustram os tipos de ocorrência dos pronomes-sujeito nas sequências discursivas das amostras estudadas.

11) Tipo de sujeito empregado como primeira referência ao interlocutor:

(11) *Pesq.: Oi boa tarde Ø sabe onde é o Fórum aqui no Centro?*

*Inf.: Sei é para lá **você** vai segue essa rua aqui*

(Zero/Nulo como 1º referência)

(Rec 5, Amostra 'Advogados')

(12) *Pesq.: Ai senhora boa tarde dá licença daqui como eu faço para ir para a Justiça do Trabalho?*

*Inf.: Justiça do Trabalho? **Tu** vai ter que::: entrar aqui nessa rua e Ø ir toda vida aqui oh::*

Pesq.: Subindo aqui né?(Tu como 1º referência)

(Rec 8, Amostra 'Advogados')

(13) *Pesq.: Oi dá licença boa tarde como eu faço para ir ao Fórum daqui?*

Inf.: Fórum? Olha só Ø vai seguir reto aqui

Pesq.: hum hum (Zero/Nulo como 1ª referência) (Rec 6, Amostra 'Advogados')

O tipo de pronome-sujeito empregado como primeira referência ao interlocutor é o primeiro fator do grupo paralelismo formal. Como se pode ver nos exemplos de 1 a 3, foram utilizadas as três variantes como estratégia de referência ao interlocutor: (*Tu* + verbo sem marca distintiva de pessoa), (*Você* + verbo sem marca distintiva de pessoa) e (*Zero/Nulo* + verbo sem marca distintiva de pessoa), as três variantes da variável

dependente. O segundo fator controlado foi o tipo de sujeito de segunda pessoa empregado após algum tipo de intervenção da pesquisadora.

14) Primeira forma de pronome-sujeito empregada após de algum tipo de intervenção da pesquisadora:

*(14)Pesq.: Ø Tem que voltar?(pergunta ratificadora)
Inf.: É Ø tem que voltando (...) ou Ø pode ir:: direto
(Rec 60, amostra Zona Oeste)*

No exemplo 14, tem-se o caso de uso do sujeito *Nulo/Zero*-sujeito depois da fala da pesquisadora, que fez uma pergunta ratificadora “Tem que voltar?”

15) Pronomes-Sujeito antecidos de *Tu*:

*(15) F1.: Subindo aqui né?
F2.: É:: tu vai pegar o Fórum é melhor você ir perguntando passou daquela esquina ali (Rec 8, amostra ‘Advogados’)*

O exemplo (15) ilustra um caso em que o informante emprega a forma de sujeito de segunda pessoa *Você* antecida pelo pronome *Tu*.

16) Pronomes-Sujeito antecidos de *Você*:

*(16) Inf.: aí se você (forma antecedente) quiser você (forma subsequente) pode entrar passar pelo Inter você vai sair MAIS perto ainda
Pesq.: a::h tá
(Rec 59, Amostra Zona Oeste)*

No exemplo 16, o falante emprega, dentro da sequência discursiva, a forma *Você* na oração principal, que é antecida pela oração condicional a ela subordinada. Tem-se um caso de uma forma *Você* antecida por outra forma *Você*.

17) Pronomes-Sujeito antecidos de *Zero/Nulo*:

*(17)Pesq.: oi dá licença como eu faço para ir daqui até a Central?
Inf.: Central? Ø Vai por aqui ó:: direto ou você vai por aqui*

(Rec 1, Amostra Av. Almirante Barroso)

Por fim, tem-se em (17) um exemplo da forma *Você* antecida pelo sujeito *Nulo/zero*-sujeito.

(5) Tipo de oração

Foram postulados três tipos distintos de orações, a saber: as coordenadas, as adverbiais e as interrogativas:

Sujeito de oração coordenada

(18) “*Aí você vai seguindo e Ø vai atravessar para o lado de lá...*” (Rec 1, Amostra ‘Advogados’)

Sujeito de oração subordinada adverbial

(19) “*Inf: Mas se você achar melhor tua referência é procurar...*” (Rec Amostra Perfil Profissional) gerente adulta

Sujeito de oração interrogativa

(20) “*Inf: Tu já foi no da estação?*” (Rec Amostra Zona Oeste) homem adulto ensino médio

Trabalhos como os de Lira (1988), Duarte (1993), entre outros investigam o controle da variável “tipo de oração” na análise da presença/ausência dos pronomes-sujeito. Pelo caráter enumerativo, as orações coordenadas inibiriam a presença do sujeito pronominal, enquanto, nos outros tipos (principais e dependentes), não haveria “um efeito muito significativo”, segundo Lira (1988, p. 37)

Na análise das formas variantes de 2ª pessoa, partiu-se da hipótese de que, em orações coordenadas, o sujeito *nulo/zero* fosse mais produtivo. Além disso, pretendia-se verificar se haveria motivações pragmáticas envolvendo a alternância das formas de pronome-sujeito nos tipos de orações controlados. No caso das orações adverbiais, acredita-se que o falante empregaria *nulo* para indeterminar, tornar genérico o sujeito de tais orações, já que a ação, por elas expressa, é tida como hipotética. Em períodos compostos formados por orações adverbiais, há dois eventos: um hipotético e outro expresso como certo, previsto, o evento da oração principal. Na frase, ‘Se Ø fizer isso, Ø serás castigado’, por exemplo, o evento da oração adverbial condicional, aquela introduzida pela conjunção *se*, é um evento hipotético, ao passo que o da oração principal é tido como consequência lógica do evento da oração adverbial. Ao empregar o *nulo* como sujeito da condicional, generaliza-se o agente da mesma. Em frases do tipo ‘Se for por ali, você chegará mais rápido’, o uso do *nulo* na condicional, generalizando,

indeterminando o sujeito, torna-se uma forma de minimizar um ato de fala impositivo, à medida que o falante sinaliza que você ou qualquer um que executasse a ação do modo que o mesmo prescreve teria o mesmo efeito como resultado. A consequência esperada seria aquela expressa pelo verbo da oração principal. Tal estratégia de indeterminação mitigaria o ato de fala impositivo. Esse seria um exemplo de uso do nulo/zero motivado por intenções pragmáticas do falante. Em orações interrogativas, contexto sintático em que o falante se dirige a seu interlocutor de forma direta, o falante empregaria o zero/nulo com a intenção de não determinar o grau de intimidade com o interlocutor, principalmente em situações em que não se tem informações suficientes sobre a pessoa com quem se fala. Em (1), apresenta-se um exemplo de uso de *Nulo/zero* em uma oração interrogativa:

(21) “*Inf.: Ø Sabe onde é a estação do metrô ali da Carioca na frente?*” (Rec 4, Amostra ‘Advogados’)

No exemplo (21), especula-se que o informante, ao empregar o *Nulo/zero* como sujeito da oração interrogativa, não determina o grau de intimidade que quer manter com seu interlocutor. Tal hipótese é também referendada pela análise da estratégia de referência ao interlocutor empregada pela pesquisadora, que utilizou o *Nulo/zero* como sujeito da pergunta empregada para a eliciação dos dados. Ao usar ‘*Ø Sabe onde é a rua X?*’, tinha-se a intenção de não determinar o grau de intimidade que se queria manter com os diferentes informantes que integram o *corpus* analisado.

No exemplo (22), contudo, o falante se dirige de forma direta a seu interlocutor, não podendo, portanto, indeterminar o sujeito como forma de suavizar tal ato de fala. Resta-nos investigar que estratégia pronominal de 2ª pessoa (*tu* ou *você*) seria mais produtiva nesse tipo de oração.

(22) *Inf.: Tu já foi no da estação? (Rec Amostra Zona Oeste) homem adulto ensino médio*

(6) Realização plena ou nula do sujeito

Buscou-se verificar, em função da produtividade do sujeito *Nulo/zero* no *corpus*, em que contextos sintáticos tal estratégia seria produtiva. Diversos trabalhos²¹ têm mostrado que o PB estaria passando por uma mudança quanto ao preenchimento do

²¹ cf. DUARTE, 1993, 1995, 2003; CYRINO, DUARTE & KATO, 2000; KATO & DUARTE, 2003.

sujeito, ou seja, estaria mudando de uma língua [+ sujeito nulo] para uma língua [- sujeito nulo]. Especula-se que o falante pode manter um comportamento interpessoal neutro ao empregar o *Zero/nulo* como estratégia de referência ao interlocutor (cf. Scherre *et al.* 2009). O emprego de *Zero/nulo* na função de sujeito de segunda pessoa é viabilizado pelo fato de, na fala, o sujeito de segunda pessoa ser predizível. Adaptando um princípio proposto por Paredes Silva (2003), para quem quanto mais predizível o referente de um sujeito, menor a necessidade de explicitá-lo, pode-se dizer que o fato de o sujeito de segunda pessoa na fala poder ser facilmente identificado em função do contexto da enunciação torna sua expressão formal desnecessária. Acredita-se que esse seja um contexto de resistência à implementação da mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo por que estaria passando o PB.

(7) Modalização

A hipótese que norteou a inclusão desse aspecto é a de que os pronomes podem atuar como elementos mitigadores em atos de fala impositivos (cf. SOUZA, 2008). Os recursos de modalização (cf. COSTA, 1991; TRAVAGLIA, 2009) servem para o falante se posicionar em relação ao que enuncia, marcando, em maior ou menor escala, *seu* comprometimento com aquilo que é dito. Tais modalidades realizam atos de fala impositivos que fariam com que os falantes elegessem formas para suavizá-los.

Nossa hipótese era a de que quanto mais impositivo o ato de fala, maiores seriam as chances de os falantes suavizá-los por meio de uma estratégia de referência ao interlocutor com potencial mitigador, como o *Você* e o *Nulo/zero*.

Os trechos abaixo exemplificam os critérios de codificação:

(a) Certeza

Para identificar tal modalidade, utilizou-se a proposta de Travaglia (2009). De modo geral, os tempos do indicativo, com exceção do futuro do pretérito, indicam “certeza”.

Como em textos injuntivos o falante produz orações que se sucedem no tempo, a *certeza* emerge do fato de ele saber todas as ações necessárias que seu interlocutor terá de realizar para atingir *seu* objetivo, se o mesmo adotar a estratégia sugerida pelo locutor para chegar ao local perguntado.

(23) *Inf.: “**você** vai ver uma praça e depois da praça você vai ver um ponto de ônibus lá ponto de ônibus lá”. (Rec 1, Amostra Perfil Profissional)*

No exemplo (23), o falante utiliza o tempo verbal futuro do presente no modo indicativo para exprimir tal modalidade. Outra modalidade controlada foi a *possibilidade*.

(b) Possibilidade

Ao expressar tal modalidade verbal, o falante tem de considerar o evento e o sujeito de tal ação verbal. Nossa hipótese é a de que o *Zero/Nulo* e a forma *Você*-sujeito, por apresentarem um nuance indeterminadora, constituem formas apropriadas para funcionar como sujeito de ações hipotéticas como as expressas pelas orações adverbiais. Outra forma de se identificar tal modalidade foi por meio do uso do verbo *poder* como auxiliar de perífrases verbais principalmente quando empregado no futuro do pretérito ou no pretérito imperfeito, ambos no modo indicativo. Quando, por outro lado, o falante emprega a forma *Tu* como sujeito de ações hipotéticas, os interlocutores tendem a interpretar que somente o evento é hipotético, não o sujeito, que seria literalmente a pessoa com quem se fala, uma vez que se trata de uma forma de tratamento empregada no trato íntimo, servindo para indicar solidariedade entre os pares.

(24) *Inf.: “Se **você** quiser fazer ali agora ...”(Rec 5, Amostra Perfil Profissional)*

(25) *Inf.: “**Você** podia ser um cliente diferenciado sabia?” (Rec 10, Amostra Perfil Profissional)*

(26) *Inf.: ... quando \emptyset chegar na Presidente Vargas que é a principal ...”(Rec 11, Amostra Perfil Profissional)*

(27) *Inf.: “.: É No caso se **tu** tiver que perguntar **tu** pergunta onde é a estação de Campo Grande.” (Rec 50, Amostra Zona Oeste)*

Os exemplos (24) e (25) ilustram os dois recursos gramaticais utilizados para identificação da modalidade verbal *possibilidade*: as orações condicionais, em (24) e (27), e as perífrases verbais com o verbo *poder* como auxiliar modal em (25). Em (25), há também o uso no pretérito imperfeito. O aspecto do verbo, ou seja, o fato de o pretérito imperfeito expressar uma ação não concluída contribui para expressar tal modalidade. Em (26), tem-se o uso do *Nulo/zero* como sujeito de uma oração adverbial

temporal. Tal estratégia transforma o sujeito e ação verbal em elementos hipotéticos. Quando se diz: “quando chegar na Presidente Vargas...”, interpreta-se que o sujeito da ação verbal pode ser tanto a pessoa com quem se fala, como qualquer outra pessoa, um efeito semântico que se constrói com base no caráter indeterminador da estratégia de pronome-sujeito. Nesse caso, a escolha da forma de tratamento estaria associada à estrutura sintática em questão: a oração adverbial temporal. Por outro lado, quando se emprega a forma *Tu* nesses contextos, perde-se esse efeito, uma vez que tal estratégia de sujeito é mais direta, mais íntima, servindo para marcar solidariedade entre os pares. Isso confere uma interpretação de que somente o evento da ação verbal é hipotético, ao passo que seu sujeito é literalmente a pessoa com que se fala. O exemplo (25) ilustra esse tipo de uso.

(c) Ordem

A ordem é uma modalidade verbal geralmente expressa por verbos no imperativo ou com valor imperativo. Para determinar *ordem*, buscou-se levar em consideração o fato de os dados serem relativos a textos injuntivos em que os falantes são obrigados a dar “ordens” ou “sugestões” a seus interlocutores para que alcancem seu intento: chegar a um destino, abrir uma conta. Em interações solidárias entre desconhecidos, como é o caso das “entrevistas” realizadas nas ruas, o peso dos atos de fala do tipo “ordens e/ou orientações” seria mitigado com estratégias atenuantes. Faraco (1986) interpreta que as formas canônicas de imperativo apresentam argumentação sintática (ausência de sujeito superficial), fonológica (padrão entonacional descendente) e semântica (capacidade de expressar ordens, pedidos, sugestões, súplicas etc). Entretanto, no *corpus*, foram consideradas como *ordem* todas as estruturas capazes de expressar tal intenção do falante, independente de se apresentar a estrutura proposta pelo autor.

(26) *Inf*: “...é só **você** levar essa etiquetinha aqui ó... que tem entendeu?”
(Rec 9, Amostra Perfil Profissional)

(27) *Inf*: “Pega um ônibus direto e vai para “Novo Rio”” (Rec 1, Amostra Perfil Profissional)

Em (27) e (26), tem-se o uso do imperativo de segunda pessoa (pega e vai) e do infinitivo, respectivamente, para expressar a modalidade verbal *ordem*.

(d) Prescrição/conselho

Em seqüências injuntivas, expressar a modalidade *prescrição/conselho* constitui um ato de fala que ameaça a face positiva do falante, uma vez que tal conselho está à mercê da avaliação do interlocutor e envolve o sucesso de uma determinada empreitada, no nosso caso ‘o chegar a um determinado local’. Daí advém a responsabilidade do ‘conselheiro’, que tende a sugerir tal ação a um agente hipotético e não a seu interlocutor diretamente. É como se tal conselho fosse direcionado a qualquer um, o que suaviza a ameaça que se faz à face positiva do locutor e à face negativa do interlocutor. Em textos injuntivos, trata-se de uma ordem “disfarçada”.

(28) *Inf: “É” é preferível **você** colocar na poupança porque não vai ter a taxaão” (Rec 16, Amostra Perfil Profissional)*

(29) *Inf: “É::: é melhor \emptyset entrar na segunda rua.” (Rec 1, Amostra Av. Almirante Barroso)*

Detectou-se tal modalidade por meio do emprego de expressões opinativas como: *é preferível, é melhor*, como se pode ver nos exemplos (28) e (29). Para codificar a modalidade *obrigação*, utilizou-se o critério da perífrase verbal *ter que*, conforme o proposto por Travaglia (2009).

(e) Obrigação

Se fosse possível determinar o peso do ato de fala realizado pela modalidade verbal *obrigação*, poder-se-ia dizer que tal modalidade realiza o ato de fala de maior imposição do grupo. Nesse caso, o falante precisa informar a seu interlocutor que o mesmo tem a *obrigação* de realizar a tarefa a que está sendo instruído da maneira como está sendo ensinada pelo falante, não havendo, portanto, outra possibilidade de se realizar aquilo que está sendo ensinado. Entram em jogo alguns aspectos, como a certeza do falante em relação àquilo que diz, a necessidade de ser eficiente etc. O exemplo (30) ilustra um caso de expressão da modalidade verbal *obrigação*.

(30) “ \emptyset tem que ir na Oi solicitar o desbloqueio do seu aparelho” (Rec9, Amostra Perfil Profissional)

A locução modal *ter que* foi o recurso empregado para identificar a modalidade verbal *obrigação*. Como já dito, considerou-se um recurso empregado em um ato de fala extremamente impositivo.

(f) Necessidade

A modalidade verbal *necessidade*, diferentemente do que ocorre com a modalidade *obrigação*, tende a despertar no interlocutor um tom de camaradagem, já que funciona como uma ‘dica’ que o locutor dá à pessoa com quem fala, deixando por sua conta a aceitação ou não. Nesse sentido, pode-se dizer que tal modalidade não realiza um ato de fala tão impositivo quanto os demais. Nossa hipótese é a de que a escolha da forma de sujeito em contextos de expressão da modalidade *necessidade* será condicionada pelo grau de intimidade entre os falantes do evento comunicativo. Cabe destacar que o falante também poderá empregar formas de trato íntimo (*Tu*) como estratégia argumentativa que visa ao convencimento do interlocutor à aceitação da ‘dica’ oferecida.

(31) Inf: “**você** não precisa pegar o dinheiro.” (Rec10, Amostra Perfil Profissional) vend taí

O uso do verbo *precisar* como auxiliar da locução verbal foi o indicador da expressão de tal modalidade.

(g) Ausência de modalidade

A modalidade verbal, ou seja, “as indicações de atitudes do falante em relação ao que diz”, consonte Travaglia (2009, p. 167). Há, entretanto, certos usos que não expressam tal categoria gramatical. Considerou-se ausentes de modalidade verbal, por exemplo, as orações interrogativas, como ilustrado em (12):

(32) Inf.: “Ai **tu tu** sabe onde é a Uruguaiana não é?” (Rec 13, Amostra Perfil Profissional)

Ao fazer uma pergunta a seu interlocutor, geralmente se expressa apenas a vontade de obter tal informação, sendo essa a única intenção utilizada pelo falante dentro de tal contexto sintático. Por fim, foram consideradas as estratégias de polidez empregadas pela pesquisadora na interação.

(8) Estratégias de polidez usadas pela documentadora

Foram consideradas as estratégias de polidez com o objetivo de identificar se os informantes mudariam de estratégia de referência ao interlocutor ao longo das gravações. Buscava-se identificar que estratégias de polidez determinariam a mudança de tratamento no discurso do informante. Nossa hipótese, com base em análises empíricas, era a de que certas estratégias de polidez determinariam maior solidariedade e empatia entre pesquisador e informante, o que se manifestaria por meio do emprego de formas usadas no trato mais íntimo, como o *Tu*. As estratégias consideradas eficientes para a promoção de tal efeito foram o uso de adjetivos de valor positivo, como *perfeito, ótimo, tranquilo*, a auto-ameaça à face positiva da pesquisadora, como: ‘ai não sei estou perdida’ e a atitude cooperativa. Por outro lado, considerou-se que o resumo e a retomada, ou seja, o ato de a pesquisadora repetir com suas próprias palavras as instruções dadas pelos informantes, acrescentando alguma informação nova, contribuiria para uma atitude mais reservada entre os envolvidos na interação, uma vez que ambos estariam no mesmo nível de domínio de um determinado conhecimento, no nosso caso específico, como chegar a um local. Todas as estratégias de polidez empregadas estão ilustradas na seção ‘Metodologia para a constituição do *corpus*’.

Grupo de fatores sociais

(1) Sexo/gênero

A escolha da variável *sexo/gênero* justifica-se pelo fato de tal variável ter um papel significativo na ocorrência de certas variantes, principalmente quando a alternância se dá entre uma forma padrão e uma não padrão. Sabe-se, com base em diversos estudos de cunho sociovariacionista (cf. FISCHER, 1958; LABOV, 1966, entre outros), que o comportamento linguístico de homens e mulheres difere em função de diferenças em seus processos de socialização e da forma de construção dos papéis feminino e masculino. Desde Fischer (1958), os resultados de estudos de natureza variacionista revelam uma preferência das mulheres por formas linguísticas mais prestigiadas, ao passo que aos homens se associam às variantes não padrão, conferindo à variável *sexo/gênero* um padrão bastante regular. Os resultados são válidos e passíveis de comparação com a investigação aqui realizada, uma vez que se trata de comunidades de fala ocidental com quem se compartilham diversos aspectos socioculturais.

Outro aspecto interessante da influência do sexo do falante sobre processos variáveis foi apontado por Trudgill (1974), que defende a hipótese de que os homens, diferentemente das mulheres, atribuem um prestígio encoberto (*covert prestige*, LABOV, 1972) às formas linguísticas. Formas linguísticas estigmatizadas podem ter seu uso condicionado pela necessidade de garantia de identidade do indivíduo com um determinado grupo. A maior produtividade do (*Tu* + verbo sem marca de concordância) entre habitantes cariocas de sexo/masculino seria uma forma de afirmação de pertencimento ao gênero masculino? Tal hipótese emerge de resultados de outros estudos sobre a alternância *Tu~Você* no dialeto carioca (cf. PAREDES SILVA, 1996; LOPES *et al.* 2009, entre outros). A influência do sexo/gênero sobre o fenômeno apresenta um padrão bastante regular, sendo comum o uso da forma *Tu* entre falantes do sexo/gênero masculino, principalmente os do subsistema T/V sem concordância.

Na amostra constituída, há uma distribuição bastante regular dos sujeitos de segunda pessoa entre homens e mulheres. Num total de 648 dados coletados, há (317/49%) referentes à fala de informantes de gênero/feminino e (331/51%) referentes à fala de informantes de sexo/gênero masculino, o que torna viável estatisticamente a análise da influência de tal para variável para a aplicação da regra.

(2) Faixa Etária

A distribuição das variantes por faixa etária permite-nos identificar se o fenômeno variável apresenta um comportamento estável na comunidade ou se sinaliza uma mudança em curso. Quando se trata de uma mudança em curso, é comum que a variante mais inovadora seja mais produtiva entre os falantes jovens da amostra. Por outro lado, quando a distribuição das variantes é equilibrada, pode-se dizer que se trata de uma variação estável, sendo necessário analisar a avaliação social de cada uma das variantes para se identificar o porquê de a variação ser estável. Labov (1994), em seu livro intitulado *Princípios da mudança lingüística*, discute tal questão, mostrando ser possível analisar a mudança em *tempo real ou aparente*, por meio de um estudo de painel ou tendência. No caso da alternância *Tu~Você~Zero/nulo*, não foi possível empreender um estudo de painel ou de tendência, cabendo apenas identificar o perfil de tal tipo de variação em função do resultado da distribuição das variáveis por idade. Tentou-se realizar um estudo em tempo aparente na tentativa de dar indícios de como tal fenômeno evoluirá nos próximos anos.

(3) Bairro

Foram controladas as falas de informantes de três bairros distintos, a saber: os trabalhadores do Centro do Rio de Janeiro, os moradores do bairro da Tijuca, na zona norte e os bairros de Campo Grande, na zona oeste. A análise teve de ser feita sob duas perspectivas. Com relação ao centro da cidade, investigou-se a fala de informantes com profissões distintas. Foram analisadas as falas de gerentes, vendedores, ambulantes e advogados. Consoante Labov (1972), o comportamento linguístico de uma pessoa está intimamente relacionado à sua ocupação profissional, sendo esta característica social a mais relevante para a determinação de um tipo de comportamento linguístico. Outro ponto interessante do seu estudo é hipótese de que o falante tende a copiar o *status* do local onde trabalha. Consoante C. WRIGHT MILLS (1956 *apud* LABOV, 1972), “os vendedores de lojas de departamento tendem a se apropriar do prestígio de seus clientes, ou pelo menos, a fazer um esforço nesta direção” (WRIGHT MILLS, 1956, p. 173).

Com base em tais afirmações, esperava-se que, na alternância de estratégias de referência ao interlocutor, os informantes de profissões de maior prestígio, como advogados e gerentes, exibissem maiores índices das variantes de prestígio, (*Você* e o sujeito \emptyset + verbo sem marca distintiva de pessoa), ao passo que os vendedores e, principalmente, os ambulantes exibissem os maiores índices da variante de menor prestígio (*Tu*+ verbo sem concordância).

A outra perspectiva de análise admitida foi a oposição entre os bairros de perfis sociais distintos, como a Tijuca, na zona norte, e Campo grande, na zona oeste. Com base ainda no estudo de Labov (1972), testou-se a hipótese de que “*se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso (linguístico) diferenciado* (LABOV, 1972, p. 65). Para testar tal hipótese, analisou a fala de vendedores de três lojas de departamento de Nova Iorque. A estratificação das lojas foi medida em função das características físicas por elas apresentadas, pelo salário pago aos funcionários, pela política de publicidade etc. O autor confirmou a hipótese de que características singulares de cada estabelecimento conferiam às lojas prestígio diferenciado e conseqüentemente seus funcionários exibiam correlatamente determinado comportamento linguístico.

A hipótese geral era a de que a loja de maior prestígio teria vendedores cuja fala exibiria os maiores índices de ocorrência da variante de maior prestígio. No caso do estudo de Labov (1972), a norma de prestígio era a pronúncia do *-r*. Para o fenômeno

em pauta, as variantes de prestígio são, como já dito, o *Você* e o Sujeito \emptyset + verbo com desinência zero, ao passo que o (*Tu* + verbo com desinência zero) ainda é estigmatizado na variedade carioca, embora, seja uma estratégia de referência ao interlocutor comumente empregada pelos falantes mais escolarizados do *corpus*. Adaptando as ideias do pesquisador ao presente trabalho, “Aqui, o caráter geral da área residencial pode servir à mesma função diferenciadora das três lojas de departamentos citadas acima.” (LABOV, 1972, p. 88). Com isso, esperava-se que os falantes da **Tijuca** - bairro pertencente à terceira área de planejamento²² do governo (AP3), a zona norte-suburbana que abriga 2.400 mil habitantes, ou seja, 40% da população total do Rio e apresenta índices de escolarização “equivalentes” à zona sul do Rio, em que se concentram os segmentos mais abastados da população, como constam dos dados do IBGE –, apresentassem os menores índices das variantes consideradas de menor prestígio. Já dos falantes de **Campo Grande** - região pertencente à quinta área de planejamento AP 5, cujos falantes que apresentam mais de 12 anos de estudos equivalem a apenas 5,2 % da população, sendo uma área rural já considerada uma grande região produtora de laranjas, o que lhe rendeu o nome de “citrolândia”-, a expectativa era a de que a variante (*Tu*+ verbo sem desinência canônica) fosse produtiva entre os falantes da região.

4 - Análise dos dados

4.1 - A coexistência de *Tu*, *Você* e *Nulo/Zero* em função de sujeito no espaço urbano carioca em dados de fala espontânea.

Primeiramente, será apresentado um panorama geral, reunindo todas as amostras do *corpus*. Essa primeira análise refere-se aos resultados das frequências brutas das ocorrências das formas de referência ao interlocutor observadas nas amostras. Na seção posterior, será apresentada a análise multivariacional dos dados, em que serão confrontados os resultados gerais.

O *corpus* que serve de base para a discussão dos fenômenos linguísticos em pauta é constituído por 49 gravações de fala espontânea coletadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 2006 e 2009. Advogados, gerentes, ambulantes e transeuntes são os

²² Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.

informantes do *corpus* constituído por cinco amostras temáticas descritas da seguinte maneira: (1) Amostra Perfil Profissional, (2) Amostra Almirante Barroso, (3) Amostra ‘Advogados’ (4) Amostra Zona Oeste e (5) Amostra Zona Norte. Em cada uma delas foram seguidos os mesmos critérios de organização, com três níveis de estratificação: sexo/gênero do falante (feminino e masculino), faixa etária (18 a 30 anos aproximadamente, de 30 a 56 anos e acima dos 56 anos) e diferentes níveis de instrução (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Os resultados gerais apresentados a seguir dão um panorama geral da distribuição geral das formas de 2ª pessoa na totalidade das amostras organizadas.

4.2 - Panorama geral das ocorrências de pronomes-sujeito de 2ª pessoa no *corpus*

Primeiramente, foram computadas todas as ocorrências de pronomes-sujeito empregados pelos falantes da amostra. Há um total de 648 ocorrências de estratégias de referência à segunda pessoa do discurso. Os dados foram submetidos ao pacote computacional *Varbrul* (Goldvarb 2001) e serão apresentados, a seguir, os resultados gerais em termos de frequências brutas de ocorrência.

Como discutido anteriormente, foram controlados três tipos de sujeito de segunda pessoa, a saber: o pronome *Tu*, *Você* e o sujeito *nulo/zero* empregados com formas verbais não marcadas para pessoa.

A tabela a seguir apresenta a frequência geral dos dados das amostras tendo em vista, principalmente, a distinção geográfica do *corpus*. As amostras Perfil Profissional, Almirante Barroso e ‘Advogados’ foram coletadas no centro da cidade do Rio de Janeiro. Na amostra Perfil Profissional, há dados de fala de ambulantes (Rua do Ouvidor e Avenida Rio Branco), gerentes e vendedores. A amostra Almirante Barroso é representativa dos ambulantes que atendem a um público específico (os usuários de transportes públicos). Outra amostra que representa o centro da cidade é a amostra ‘advogados’. Os bairros Campo Grande e Tijuca estão representados nas Amostras Zona Oeste e Zona Norte, respectivamente.

<i>Frequência de pronomes de segunda pessoa do singular em função de sujeito</i>					
Frequência do pronomes/Região do informante		Tu-sujeito	Você-sujeito	Nulo/zero-sujeito	TOTAL
Centro	Perfil Profissional	29/279 10%	136/279 48%	114/279 40%	279
	Ambulantes (Alm. Barroso)	14/66 21%	23/66 34%	29/66 43%	66
	'Advogados'	16/156 10%	82/156 52%	58/156 37%	156
Subtotal		59/501 12%	241/501 48%	201/501 40%	501
Zona Oeste	Campo Grande	27/129 20%	53/129 41%	49/129 37%	129
Zona Norte	Tijuca	7/84 8%	47/84 55%	30/84 35%	84
TOTAL		79/648 12%	318/648 49%	251/648 39%	648

Tabela 7: Frequência das estratégias de segunda pessoa do singular na função de sujeito por região na cidade do Rio de Janeiro

Com relação à produtividade das formas de referência ao interlocutor distribuídas por região, pode-se verificar que, em termos gerais, a estratégia mais produtiva, com quase 50% de frequência, foi o *Você* seguido do *Nulo/zero* (39%) e do *Tu* com 12%²³. A forma *Tu* foi mais produtiva em Campo Grande e entre ambulantes (em torno de 20%), quando se tem em vista exclusivamente a área do centro da cidade. Cabe destacar que, em todas as amostras analisadas, foi possível detectar o uso das três estratégias de referência ao interlocutor, o que demonstra a existência, no dialeto carioca, de um subsistema variável entre as formas *Tu-Você*, com preferência pela última

O gráfico 1 sintetiza os resultados apresentados em termos de frequências brutas das estratégias de segunda pessoa na posição de sujeito. A distribuição das formas variantes por região da cidade revelou a Zona Oeste (Campo Grande) como grande representante do uso do *Tu* com verbo na terceira pessoa do singular. Os dados das amostras Perfil Profissional, Almirante Barroso e 'Advogados' - observados em conjunto - representam os resultados do Centro do Rio de Janeiro. A Zona Norte está representada nos resultados da Tijuca.

²³ Em todos os dados levantados, o uso de *tu* é categórico com verbo sem a desinência canônica.

Distribuição dos sujeitos de segunda pessoa por bairro /região do Rio de Janeiro

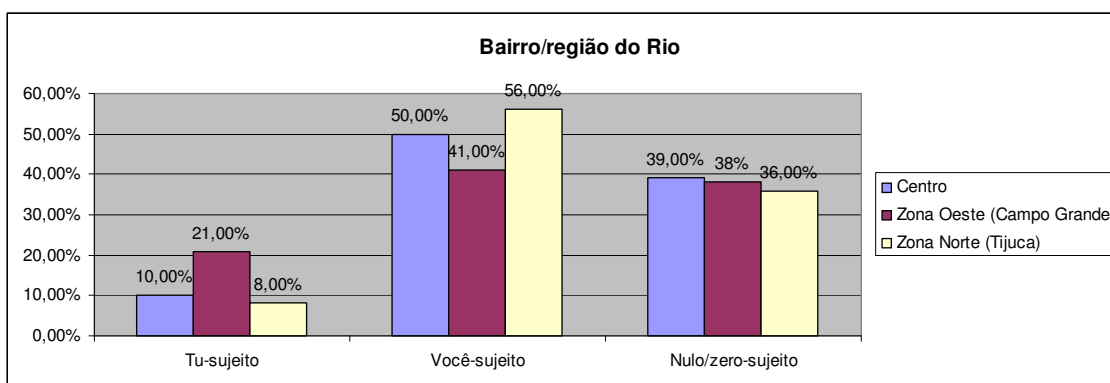


Gráfico 1: Produtividade geral de *Tu*-sujeito, *Você*-sujeito e *Nulo/Zero*-sujeito nos *corpora* de fala do Rio.

Como se observa no gráfico 1, a forma *Tu*, na posição de sujeito, mesmo com índices baixos de frequência, foi identificada nas três áreas analisadas. Nota-se, entretanto, que a distribuição de uso não é a mesma. Há áreas, como é o caso da Zona Oeste (Campo Grande), em que seu emprego é mais recorrente 20%, enquanto na Zona Norte as taxas de uso atingem 10% de frequência. No Centro, há um total de (10%), relativos à amostra Perfil Profissional; 21% relativos à Amostra Almirante Barroso e 10% relativos à amostra 'Advogados'. Interessante observar, ainda, que a polarização se estabelece entre *Tu* e *Você*, uma vez que as taxas de *Nulo/zero* são equivalentes nas três áreas geográficas estudadas.

Tendo em vista a ligeira diferença observada entre as áreas geográficas controladas, postula-se que a atuação de determinados fatores pode ter influenciado nesse resultado. Na sequência, será observada a atuação da escolaridade e do gênero/sexo na escolha entre as estratégias estudadas.

Escolarização dos falantes do *corpus*

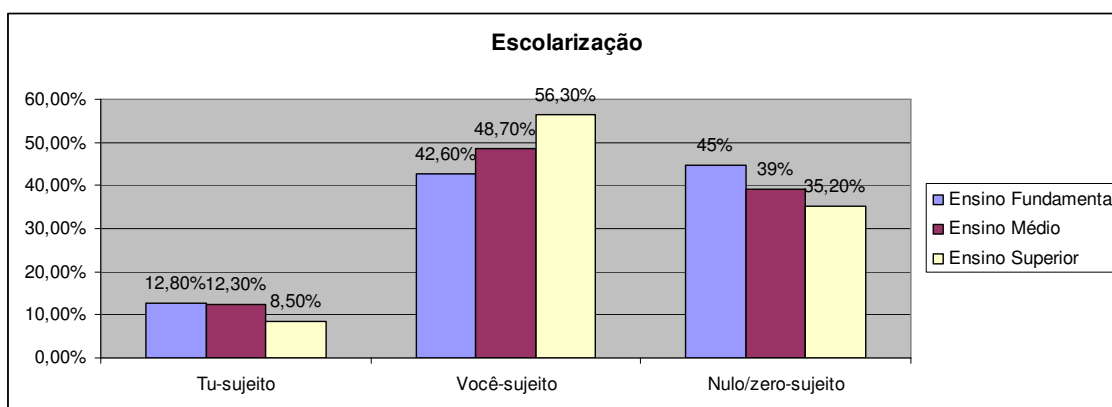


Gráfico 2: Produtividade geral de *Tu*-sujeito, *Você*-sujeito e *Nulo/zero*-sujeito distribuídos na fala de informantes com três níveis de escolaridade distintos: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

O grupo de fatores relacionado à escolaridade dos falantes apresentou resultados interessantes, uma vez que a produtividade do *Tu* entre falantes de ensino superior foi semelhante à observada entre os falantes dos demais níveis de escolaridade. Os dados de *Tu* entre os universitários computaram 23 ocorrências num total de 269 dados para esse grupo, o que equivale a 8%. Entre os falantes com ensino fundamental e médio, por sua vez, registrou-se a mesma produtividade para o uso de *Tu*: 12% nos dois grupos. Localizaram-se 23 dados de *Tu* num total de 188 ocorrências de sujeito de segunda pessoa na fala de informantes com ensino fundamental, e seis dados, em um total de 47 ocorrências produzidas por informantes de ensino médio. Em nossos dados do Rio de Janeiro, o *Tu*-sujeito é sempre empregado com o verbo sem marca de pessoa, o que é ainda considerado um uso que infringe as regras de concordância prescritas pelas GT's e pelo ensino regular. Desse modo, tal variante ainda apresenta uma avaliação social negativa entre os mais escolarizados. Seu uso, portanto, é evitado por falantes mais escolarizados em situações de grande monitoramento. O fato de ter havido diferença de 4 pontos percentuais produtividade da variante entre os falantes do *corpus* (falantes de nível fundamental e médio com 12% de uso do *Tu*-sujeito contra 8% de uso desta variante entre os falantes de nível superior) talvez possa ser explicado pelo fato de as gravações terem sido realizadas em situações informais, em que o grau de monitoramento do discurso pelos falantes é baixo. De modo geral, parece que o emprego de (*Tu*+ verbo sem marca de concordância) é ainda geralmente associado aos falantes com menor grau de escolarização. A mídia televisiva também tende a ratificar esse preconceito, quando associa o emprego de tal variante como parte da

caracterização dos personagens representativos das classes sociais mais baixas e/ou menor poder aquisitivo. Em programas humorísticos, como o *Zorra Total*, da Rede Globo de televisão, há até caso de *Lady Katy*²⁴, personagem que emprega a forma *Tus, como referência à segunda pessoa do plural. Sabe-se que a forma *Você* se inseriu no sistema pronominal em dois pontos distintos, competindo com o *Tu* pela expressão formal da segunda pessoa do singular e substituindo o *Vós*, na segunda pessoa do plural (Cf. FARACO, 1996). Isso significa que falantes do subsistema carioca conhecem a forma *Você* em função de ser a única estratégia para referência à segunda pessoa do plural de que dispõem. Quando, na televisão, uma personagem emprega a forma *Tus, como referência à segunda pessoa do plural, pode-se inferir que se quer associar tal pronome a esse grupo social. Como *Lady Katy* representa a classe social menos escolarizada, é possível argumentar que o *Tu* apresente ainda algum estigma na variedade carioca, principalmente, por ser empregado categoricamente com verbo sem desinência canônica. Paredes Silva (2011) acredita, entretanto, que já haja uma mudança de postura da mídia televisa:

Outra evidência nos vem da própria mídia televisa: o emprego desse tratamento por personagens em novelas, não necessariamente associado a segmentos sociais mais baixos, mas também a situações de muita informalidade. Registra-se aí a alternância *você/tu*. (PAREDES SILVA, 2011, p. 259)

Como menciona a autora, o uso de *Tu* combinado a formas verbais sem marca de concordância não é exclusividade do indivíduo parcamente escolarizado, mas também aparece na fala daquele que detém maior escolarização, caso este esteja inserido em uma situação de bastante informalidade. Além da questão do nível de escolaridade do indivíduo, o gênero/sexo é outra variável que desperta interesse quando se estuda a alternância das formas de referência à segunda pessoa do discurso, como será discutido a seguir.

²⁴ *Lady Katy* é esposa de um senador rico. O nome de registro dela é Kate Lúcia. Tenta entrar para a alta sociedade, mas não consegue se comportar como grã-fina. A personagem emprega os bordões: “Que que é? Eu tô pagano!” “Dinheiro eu tenho, só me falta-me, é o gramour!”. Em tais bordões, há desvios à Norma Culta que são estigmatizados socialmente, como a omissão do fonema [d] do gerúndio “pagando” e o rotacismo do [l], em “gramour”.

Gênero/sexo

Diversos trabalhos de natureza variacionista têm apontado a existência de diferenças no comportamento linguístico de homens e mulheres. De modo geral, os trabalhos que investigam a alternância de referência à segunda pessoa do discurso mostram que a variante *Tu* é mais comum entre homens, ao passo que a forma *Você* é mais produtiva entre os falantes de gênero/sexo feminino. A explicação comum a todos os trabalhos²⁵ é a de que, como o pronome *Tu* na função de sujeito geralmente ocorre com o verbo sem concordância, tal combinação parece conferir certo estigma social à variante linguística. A forma *Você*, por outro lado, não representa nenhuma infração às regras presentes nos compêndios gramaticais e é uma estratégia de referência ao interlocutor historicamente empregada no tratamento formal.

O gráfico 3 nos oferece uma visão panorâmica da produtividade dos sujeitos de segunda pessoa na fala de homens e mulheres do *corpus*.

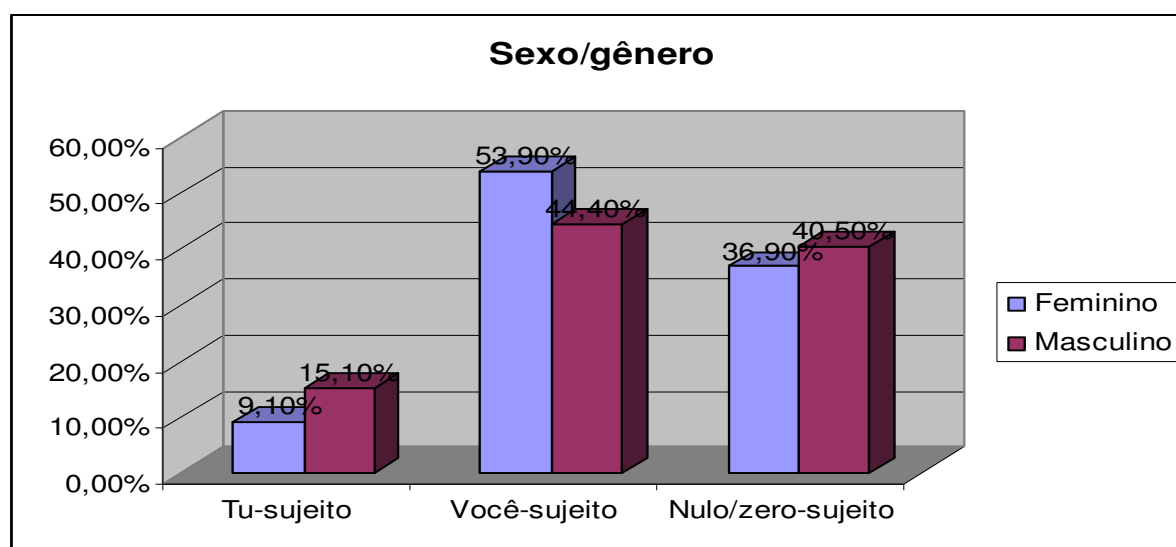


Gráfico 3: Produtividade geral de *Tu-sujeito*, *Você-sujeito* e *Nulo/zero-sujeito* distribuídos por falantes de gênero/sexo feminino e masculino.

Com relação aos resultados da variável sexo/gênero, pôde-se confirmar o comportamento esperado. Foi entre as mulheres que a forma *Você* foi mais produtiva, ao passo que o *Tu* é mais recorrente entre os falantes de gênero masculino. Sabe-se que, de modo geral, se costuma associar à fala das mulheres, nas sociedades ocidentais, uma

²⁵ Lucca (2005), Andrade (2007), Paredes Silva (2011) entre outros.

postura mais conservadora, sendo elas que dão preferência ao uso padrão (LABOV, 1994).

Em 317 dados de sujeito produzidos por informantes de gênero/sexo feminino, foram detectadas 29 ocorrências do *Tu*, 171 da forma *Você* e 117 de *Zero/Nulo*. O *Você* é a estratégia mais produtiva entre as mulheres, totalizando 53% das estratégias de referência à segunda pessoa empregadas por elas. Os homens, por outro lado, apresentaram índices mais altos de ocorrências do *Tu* (15%) contra (9%) na fala feminina. Os pronomes *Você* e o *Zero/Nulo* computaram 147(44%) e 134 (40%) dados na fala masculina, respectivamente.

Em síntese, os primeiros resultados revelam que a forma *Tu*+ verbo sem marca de concordância é mais recorrente entre os habitantes da Zona Oeste (Campo Grande) e entre os trabalhadores informais (ambulantes) da área do centro da cidade. É preciso destacar que tal uso não é uma exclusividade desse grupo profissional, já que foi observada na fala de informantes de outros grupos profissionais. Um resultado que merece destaque é o fato de ter havido uma leve diferença de produtividade da forma *Tu* + forma verbal neutra entre dois grupos de ambulantes controlados.

Consoante Labov (1972), diferenças de índices de uso de determinadas variáveis refletem diferenças sociais sutis. Isso é o que parece acontecer com os dois subgrupos de ambulantes analisados. Nossa hipótese é a de que os ambulantes da Av. Almirante Barroso, por atenderem em sua grande maioria os usuários dos transportes públicos, tendem a assumir um comportamento linguístico menos monitorado, ou seja, eles têm menos disposição e sensibilidade para eliminar estigmas sociolinguísticos de suas falas. Os ambulantes da Rua do Ouvidor e da Av. Rio Branco, por outro lado, por atenderem a público mais heterogêneo de pessoas, já que trabalham nas ruas mais movimentadas do Centro, tendem a assumir um comportamento linguístico mais neutro, o que significa apresentar índices menores de frequência da variante *Tu* + verbo sem marca de concordância. No total, foram 16% de frequência da variante *Tu* + sem marca de concordância na fala dos ambulantes das Ruas do Ouvidor e Rio Branco contra 21% na fala dos ambulantes da Av. Almirante Barroso. Um aumento em termos percentuais de 6%, que pode ser explicado em função da diferença do perfil do público que atendem.

A variante *Tu* + verbo sem desinência canônica, ainda que tenha uma avaliação social negativa, tem se mostrado em expansão na variedade carioca, uma vez que a

diferença entre os falantes mais e menos escolarizados foi de apenas 4% (8% entre os falantes de nível superior contra 12% na fala de informantes de ensino médio e fundamental). A forma *Você* mostrou-se mais produtiva entre as mulheres, confirmando o que outras pesquisas revelam sobre o comportamento linguístico de falantes de gênero feminino, que tendem a evitar formas estigmatizadas. Interessante observar que o *Nulo/zero* usado para expressar referência à segunda pessoa é uma estratégia recorrente entre todos os falantes do *corpus*, contrariando a expectativa de que na atual sincronia se prefere a expressão plena do sujeito à omissão dessa forma linguística, pelo menos na nossa amostra constituída por textos injuntivos.

Na sequência, serão apresentados os resultados da primeira análise multivariacional realizada a partir de todos os dados do *corpus*.

4.3 - Rodada Geral: análise multivariacional

Nesta seção, serão analisados os resultados obtidos pelo programa *Goldvarb* no processamento dos dados. Apresentam-se os grupos de fatores mais relevantes de acordo com a seleção do programa estatístico, observando a interpretação linguística dos resultados dos pesos relativos obtidos.

Obteve-se um total de 648 dados, sendo 318 de *Você*-sujeito pleno (49%), 79 de *Tu*-sujeito pleno (12%) e *Nulo/zero*-sujeito (39%), conforme mencionado anteriormente na tabela 7. Os resultados apresentados nesta seção equivalem à rodada geral em que todos os dados do *corpus* foram considerados em conjunto.

Por se tratar de uma variável ternária, a análise multivariacional foi subdividida em três etapas. Primeiramente opôs-se o pronome *Tu* à forma *Você*. Como a variante *Zero/Nulo* é o sujeito comum à fala de todos os tipos de falantes e mostrou-se uma estratégia tão produtiva quanto à forma *Você* – a mais produtiva do *corpus* –, foram realizadas rodadas binárias em que a variante *Zero/nulo* foi confrontada com as demais.

Entre os grupos de fatores linguísticos controlados, dois foram apontados como relevantes na disputa entre *Tu* e *Você* nos *corpora*, na seguinte ordem: (1º) paralelismo formal e (2º) modalidade verbal. Dentre os grupos de fatores sociais controlados, foram apontados como relevantes (3º) a escolaridade; (4º) o bairro e (5º) o gênero/sexo. Na oposição *Nulo/Zero vs. Você*, somente os fatores de natureza linguística foram selecionados. Respeitando a ordem de seleção, temos (1º) tipo de oração; (2º)

paralelismo formal e (3º) modalidade verbal. Quanto à oposição entre *Nulo/Zero vs. Tu*, os fatores linguísticos selecionados em ordem de importância são (1º) tipo de oração (2º) perífrase verbal, como fatores linguísticos, e o bairro (3º) e a (4º) escolaridade foram os fatores sociais selecionados.

O quadro 2 sintetiza os resultados das amostras, seguindo a ordem de seleção dos grupos de fatores em cada uma delas.

Quadro de fatores selecionados por rodada			
Fatores	<i>Tu vs. Você</i>	<i>Nulo/Zero vs. Você</i>	<i>Nulo/Zero vs. Tu</i>
1º	Paralelismo Formal	Tipo de oração	Tipo de oração
2º	Modalidade Verbal	Paralelismo Formal	Perífrase Verbal
3º	Escolaridade	Modalidade Verbal	Bairro
4º	Bairro		Escolaridade
5º	Gênero/Sexo		

Quadro-síntese 2: Grupos de fatores selecionados em cada rodada binária relativa à rodada geral

Tendo em vista os resultados das rodadas binárias realizadas, pode-se dizer que chamam atenção as restrições sociais observadas quando a oposição ocorre entre a forma variante *Tu* e as demais estratégias de referência ao interlocutor (*Tu vs Você* e *Tu vs. Nulo/zero*). Nessas rodadas, as variáveis sociais são sempre selecionadas pelo programa *Goldvarb* 2001 (escolarização, bairro e gênero/sexo). Por outro lado, quando a oposição se dá entre formas ‘neutras’ do ponto de vista social, como é o caso da rodada binária *Nulo/zero vs. Você*, os fatores linguísticos preponderam (1º Tipo de oração, 2º Paralelismo formal e 3º Modalidade verbal), o que sinaliza o estigma social que ainda envolve o uso da variante (*Tu* + verbo sem marca de concordância).

A seguir, serão apresentados os resultados de cada grupo de fatores selecionado por rodada binária, seguindo a ordem de seleção efetuada pelo programa computacional

Goldvarb 2001 . As diferenças relevantes serão discutidas por meio de comentários e exemplos para garantir a inteligibilidade do fenômeno.

4.3.1 - Rodada *Tu vs. Você*

Os resultados serão apresentados na ordem de importância indicada pelo programa *Goldvarb 2001*. Na oposição entre *Tu vs. Você*, foram selecionadas as seguintes variáveis independentes: paralelismo formal, modalidade verbal, escolaridade, bairro e sexo/gênero.

Paralelismo Formal

O paralelismo formal foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa *Goldvarb 2001*. A hipótese que se relaciona ao paralelismo formal é a de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística na sequência discursiva (OMENA, 1986, 1993, 2003; LOPES, 1993). Em outras palavras, tendo em vista a presente investigação, a escolha da primeira forma de referência ao interlocutor condicionaria os usos subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma linguística. O quadro 3 ilustra os resultados da variável paralelismo formal para a aplicação de *Tu* nas amostras do *corpus*:

Paralelismo formal: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>			
Fatores	Aplicação Total	%	P. R.
Forma empregada como 1ª referência ao interlocutor	7/31	22.6	0.61
Forma empregada após a segunda intervenção da pesquisadora	37/193	19.2	0.51
Forma antecedida de <i>Nulo/zero</i>	12/54	22.2	0.53
Forma antecedida de <i>Você</i>	9/98	9.2	0.32
Forma antecedida de <i>Tu</i>	14/21	66.7	0.87

Quadro-síntese 3: A influência da variável paralelismo formal no uso do *Tu* nos corpora analisados. Valor de aplicação: *Tu*

De acordo com os resultados obtidos, a partir da variação entre *Tu e Você* na posição de sujeito, verifica-se que o *Tu* é favorecido quando antecedido de *Tu*. Esse contexto discursivo mostrou-se o mais favorável à ocorrência do pronome original de segunda pessoa do singular. Foram computadas 14 ocorrências de tal uso num total de 21 ocorrências de formas antecidas pelo *Tu*, computando 66.7 % de frequência. Tal contexto apresentou o mais alto peso relativo (0.87), o que confirma a hipótese – defendida por Omena (1986, 1993, 2003) e Lopes (1993), entre outros trabalhos – de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística numa sequência discursiva.

É interessante observar que a forma empregada como primeira referência ao interlocutor também favorece a presença de *Tu* com peso relativo (.61). No geral, observou-se que o falante empregava mais *Você* ou *Zero/nulo*, como primeira referência no discurso, e não o pronome *Tu* [+ marcado]. Os altos índices de *Tu* nas amostras de ambulantes e da Zona oeste podem ter influenciado esse resultado. O emprego do tratamento depois da primeira intervenção da pesquisadora e o pronome *Tu* antecedido de *Zero/nulo* mostraram pesos relativos polarizados entre *Tu e Você* com valores próximos de (.50). A forma *Tu* antecida por *Você* mostrou-se como um fator desfavorecedor da aplicação da regra com (.32).

Ainda com relação à variante primeira referência ao interlocutor, fato curioso foi observar que os advogados empregaram, de modo geral, a variante *Nulo/zero* como primeira estratégia de referência ao interlocutor, o que pode ser caracterizado como uma predisposição à assunção de um comportamento interpessoal neutro. Seis dos dez advogados entrevistados apresentaram tal comportamento linguístico. Apropriando-se da hipótese de Labov (1972), que diz:

Evidencia-se que a ocupação de uma pessoa está mais intimamente relacionada a seu comportamento linguístico – para aquelas que trabalham ativamente – do que qualquer outra característica social (LABOV, 1972, p. 65-66)

Tal padrão de comportamento linguístico foi interpretado como uma característica desse grupo ocupacional. O fato de o exercício da profissão estar atrelado a uma boa relação interpessoal talvez contribua para que os ‘advogados’ evitem, a princípio, determinar o grau de intimidade que desejam travar com seus interlocutores.

Modalidade verbal

A modalidade verbal foi a segunda variável considerada relevante para a aplicação da regra. Tal padrão de resultado revela o papel mitigador das formas de sujeito de segunda pessoa, uma vez que, quando se controla a modalidade verbal, ou seja, o posicionamento do falante em relação àquilo que diz, tende-se a identificar atos de fala impositivos que os falantes realizam. Nossa hipótese, adotando a ideia de Souza (2008), é a de que as formas de tratamento podem mitigar atos de fala impositivos. Como se analisa a atuação das formas de tratamento na função de sujeito em sequências injuntivas, tem-se a possibilidade de verificar a hipótese da autora, já que dentro de tal contexto discursivo o falante tem de realizar atos ameaçadores da face de seus interlocutores (BROWN e LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Como já discutido, na variedade carioca, as formas *Você* e o *Nulo/zero* na função de sujeito são as variantes que desempenham mais eficientemente um papel mitigador. A variante *Tu* + verbo sem desinência canônica, por outro lado, é ‘mais invasiva e diretiva’, sendo, portanto, não favorável à reparação de possíveis ameaças à face dos interlocutores. Nossa hipótese era a de que atos de fala ameaçadores da face do falante desfavoreceriam a ocorrência do *Tu*. Dentre as modalidades controladas, a *obrigação* seria a modalidade verbal de maior peso do grupo, sendo, portanto, um contexto altamente favorecedor do uso da variante *zero/nulo* ou *Você* na função de sujeito. Outros valores não favoráveis à forma *Tu* seriam os expressos pelas modalidades verbais *prescrição/conselho* e *possibilidade*. No caso da *prescrição/conselho*, considerou-se que constitui um ato de fala que ameaça a face positiva do falante e negativa do interlocutor, uma vez que tal conselho está à mercê da avaliação do interlocutor e envolve o sucesso de uma determinada empreitada, no nosso caso, ‘chegar a um determinado local’. Foram consideradas prescrições/conselhos as estruturas do tipo: *é melhor, é mais fácil, é preferível etc.* Expressões que apresentam um parecer subjetivo do falante, como ilustram os exemplos a seguir:

- (1) Inf.: É.: **tu** vai pegar o Fórum é melhor **você** ir perguntando passou daquela esquina ali (Rec 8, Amostra ‘advogados’)
- (2) Inf.: F3.: É mais fácil **você** fazer o seguinte (Rec 4, Amostra ‘advogados’)

Em casos como em (1) e (2), em que são empregadas expressões do tipo *é melhor, é mais fácil*, o falante tenderia a sugerir tal ação a um agente hipotético, e não a seu interlocutor diretamente. Ao empregar o *Tu* como sujeito em tais contextos, tal interpretação ficaria prejudicada, por se tratar de uma forma mais ‘invasiva e direta’ de tratamento, geralmente, utilizada no tratamento íntimo entre os interlocutores. No caso da modalidade verbal *possibilidade*, nossa hipótese era a de que o *Zero/Nulo* e a forma *Você*-sujeito, por apresentarem um nuance indeterminadora, constituiriam formas apropriadas para funcionar como sujeito de ações hipotéticas como as expressas pelas orações adverbiais. Isso ocorreria inclusive em contextos em que o verbo *poder* atua como auxiliar de perífrases verbais, principalmente quando empregado no futuro do pretérito ou pretérito imperfeito.

(3) Inf.: F2.: *Você pode pegar lá ó ... a senhora vai nessa principal lá ó onde está com ônibus (Rec 1, Amostra ‘Perfil Profissional’)*

(4) Inf.: *Você podia ser um cliente diferenciado do “Tai” sabia? Posso falar um instante com você um minutinho. (Rec 20, Amostra ‘Perfil Profissional’)*

Nos exemplos supracitados (3) e (4), tem-se o que foi classificado como expressão da modalidade verbal *possibilidade*. Nesses contextos, geralmente, o falante emprega as formas *Você* o *Nulo/zero* como sujeito com o intuito de mitigar o ato de fala realizado pelo verbo auxiliar modal. Interessante observar que, em (4), o falante utiliza a variante *Você* como uma estratégia mitigadora. A noção aspectual presente no verbo (*podia* ser) no pretérito imperfeito também favorece a reparação do ato de fala realizado (BROWN e LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Quando, por outro lado, o falante emprega a forma *Tu* como sujeito de ações hipotéticas, os interlocutores tendem a interpretar como hipotético somente o evento expresso pelo verbo, mas não seu sujeito, que é identificado como sendo a pessoa com quem se fala. Ou seja, indeterminar o agente da ação verbal com o *Tu* é menos eficiente do que indeterminar com as outras formas. Por isso, em tal contexto, essa estratégia de referência à segunda pessoa do discurso não seria muito produtiva.

A identificação da modalidade verbal *ordem* esteve, grosso modo, atrelada às ocorrências das formas de imperativo. Na região sudeste do Brasil, consoante Scherre *et al.* (2009), empregam-se com frequência quase categórica formas de imperativo associadas ao indicativo, ou seja, os considerados imperativos de segunda pessoa. Cabe destacar que também foram consideradas outras formas linguísticas que, embora não estivessem flexionadas no imperativo, eram capazes de exprimir os valores geralmente

associados ao modo imperativo: ordem, pedido, conselho etc. No *corpus*, foi comum verificar ocorrência de expressões indicativas de ordem ora com sujeito explícito, ora não explícito, ou seja, formas não canônicas de expressar ordem, como ilustram os exemplos a seguir:

(5) *Inf.: É Ø salta lá na “Novo Rio” (Rec 1, Amostra ‘Perfil Profissional)*

(6) *Inf.: Depois você salta no ponto final da “Novo Rio” lá tem ponto do ônibus. (Rec 1, Amostra ‘Perfil Profissional)*

Os exemplos (5) e (6) ilustram a fala de uma informante que dá ordens ora com a forma canônica de imperativo de segunda pessoa, sem sujeito explícito (5); ora com a forma não canônica, com o sujeito explícito (6). Seguem os resultados da segunda variável selecionada pelo programa na rodada *Tu vs. Você*.

Modalidade verbal: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>			
Fatores	Rodada <i>Tu vs. Você</i>		
	Aplicação/Total	%	P.R.
Certeza	31/131	23.7%	0.60
Possibilidade	4/63	6.3%	0.25
Ordem	32/103	31.1%	0.66
Prescrição/conselho	2/24	8.3%	0.22
Obrigação	2/10	20%	0.56
Necessidade	1/7	14.3%	0.50
Ausência de modalidade	7/57	12.3%	0.37

Tabela 8: A influência do grupo de fatores modalidade verbal no uso do *Tu* nos *corpora* analisados.

Valor de aplicação: *Tu*

Os resultados da tabela 8 confirmam, de modo geral, todas as expectativas para tal grupo de fatores. A forma *Tu* mostrou-se improdutiva na expressão da modalidade verbal *possibilidade* com (.25) de peso relativo e na expressão da modalidade *prescrição/conselho* com (.22). Por serem contextos em que os falantes utilizam a

indeterminação do sujeito como estratégia mitigadora para tais atos de fala, tais estratégias linguísticas constituem contextos desfavorecedores do *Tu*, por seu valor semântico-pragmático mais ‘diretivo e invasivo’. Sabe-se que é também possível indeterminar o agente de uma ação verbal com a forma *Tu*. Entretanto, os falantes do *corpus* parecem ter predileção pela indeterminação com as outras variantes da variável. Pode-se especular que o falante indetermine com a forma *Tu* em situações de maior intimidade, o que não é o caso dos falantes do *corpus*. As modalidades que mais favoreceram o uso do *Tu* foram a *ordem* com (.66) de peso relativo e a *certeza* com (.60). Com relação à expressão da modalidade verbal *ordem* cabe destacar que, consoante Scherre *et al.* (2009), as formas de imperativo associadas ao indicativo são percebidas como estratégias menos ‘autoritárias’ de fazer pedido, ordem, sendo amplamente empregada em regiões, como o sudeste (Rio de Janeiro, por exemplo). Os autores esclarecem que o uso (talvez) categórico de formas de indicativo associadas ao imperativo pode ser uma reação contrária à Ditadura, período marcado pelo abuso de poder e pela falta de democracia no país. Tal tendência dos habitantes de tal região pode ser referendada pelo fato de também serem empregadas formas no futuro do pretérito do modo indicativo, como *poderia, deveria* etc. com o mesmo objetivo.

Com relação à modalidade verbal *certeza*, pode-se especular que, quando um falante produz orações que se sucedem no tempo, como é o caso das orações de textos injuntivos, o fato de ele saber todas as ações que seu interlocutor realizará para atingir o objetivo (chegar a um determinado local). De certa forma, poder-se-ia especular que a modalidade verbal *certeza* funciona, na verdade, como um fator que favorece a manutenção da face positiva do próprio falante, o que gera certa ‘camaradagem’ entre os atores da cena enunciativa. É como se o interlocutor estivesse favorecendo a realização por parte do falante de atos valorizadores da própria face positiva, os ‘anti-atos de ameaça a face’, como defende Kerbrat-Orecchini (2006).

(7) *Inf.: Então Ø vai aqui direto quando Ø chegar no final dessa rua tu entra na tua direita e chega no final da rua que tu vai entrar ali é:: .. que é a Lavradio aí vem a Visconde do Rio Branco tu vai direto até o Campo do Santana do Campo do Santana você pode passar pelo lado do (...) ou pode entrar logo direto (...) já Ø vê a Central lá do outro lado. (Rec 3, Amostra Almirante Barroso)*

O exemplo supracitado ilustra um caso de uso da forma *Tu* como sujeito de orações que se sucedem. Pode-se perceber que o falante expressa a modalidade verbal certeza em função de saber quais são os movimentos que seu interlocutor realizará ao seguir as sugestões que lhes são fornecidas.

Escolaridade

De modo geral, espera-se que falantes com maior grau de escolaridade sejam mais atentos às normas de prestígio, evitando, em suas falas, as variantes estigmatizadas socialmente. De acordo com Mollica & Braga (2010),

Em princípio, estruturas de maior valor de mercado que recebem avaliação positiva parametrizam-se com grau alto de monitoramento e de letramento. Maior sensibilidade, percepção e planejamento linguístico são, via de regra, pré-condição à produção das formas de prestígio e disposição adequada para eliminarem-se estigmas sociolinguísticos na fala ou na escrita. (MOLLICA & BRAGA, 2010, p. 13)

Nesse sentido, nossa expectativa era a de que os falantes com maior grau de escolarização teriam menor frequência da variante *Tu* + verbo sem marca de pessoa, uso ainda estigmatizado socialmente na variedade carioca. Fazem parte do *corpus* analisado falantes que apresentam níveis distintos de escolaridade. Foram considerados dados de fala de gerentes, ambulantes, vendedores, ‘advogados’ e outros falantes cuja atuação não pôde ser identificada, mas sim a escolaridade. Cabe destacar que a amostra Perfil Profissional apresenta, como limitação em relação à relevância da influência da escolaridade, o fato de os informantes com maior grau de escolaridade, os de nível superior, terem sido gravados em situações que não favoreciam o emprego da variante *Tu* + verbo sem concordância canônica. Entretanto, foi interessante verificar que, embora a situação não favorecesse a produção de um discurso não monitorado, houve casos de falantes que empregaram a variante *Tu* + verbo sem concordância, como uma gerente adulta. O melhor exemplo de comportamento linguístico de falantes com maior nível de escolaridade está representado pela amostra ‘advogados’. Os falantes dessa amostra representam bem os mais escolarizados em situações menos monitoradas. Na amostra, foi possível detectar uso da variável *Tu* + verbo sem concordância canônica, confirmando o que nossa intuição como falantes já havia apontado com alguma

segurança: o *Tu + verbo* sem concordância canônica está em franca expansão entre os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, não sendo uma variante específica das classes sociais mais baixas, nem das regiões menos favorecidas. Seguem, abaixo, os resultados relativos à influência da escolaridade para o emprego da variante estigmatizada.

Grau de escolarização: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>			
Fatores	Aplicação/Total	%	P. R.
Fundamental	6/26	23.1	.23
Médio	23/114	20.2	.49
Superior	23/175	13.1	.55

Tabela 9: A influência do grupo de fatores escolaridade no uso do *Tu* nos *corpora* analisados. Valor de aplicação: *Tu*

Os resultados da tabela 9 mostram um leve favorecimento do emprego da variante *Tu + verbo* sem marca de concordância pelos falantes com grau superior de escolarização (o peso relativo ficou próximo de .50). Tal resultado pode ter sido influenciado pela fala dos advogados que amplamente empregaram tal variante. Com exceção da amostra Perfil Profissional, em que os falantes foram gravados em situações que desfavoreceram o emprego da forma *Tu + forma verbal neutra*, nas outras amostras os informantes foram gravados em situações informais, o que provavelmente determinou a produção de um discurso menos monitorado.

Bairro

O Rio de Janeiro é uma cidade cosmopolita e única pela sua própria heterogeneidade e densidade populacional. Nela, coexistem no mesmo espaço físico “segmentos da população com características de enorme heterogeneidade socioeconômica”²⁶. Trata-se de uma cidade marcada pela coexistência de contrastes sociais no mesmo espaço urbano: *i*) populações mais pobres instaladas nas favelas que se disseminam mesmo nos bairros de elite e *ii*) áreas suburbanas (e parte da zona norte)

²⁶ Desenvolvimento Humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro e seus bairros. *Rio estudos*, n. 4, março, 2001, p. 01.

que agregam uma parcela populacional com poder aquisitivo e nível de instrução equivalentes às áreas de maior prestígio. A tabela a seguir mostra a distribuição populacional total e em favelas por áreas de planejamento, doravante AP.

Áreas de Planejamento (AP) por classes sociais predominantes	População total		População em Favelas		B/A
	N (A)	%	N (B)	%	%
Rio de Janeiro	5.857.904	100	1.092.476	100	18,65
AP1 – Baixa classe média – área central histórica de negócios	268.280	4.58	76.787	7.03	28.62
AP 2 – Classe alta e média alta – litorânea próxima ao centro	997.478	17.03	146.538	13.41	14.69
AP 3 – Classes média e baixa – periferia imediata	2.353.590	40.18	544.737	49.86	23.14
AP 4 – Classes alta e média alta – expansão da zona nobre	682.051	11.64	144.394	13.22	21.17
AP 5 – Classe baixa – periferia distante	1.556.505	26.57	180.020	16.48	11.57

Tabela 10: Cidade do Rio de Janeiro. População total e em favelas por Áreas de Planejamento, 2008²⁷.

Os resultados da tabela 10 revelam os contrastes extremos da cidade. A AP3, área que abriga 40% da população total do Rio de Janeiro, algo em torno de 2.400 milhões de habitantes, abriga também 50% do total da população residente em favelas da cidade. A população que reside nas favelas, atualmente designadas de comunidade, ultrapassa um milhão pessoas. Outro dado curioso da AP3 é que - embora apresente um elevado número de população favelada, o que é em parte justificado pelo fato de a região ter sido a primeira zona industrial da cidade, próxima ao Centro e com diversidade de transportes – apresenta índices de escolarização ‘semelhantes’ aos da Zona Sul. Seguem abaixo, os resultados dos índices de escolarização do Rio de Janeiro.

²⁷ Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.

Grandes Zonas	Anos de estudo				
	Sem Instrução	1 a 4	5 a 8	9 a 11	mais de 12
Centro/Zona Sul – Favela	33,7%	40,1%	16,9%	8,0%	1,3%
Centro/Zona Sul – Não-favela	7,2%	14,4%	11,4%	28,0%	38,9%
Barra/Jacarepaguá – Favela	36,6%	38,4%	15,4%	9,0%	0,7%
Barra/Jacarepaguá – Não-favela	12,0%	20,3%	13,4%	27,1%	27,2%
Zona Norte – Favela	35,6%	39,9%	16,2%	7,6%	0,7%
Zona Norte – Não-favela	5,3%	13,7%	11,1%	30,4%	39,5%
Subúrbio – Favela	33,8%	40,4%	16,6%	8,7%	0,6%
Subúrbio – Não-favela	11,2%	27,0%	19,0%	29,8%	13,0%
Zona Oeste – Favela	31,6%	41,8%	16,6%	9,3%	0,7%
Zona Oeste – Não-favela	18,0%	34,0%	20,9%	21,8%	5,2%
Total RJ – Favela	33,8%	40,4%	16,5%	8,6%	0,7%
Total RJ – Não-favela	11,8%	25,0%	17,1%	27,4%	18,7%

Tabela 11: Diferenciais de escolaridade entre população residente em favela e população total do Município do Rio de Janeiro (1996)²⁸

O índice de escolarização é um eficiente marcador para ilustrar a diferença entre as duas populações analisadas: a da Tijuca, na Zona Norte; e a de Campo Grande, na Zona Oeste. Com índices de escolarização ‘semelhantes’ aos da zona sul, a Tijuca, bairro pertencente à AP3, está muito à frente de Campo Grande, cuja população apresenta o menor índice de escolaridade das regiões ditas ‘não-favela’, apresentando apenas 5,2% contra 39,5% da Tijuca. Esse é o primeiro contraste entre as regiões justifica a diferença de comportamento linguístico entre os dois bairros analisados.

A Tijuca é uma área da cidade que historicamente se destaca pelo pioneirismo na indústria, na educação e por abrigar marcos culturais da cidade. Ocupada, desde o princípio, por habitantes de hábitos urbanos, a Tijuca se destaca dos demais bairros da Zona Norte por seu passado aristocrático e pelo fato de seus habitantes apresentarem índices de escolarização semelhantes aos da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Campo Grande, por outro lado, apresenta diferenças extremas em relação à Tijuca. A região da cidade só teve um adensamento do núcleo urbano com a implantação da E. F. Dom Pedro II, a partir da segunda metade do século XIX, quando foi construída a estação de Campo Grande, inaugurada em 2 dezembro de 1879²⁹. A malha ferroviária facilitou o acesso ao Centro da Cidade. Entretanto, até a década de

²⁸ Fonte: Contagem Populacional de 1996 – IBGE. Tabulação especial: Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal.

²⁹ Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main>.

1940, Campo Grande ainda era marcadamente rural, sendo considerada uma grande região produtora de laranja, o que lhe rendeu o nome de ‘citrolândia’.

O bairro da Tijuca, em contraste, é marcado, desde o início da intensificação de sua ocupação (1812), por um misto de zona rural, ocupada por uma população de hábitos urbanos. Somente em 1946, praticamente um século depois da instalação da Fábrica das Chitas na atual Sãoenz Pena é que surgem em Campo Grande o Distrito Industrial e a indústria de pneus Michelin, que deram novo perfil à região, antes agrícola. A Tijuca, diferentemente de Campo Grande, é uma região ocupada pelas classes média e baixa, sendo uma periferia imediata em relação ao centro. Campo Grande, por outro lado, é uma periferia distante, sendo habitado basicamente pelas classes mais baixas.

Quanto ao uso do tratamento de 2ª pessoa, as diferenças histórico-sociais entre os dois bairros mostraram-se relevantes no comportamento linguístico dos seus habitantes, aqui representados pelas amostras coletadas. Os resultados estão na tabela a seguir:

Região/bairro do RJ: rodada geral <i>Tu vs. Você</i>			
Fatores	Aplicação/Total	%	P. R.
Centro do RJ	45/263	17.1	.41
Zona Oeste (Campo Grande)	27/80	33.8	.80
Zona Norte (Tijuca)	7/54	13	.38

Tabela 12: Diferenças de distribuição das variantes por bairro/região investigada

Com relação à distribuição das variantes por região/bairro do Rio de Janeiro, os resultados da tabela 12 mostram um grande favorecimento do uso de *Tu+* verbo sem desinência canônica (.80) por informantes da zona oeste (Campo Grande), o que talvez possa ser explicado pela diferença no índice de escolarização da população de cada bairro. Os dados do censo de 2000 mostraram que apenas 5,2% da população de Campo Grande apresentam mais de 12 anos de estudo. Na Tijuca, esse índice correspondia a 39,5%, ou seja, percentual quase seis vezes maior que o do bairro da Zona Oeste. O peso relativo de .38 aponta um desfavorecimento de uso da variante *Tu +* verbo sem concordância entre os tijucanos. Cabe especular que o fato de na Tijuca co-existirem no mesmo espaço urbano pessoas com características sócio-econômicas distintas, ou seja, a

proximidade entre segmentos da população tão distintos pode gerar um compartilhamento de atitudes e gostos que pode estar refletido no seu comportamento linguístico. Cabe destacar, porém, que, na amostra Zona Oeste, há muitos falantes com nível fundamental, ao passo que, na amostra Zona Norte, só há falantes com ensino superior e médio. É possível que os dados dos falantes com ensino fundamental tenham determinado tal resultado.

Sintetizando os resultados quanto às diferenças entre os bairros: um retrato da cidade do Rio de Janeiro.

O quadro-síntese apresentado a seguir reúne informações sobre os indicadores sociais levantados e os resultados relativos ao uso das formas de tratamento de segunda pessoa observados aqui. Nele, se busca comparar as diferenças sociais entre os dois bairros investigados, aliando esse perfil social às diferenças no comportamento linguístico observado entre os moradores dos bairros do Rio de Janeiro. As diferenças demográficas, a renda média dos chefes de família, os índices de escolarização dos habitantes são apenas alguns indicadores sociais que ilustram as diferenças extremas entre as regiões:

Indicadores sociais	Tijuca	Campo Grande
(1) Área de planejamento	AP 3 – Classes média e baixa – periferia imediata	AP 5 – Classe baixa – periferia distante
(2) Renda média dos chefes de família	entre 15,1 a 20 S.M. ³⁰	até 5 S.M
(3) Índices de escolarização	39,5% têm mais de 12 anos de estudo	5,2% têm mais de 12 anos de estudo
(4) Densidade demográfica	entre 151 a 250 habitantes/ha ³¹	até 50 habitantes/ha
(5) <i>Comportamento linguístico: tendência a eliminar estigmas sociolinguísticos da fala</i>	<i>frequência de uso da variante Tu + verbo sem marca de concordância = (.38 de peso relativo)</i>	<i>frequência de uso da variante Tu + verbo sem marca de concordância = (.80 de peso relativo)</i>

Quadro-síntese 4: Indicadores sociais das duas áreas investigadas

³⁰ S.M = salários mínimos

³¹ Obs.: 1 hectare (ha) = 10.000 m

Embora o quadro-síntese 4 ilustre os resultados de apenas quatro indicadores sociais, é possível inferir, com base neles, sua influência em outros aspectos sociais, como o acesso ao conhecimento, como índice de desenvolvimento humano (IDH), índice de condições de vida (ICV), as condições habitacionais, de saúde e de sobrevivência,³² etc. Esses resultados nos permitem inferir que, por exemplo, o fato de uma parcela populacional com poder aquisitivo ocupar o bairro da Tijuca, isso parece indicar que essa mesma população tenha maior acesso ao conhecimento, melhores condições de vida (ICV), devido à proximidade a seus locais de trabalho e consequentemente melhores índices de desenvolvimento humano (IDH). Tais fatores sociais estariam refletidos no comportamento linguístico dos moradores da região. Outro resultado é o fato de a Tijuca ser pioneira em educação. Como o uso de uma das variantes do nosso objeto de estudo é ainda estigmatizado na variedade carioca, sendo, portanto, evitado por falantes com maior grau de letramento, podia-se esperar, como de fato ocorreu, que os ‘tjucanos’ apresentassem menores índices de frequência da variante em suas produções verbais.

Os resultados relativos ao comportamento linguístico indicados no quadro-síntese 3 foram obtidos a partir de nossa amostra de dados. Acredita-se que o comportamento linguístico do falante possa funcionar como um indicador social capaz de sinalizar a que classe, por exemplo, o falante pertence. A variante *Tu* +sem desinência canônica não é uma marca específica de uma classe determinada na variedade carioca. O que identifica o falante não é o uso, mas sim a recorrência. Os falantes de classes sociais mais altas e de maior letramento fazem um uso mais 'criterioso' da variante que ainda desperta certo estigma na variedade carioca. Esses falantes tendem a usá-la com aqueles com quem têm maior intimidade. Os falantes de classes sociais mais baixas, por outro lado, por terem menor sensibilidade e percepção do estigma que envolve o uso da variante, tendem a empregá-la de forma mais recorrente, usando-a em todos os contextos de fala.

Com relação ao Centro da cidade, o primeiro bairro analisado, que está representado nas amostras Perfil Profissional, Av. Almirante Barroso e ‘Advogados’, acredita-se que o perfil sócio-econômico da região não seja relevante para analisar os usos tratamentais variáveis no centro do Rio, seio comercial da metrópole que reúne cotidianamente pessoas que se deslocam de várias partes da cidade. Entende-se que a

³² Indicadores sociais determinados por um estudo realizado pela Prefeitura. Consultar site: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>

história e as características sociais do bairro não devem ser consideradas, uma vez que os informantes que compõem a amostra ‘Centro’ não são moradores do bairro, mas sim profissionais de áreas diversas, como advogados, vendedores e gerentes.

Gênero do informante

Estudos de orientação sociovariacionista apontam um padrão bastante regular para a influência da variável gênero/sexo sobre a determinação de fenômenos variáveis. De modo geral, esses trabalhos indicam que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente e podem ser as pioneiras em um processo de implementação de mudança linguística se a variante à frente do processo for uma variante que apresente prestígio social. O comportamento linguístico das mulheres é explicado pelos sociolinguistas como sendo resultado da forma de construção social dos papéis feminino e masculino (MOLLICA & BRAGA, 2010).

Às mulheres atribuem-se, geralmente, maior consciência do status social das formas linguísticas, maior conservadorismo linguístico, características comuns à fala de mulheres de comunidades de fala ocidental que partilham diversos aspectos da organização sociocultural. Há um padrão de correlação que aponta o fato de as mulheres de comunidades de fala ocidental serem mais conscientes do status social das formas linguísticas. Isso tudo devido às diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres.

Como a variante *Tu* + verbo sem marca de concordância é ainda estigmatizada pelos habitantes do Rio de Janeiro, nossa expectativa era a de que tal variante seria produtiva entre homens, e não na fala de informantes de gênero/sexo feminino. No caso do objeto linguístico em pauta, acredita-se que se trata de um processo de variação estável e que o atual subsistema pronominal tratamental carioca apresente uma configuração que permite aos falantes de todas as faixas etárias suprirem suas necessidades pragmático-discursivas nas situações comunicativas em que estão inseridos. Como já dito, no subsistema carioca, há três possibilidades de referência ao interlocutor: *Tu*, *Você* e *Zero/nulo* na função de sujeito, estando todos correlacionados a verbos sem marca de pessoa.

Especula-se que o fato de a forma *Você* ser uma estratégia mais neutra e menos marcada de tratamento, cujo uso não infringe as regras das gramáticas normativas, a tornaria altamente produtiva entre as mulheres. A variante *Tu*, por outro lado, é empregada no trato íntimo. Entretanto, por ser categoricamente empregada com o verbo

sem concordância, uso que contraria as regras das gramáticas normativas, a variante *Tu* carregaria certo estigma na variedade carioca. Interessante observar que a variante *Tu + P2*, prescrita pelas gramáticas normativas, apresenta uma avaliação social negativa, embora seja a forma considerada padrão. O habitante carioca que a emprega em qualquer situação comunicativa provavelmente será considerado pedante por seus interlocutores. A simplificação do paradigma verbal e a consagração pelo uso conferem à variante *Tu + verbo* sem desinência canônica, uma avaliação negativa, talvez somente em contextos de fala monitorados. Em situações informais, se torna a variante adequada para a expressão de valores como a intimidade e a solidariedade.

A outra possibilidade de referência à segunda pessoa do discurso na função de sujeito é o uso de somente a forma verbal sem marca de pessoa. Tal estratégia de referência é viável na fala, uma vez que o referente, ou seja, a pessoa com quem se fala é altamente predizível, o que torna facultativo o preenchimento do sujeito (PAREDES SILVA, 2003). O uso do sujeito nulo como forma de tratamento permite ao falante manter um comportamento interpessoal neutro, o que vai ao encontro da necessidade social dos falantes ao terem de se comunicar com pessoas cujo papel social é difícil de determinar. Tal situação comunicativa é bastante comum a falantes cariocas, uma vez que a cidade do Rio de Janeiro, diferentemente de outras cidades brasileiras, caracteriza-se por contrastes extremos. Nela coexistem no mesmo espaço físico segmentos da população com características de enorme heterogeneidade socioeconômica. De modo geral, os habitantes cariocas têm à sua disposição um sistema ternário de tratamento que supre suas necessidades pragmáticas nas diversas situações comunicativas em que estão inseridos no dia-a-dia.

Outro aspecto interessante da influência do sexo/gênero do falante sobre processos variáveis foi apontado por Trudgill (1974), que defende a hipótese de que os homens, diferentemente das mulheres, atribuem um prestígio encoberto (*covert prestige*, LABOV, 1972) às formas linguísticas. Formas linguísticas estigmatizadas podem ter seu uso condicionado pela necessidade de garantia de identidade do indivíduo com um determinado grupo. Diversos trabalhos de natureza sociovariacionista que investigam a alternância das formas *Tu-Você* evidenciam a maior produtividade da variante *Tu* entre informantes de sexo masculino. A maior produtividade do *Tu + verbo* sem marca de pessoa entre habitantes cariocas de sexo/masculino seria uma forma de afirmação de pertencimento ao gênero masculino? Tal hipótese emerge de resultados de outros estudos sobre a alternância *Tu-Você* no dialeto carioca (cf. PAREDES SILVA, 1996;

LOPES *et al.* 2009, entre outros). No *corpus* analisado, o padrão de correlação entre o sexo/gênero e o fenômeno linguístico pôde ser confirmado, como podemos ver na tabela 13:

Sexo/gênero: rodada geral <i>Tu</i> vs. <i>Você</i>			
Fatores	Aplicação/Total	%	P. R.
Sexo/gênero masculino	50/197	25.4	.62
Sexo/gênero feminino	29/200	14.5	.37

Tabela 13: A influência do grupo de fatores escolaridade para a ocorrência de *Tu* + forma verbal com desinência zero. Valor de aplicação: *Tu*

A variante *Tu* + forma verbal neutra mostrou-se mais produtiva entre os homens, apresentando .62 de peso relativo e teve forte desfavorecimento de ocorrência na fala das mulheres com .37 de peso relativo.

Os resultados também confirmam a ideia de que os homens atribuem um prestígio encoberto (*covert prestige*, LABOV, 1972) às formas linguísticas. Em alguns casos, o uso de formas linguísticas, como *Tu* + verbo com desinência zero, variante ainda estigmatizada em certos contextos, pode ter seu uso condicionado pela necessidade de garantia de identidade do indivíduo com um determinado grupo.

No caso dos dados analisados, por se tratar da alternância de formas de pronome-sujeito de segunda pessoa em sequências injuntivas, os textos visam ensinar alguém a realização de uma determinada tarefa, pode-se especular que o fato de os homens terem dominado o espaço público antes das mulheres talvez tenha determinado maior segurança por parte desse grupo no momento de prestar auxílio à pesquisadora durante as entrevistas.

Nossa hipótese é a de que as mulheres se apropriam do prestígio social das formas linguísticas canônicas ou tradicionais para construir uma imagem social positiva. Os homens, por outro lado, por serem socialmente considerados dominadores do espaço público não precisam recorrer a aspectos linguísticos para conferir a credibilidade a seus discursos. É possível perceber a diferença de ‘desenvoltura’ entre a produção linguística de um e do outro quando o tema é a resposta à pergunta ‘*Como eu*

faço para chegar a rua x?'. Interessante observar a fala de uma informante que abandona a variante *Tu* + verbo com desinência zero, quando entra em jogo a sua 'capacidade' de ensinar à pesquisadora a chegar ao local perguntado. Segue abaixo um fragmento da gravação:

(8) *Pesq.: Oi boa tarde sabe onde é o Fórum aqui no Centro?*
*Inf.: Sei é para lá **você** vai segue essa rua aqui*
Pesq.: hum hum
Inf.: Tá vendo os ônibus lá?
Pesq.: Ah
*Inf.: **Você** vai seguir*
Pesq.: Acho que é a Primeiro de Março não é isso?
*Inf.: Isso aquela lá é a Primeiro de Março **você** vai seguir para lá*
Pesq.: Subindo?
*Pesq.: Subindo **tu** vai ver logo o Fórum a sua esquerda em frente ao Menezes Cortês (Rec 4, Amostra 'Advogados')*

Nesse trecho, pode-se perceber que a informante inicia o diálogo por meio de uma forma neutra de tratamento, que logo é substituída por uma estratégia geralmente empregada no tratamento mais íntimo entre os interlocutores, a variante *Tu* + verbo sem marca de concordância. Ao longo da situação comunicativa, entretanto, a informante mostra-se meio perdida e insegura com relação à sua capacidade de ensinar à pesquisadora como chegar ao local perguntado e acaba por substituir a variante *Tu* + verbo sem concordância pela forma neutra e mais prestigiada socialmente, a variante *Você*.

(8) *Inf.: **Você** vai seguir a Rio Branco até o Largo da Carioca chegando no Largo da Carioca **você** pergunta aqui é o Largo da Carioca? Aí vão falar que é*
Pesq.: hum hum
*Inf.: Quando **você** chegar no Largo da Carioca **você** vai é::: seguir a Almirante Barroso*
Pesq.: Ah::: tá ótimo
*Inf.: Chegando no Largo da Carioca **você** vai virar à sua direita por isso que eu tô falando para **você** ir por outro lado porque:: é para lá assim*
Pesq.: Ah então é só ir subindo aqui direto que eu vou sair lá... (Rec 4, Amostra 'Advogados')

A partir desse momento, a informante definitivamente substitui a variante *Tu* + verbo sem marca de pessoa pela forma *Você*, numa tendência nítida à apropriação do prestígio da estratégia de maior valor social.

Em suma, na análise geral da variação entre *Tu* e *Você* na posição de sujeito verificou-se maior favorecimento do pronome *Tu* na fala de informantes de sexo/gênero masculino habitantes da zona oeste e ambulantes. Tal variante ocorreu principalmente antecedida de outro pronome *Tu* em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação. A variante *Você*, por sua vez, mostrou-se mais produtiva na fala de mulheres gravadas no centro da cidade e no bairro da Tijuca. A variante, menos marcada socialmente, ocorreu mais frequentemente, numa sequência discursiva, antecedida de outra forma *Você*. Seu uso é favorecido em atos de fala neutros e/ou menos ameaçadores ao interlocutor, quando se quer indicar uma possibilidade ou quando se faz um aconselhamento.

4.3.2 - Rodada *Zero/nulo* vs. *Você*

O segundo tipo de rodada realizado com todos os dados da amostra envolve a verificação de produtividade de duas formas de referência à segunda pessoa do discurso que apresentam valores semântico-pragmáticos e avaliação social quase semelhantes. As formas *Zero/nulo* e *Você* na função de sujeito apresentam alta produtividade na fala do *corpus* por apresentarem potencial mitigador semelhante. É possível, como já dito, empregar o *Nulo/zero* como estratégia de referência ao interlocutor, uma vez que a sua referenciação na fala é predizível, adaptando um princípio postulado por Paredes Silva (2003). Na oralidade, tal variante permite ao falante adotar um comportamento interpessoal neutro, ou seja, o falante consegue omitir o grau de intimidade travado com seu interlocutor, o que, pode-se especular, supre necessidades pragmáticas dos falantes em suas relações interpessoais.

No caso dos dados aqui analisados, como se verifica a atuação de sujeitos de segunda pessoa em sequências injuntivas pertencentes ao gênero textual pergunta-resposta, pode-se inferir que tais falantes, por não poderem categorizar socialmente seus interlocutores, possam eventualmente ter de assumir um comportamento interpessoal neutro. Seguem os resultados gerais tendo em vista os grupos de fatores considerados relevantes para a *Nulo/zero* x *Você* na posição de sujeito:

Grupos de fatores	Fator condicionante	Nº/Total	Freq. %	P.R
1) Tipo de oração	Orações absolutas	63/136	46.3	.53
	Orações principais	16/70	22.9	.24
	Orações adverbiais	29/86	33.7	.38
	Orações coordenadas	119/204	43.2	.57
	Orações completivas	5/16	31.2	.50
	Orações interrogativas	19/44	43.2	.72
2) Paralelismo formal	1ª referência ao interlocutor	19/43	44.2	.48
	Forma empregada após alguma intervenção da pesquisadora	88/244	36.1	.40
	<i>Nulo/zero</i> antecedido de <i>Nulo/zero</i>	59/101	58.4	.64
	<i>Nulo</i> antecedido de <i>Tu</i>	24/31	77.4	.79
	<i>Nulo/zero</i> antecedido de <i>Você</i>	61/150	40.7	.49
3) Modalidade verbal	Possibilidade	38/97	39.2	.51
	Ordem	103/174	59.2	.63
	Obrigação	19/27	70.4	.78
	Necessidade	5/11	45.5	.53
	Certeza	52/152	34.2	.41
	Prescrição/conselho	8/30	26.7	.36
	Ausência de modalidade	25/75	33.3	.29

Quadro-síntese 5: Grupos de fatores selecionados na rodada *Zero/nulo vs. Você*. Valor de aplicação: *Zero/nulo*

O programa Goldvarb 2001 selecionou, em ordem de importância, os seguintes grupos de fatores na rodada *Zero/nulo vs. Você*: (1) tipo de oração; (2) paralelismo formal e (3) modalidade verbal. Era esperado que a variante fosse extremamente produtiva em orações coordenadas e os resultados confirmaram tal expectativa para o comportamento desse tipo de sujeito de segunda pessoa. Com peso relativo (.57), um valor considerado pelo programa estatístico como relevante para a aplicação da regra, o comportamento do sujeito *nulo/zero* foi ao encontro do que outras pesquisas já apontavam.

As orações interrogativas com .72 e as absolutas mostraram-se favoráveis à ocorrência do sujeito *Zero/nulo*.

(9) *Inf.: aí **você** vai ver um relógio ali em frente ao calçadão **tu** pega à esquerda pega em frente a Viúva Dantas \emptyset vai sair em frente a ele. (Rec 64, amostra Zona Oeste)*

(10) *Inf.: \emptyset Sabe onde é a presidente Vargas? (Rec 2, amostra Almirante Barroso)*

O exemplo (9) ilustra o contexto que favorece a ocorrência do sujeito *Nulo/zero*, que são as orações coordenadas, uma vez que os falantes se apropriam do referente já citado. Em (10), usa-se o verbo com desinência zero sem sujeito explícito como estratégia de referência ao interlocutor na oração interrogativa. Ao omitir a forma de sujeito empregada, tem a possibilidade de não marcar o grau de intimidade que quer travar com seu interlocutor. Nesse caso, percebe-se que há motivação pragmática envolvendo essa estratégia de referência à de segunda pessoa, a saber: a assunção de seu comportamento interpessoal neutro. Os outros grupos de fatores controlados corroboram a hipótese de motivação pragmática envolvendo o uso do verbo com desinência zero sem sujeito explícito.

Com relação ao paralelismo formal, esperava-se confirmar a hipótese de Omena (2003), a de que o falante tende a repetir uma forma linguística dentro de uma sequência discursiva, o que revelaria uma natureza puramente formal para o fenômeno. Tal ideia foi confirmada: o contexto *nulo/zero* antecedido de *nulo/zero* apresentou produtividade bastante expressiva. Com peso relativo (.64), foi possível confirmar o postulado pela autora. Há, entretanto, o fato de que o *nulo/zero* apresenta grande produtividade na análise do paralelismo. Com (.79) de peso relativo, o contexto que se apresentou mais favorável à ocorrência do *Nulo/zero* foi quando tal variante esteve antecedida de *Tu*. Aventou-se a hipótese que de a ocorrência da variante em tal contexto apresentaria motivação pragmática. Adotando a ideia de Souza (2008) de que as formas de tratamento podem atuar como elementos mitigadores dentro de atos de fala, especula-se que o falante emprega recorrentemente a forma *Zero/nulo* antecedida de *Tu*, para reparar, de modo eficiente, a ameaça que o mesmo realiza à face de seu interlocutor ao eleger o *Tu* como sujeito de segunda pessoa. Acredita-se que há ‘avanços’ e ‘recuos’ durante o evento comunicativo e, uma vez que o *Zero/nulo* repara de forma bastante

eficiente os possíveis danos à face dos interlocutores, tal variante mostra-se extremamente relevante para o equilíbrio durante a comunicação.

No que se refere à modalidade verbal, notou-se o emprego mais produtivo do sujeito *Zero/nulo* de 2ª pessoa principalmente nos atos de fala que expressam ordens e obrigações: contextos típicos das formas de imperativo indicativo.

4.3.3 - Rodada *Zero/nulo* vs. *Tu*

A última rodada foi feita a partir da análise das duas variantes com perfis semântico-pragmáticos opostos, a saber: *o Zero/nulo*, forma ‘neutra e menos invasiva’; e *Tu + P3*, forma ‘invasiva e direta’, geralmente empregada no trato íntimo na variedade carioca. Trata-se de uma distribuição quase complementar: o contexto em que uma variante é produtiva desfavorece a outra variante. O programa estatístico selecionou como relevantes quatro grupos de fatores: (1) tipo de oração; (2) perífrase verbal; (3) bairro e (4) escolarização.

O tipo de oração era um grupo de fatores esperado como relevante pelo programa em função da produtividade do sujeito *Nulo/zero* em contextos sintáticos de orações coordenadas. As perífrases verbais, por determinarem a opinião dos falantes em relação ao que falam, ou seja, por realizarem atos de falas, de modo geral, impositivos, também podem ser considerados contextos favoráveis a atuação de formas neutras de tratamento, como o *Nulo/zero* na função de sujeito. De modo geral, as oposições que envolvem *Tu + P3* apresentam as variáveis sociais como elementos determinantes para a ocorrência da variante. Como mencionado, tal estratégia apresenta certo estigma na variedade carioca, tendendo a ser evitada por falantes pertencentes às classes sociais mais altas, residentes nos bairros mais nobres da cidade. O quadro-síntese 3 sintetiza os principais grupos de fatores favorecedores do sujeito *Zero/nulo* em variação com o pronome *Tu*:

Grupo de fatores	Fator condicionante	Nº/Total	Freq. %	P.R.
1) Tipo de oração	Orações absolutas	63/90	70	.39
	Orações principais	16/31	51.6	.17
	Orações coordenadas	119/148	80.4	.59
	Orações interrogativas	19/23	82.6	.51
	Orações adverbiais	29/33	87.9	.68
2) Perífrase verbal	<i>Ir + infinitivo</i>	48/80	60	.35
	<i>Poder+verbo</i>	15/17	88.2	.73
	<i>Ter que+verbo</i>	20/23	87	.75
	<i>Quiser/querer+verbo</i>	5/6	83.3	.62
	<i>Ir+gerúndio</i>	48/60	60	.56
3) Bairro	Centro do RJ	172/217	79.3	.62
	Zona Norte (Tijuca) do RJ	30/37	81.1	.50
	Zona Oeste (Campo Grande) do RJ	49/76	64.5	.19
4) Escolarização	Ensino superior	95/118	80.5	.42
	Ensino fundamental	21/27	77.8	.60
	Ensino médio	73/96	76	.56

Quadro-síntese 6: Grupos de fatores selecionados na rodada *Zero/nulo vs. Tu*. Valor de aplicação: *Zero/nulo*

Os resultados da rodada confirmaram diversas hipóteses já discutidas. A variável independente *tipo de oração* foi considerada relevante para a aplicação da regra, ocupando o primeiro lugar em ordem de seleção: nível de importância similar ao identificado na rodada *Zero/nulo vs. Você*. A expressiva produtividade do *Nulo/zero* em orações coordenadas, com peso relativo .59, assim como na rodada anterior, teve papel decisivo para a determinação de contextos relevantes para a ocorrência de tal variante na função de sujeito. Interessante observar a produtividade dessa forma de sujeito em orações adverbiais, contexto sintático que apresentou o maior peso relativo do grupo de fatores .68.

Em contextos de perífrases verbais, esperava-se que o *Nulo/zero* fosse mais produtivo nos atos de fala impositivos com perífrase *ter que + verbo*, para expressar obrigação. Nesse contexto, o emprego de sujeito *Zero/nulo* de 2ª pessoa acarretaria uma interpretação indeterminada do sujeito. Tal estratégia funcionaria como um recurso mitigador do ato de fala. O resultado do comportamento do *Zero/nulo* nesse contexto discursivo confirmou nossa hipótese de motivação pragmática envolvendo o uso do *Nulo/zero* como sujeito. Com o maior peso relativo do grupo (.75), tal contexto foi o mais favorável à ocorrência da variante.

Com relação à escolarização, foi interessante observar um leve favorecimento de uso do *Nulo/zero* entre falantes de ensino fundamental (.60) e médio (.56). Nossa hipótese para tal resultado era a de que os falantes com níveis mais parcos de escolaridade apresentariam os maiores índices de uso da variante *Tu + com verbo com desinência zero*, por se tratar de uma forma de tratamento que não apresenta potencial mitigador tão eficaz quanto as outras variantes da variável. Tal estratégia exige dos falantes uma constante reparação dos atos de fala impositivos realizados. O *Nulo/zero* como sujeito é a variante que apresenta o maior efeito reparador de possíveis ameaças à face dos falantes. Talvez, por isso, seja amplamente empregada por falantes com esses níveis de escolaridade, ou seja, falantes que empregam muitas vezes a forma *Tu + verbo sem desinência canônica* tendem a ter índices de uso de *Nulo/zero* também elevados.

Entre as regiões controladas, o Centro do Rio de Janeiro foi a região da cidade que apresentou o maior peso relativo do grupo (.60). Como a amostra coletada no centro da cidade congrega duas subamostras distintas (ambulantes e advogados) relacionadas basicamente à atuação profissional do informante, pode-se deduzir que o favorecimento do sujeito *Nulo/zero* de 2ª pessoa se deve ao fato de ser a estratégia linguística menos marcada dentre as três variantes analisadas (*Tu, você e Zero/zero*).

5 - Considerações finais

Com relação à alternância entre sujeitos de segunda pessoa em dados interacionais de fala espontânea, podemos dizer que os falantes do dialeto carioca dispõem de um subsistema ternário constituído pelas seguintes possibilidades de referência à segunda pessoa do discurso, na função de sujeito: *Zero/Nulo*, *Você e Tu*, todos empregados com verbo sem marca de pessoa. O pronome *Você* e o *sujeito nulo* foram as estratégias mais empregadas pelos informantes talvez por não serem consideradas ‘incorretas’, sendo empregadas, principalmente, em contextos mais formais.

No que se refere aos grupos de fatores relevantes para a variação entre *Tu* e *Você*, foram observados aspectos de natureza linguística (paralelismo formal, modalidade verbal e tipos de oração) e de natureza social (escolaridade, bairro e gênero/sexo). Verificou-se maior favorecimento do pronome *Tu* na fala de homens da Zona Oeste do Rio de Janeiro e entre ambulantes, principalmente, os da Av. Almirante Barroso. Tal variante ocorreu principalmente antecedida de outro pronome *Tu*, em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação.

A variante *Você*, por sua vez, mostrou-se mais produtiva, na fala de mulheres gravadas no centro da cidade e no bairro da Tijuca. A variante, menos marcada socialmente, ocorreu mais frequentemente, numa sequência discursiva, antecedida de outra forma *Você*. Seu uso é favorecido em atos de fala neutros e/ou menos ameaçadores ao interlocutor, quando se quer indicar uma possibilidade ou quando se faz um aconselhamento.

Os resultados mostram que o *Tu* + verbo sem desinência canônica não é, como já apontavam outros estudos de cunho variacionista, produtivo entre os informantes de sexo/gênero feminino. Curioso observar, entretanto, que a diferença de produtividade da forma em relação à variável escolaridade não foi significativa: 8% de produtividade de *Tu* entre os universitários contra 12% de produtividade na fala de informantes com ensino médio e fundamental. Para isso, foi aventada a hipótese de que o fato de as gravações terem sido feitas em situações de maior informalidade pode ter feito emergir o *Tu* não padrão entre falantes desse grupo. Os universitários, com exceção dos dados referentes aos gerentes, foram gravados de forma secreta, durante seus afazeres diários.

Interessante observar que há contextos que desfavorecem o uso de certas formas de pronome-sujeito. Interessante observar a forma de sujeito mais produtiva na perífrase *ter que* + verbo. Nesse contexto, os falantes do *corpus*, gerentes, vendedores, transeuntes, de modo geral, evitaram empregar a forma *Tu*, usando, preferencialmente, o *Nulo/zero* ou a forma *Você*. Nossa hipótese é a de que o auxiliar *ter que*, por realizar o ato de fala mais impositivo dentre os controlados, precisa de estratégias mitigadoras capazes de suavizar a ameaça que se faz à face do interlocutor. Para tanto, os falantes tendem, portanto, a empregar as estratégias mitigadoras mais eficazes, o *nulo/zero* e a forma *Você*.

As orações adverbiais foi outro contexto em que tais estratégias de referência ao interlocutor se mostraram produtivas. Especula-se que em tais contextos o caráter hipotético contribui para que o falante escolha formas mais genéricas e indiretas. Com alguma segurança, podem ser feitas previsões de contextos em que as formas de tratamento serão produtivas por meio dos valores semânticos que estarão em jogo. O *Tu* seria produtivo em contextos em que se exigem valores como a diretividade e a intimidade entre os falantes, ao passo que o *Você* ou *Zero/Nulo* seriam mais produtivos em contextos em que a neutralidade e o maior distanciamento se fazem necessários.

O subsistema ternário parece ser bastante produtivo, uma vez que nos relacionamos com pessoas diversas. Temos, portanto, necessidade de expressar diferentes graus de intimidade que podem variar em função da relação que estabelecemos com nossos interlocutores e com um mesmo interlocutor no curso de uma interação comunicativa.

Com relação à distribuição diatópico-social, verificou-se que forma *Tu* foi mais produtiva em Campo Grande e entre os ambulantes que circulam no centro do Rio de Janeiro, com 20% de frequência. Nossos resultados mostraram que tal variante não é de uso exclusivo de uma classe determinada, na variedade carioca. O que se mostrou distinto não foi o uso, mas sim a recorrência do emprego dessa estratégia. Os falantes de classes sociais mais altas e de maior letramento fazem um uso mais 'criterioso' da variante que ainda parece despertar certo estigma na variedade carioca. Tais falantes tendem a usá-la com aqueles com quem têm maior intimidade. Os falantes de classes sociais mais baixas, por outro lado, por terem menor sensibilidade e percepção do

estigma que envolve o uso da variante *Tu* + com verbo com desinência zero, tendem a empregá-la de forma mais recorrente, usando-a em maior número de contextos de fala.

Com relação à hipótese de Labov (1972), confirmou-se a relevância da ocupação profissional do falante como um indicador social determinante em seu comportamento linguístico. Tal aspecto ficou bastante evidenciado na análise da amostra dos advogados, quando se identificou o predomínio do emprego da forma não marcada, sujeito *nulo*, como primeira estratégia de referência ao interlocutor, com índices acima de 50%.

Outra hipótese que foi confirmada relaciona-se à ideia de que diferenças sociais sutis estariam refletidas nos índices de frequência da variante de menor prestígio (*Tu* + forma verbal neutra). Dentro do grupo ocupacional ambulantes, foi possível verificar diferença de produtividade da variante estigmatizada, em função da diferença de público atendido.

Referências Bibliográficas

AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2003.

ANDRADE, Adriana Lília Soares de. *A variação você, cê, ocê no português brasileiro falado*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal. 2004

ANDRADE, Carolina Queiroz. “*Tu e mais quantos?*” - *A segunda pessoa em Brasília*. Brasília: UnB, 2009. Projeto de Dissertação de Mestrado, inédito.

ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005.

BARCIA, Lucia Rosado. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Uso de tu/você em interações infantis*. *Letras*. Campinas: PUCCAMP, V. I, no. 13, p. 96-118. 1994.

BRAVO, Diana.; BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudos sobre el discurso de cortesía em español*. Barcelona: Editorial Ariel. 2004.

BRITO, Onilda Regina Marchioni de. “*Faça o mundo te ouvir*”. *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2001.

BROWN, R.; GILMAN, A. *The Pronouns of Power and Solidarity*. SEBEOK, Thomas A. (eds.) *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, p. 253-449. 1960.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2010.

CALLOU, Dinah. Da história social a história linguística: o Rio de Janeiro no século XIX. In.: ALKIM, Tânia Maria (Org.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 281 – 292. 2002.

CALLOU, D.; SERRA, C. Aspectos da história demográfica e social do Rio de Janeiro: Escolarização, norma e nacionalidade. In.: RAMOS, J.; ALKMIM, M. A. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro. Volume V: Estudos sobre Mudança Linguística e História Social*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2007.

CINTRA, Luis F. Lindley. *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18. 1972.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1999.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas. 1995.

_____. O tratamento *Você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba: Nº13, Editora da UFPR, p. 51-82. 1996.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. PAIVA, M. da. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, FAPERJ, p. 115-128. 2003.

_____. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005.

_____. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito*. FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

EELLEN, G. *A critique of politeness theories*. Manchester: Sr. Jerome Publishing, 2001.

FIGUEIREDO, Luanda Almeida. Tu e você no português afro-brasileiro. Comunicação apresentada no *VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA*. Salvador. 2005.

_____. Luanda Almeida. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. Comunicação apresentada no *VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA*. Salvador. 2007.

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

HERÊNIO, Kerly Karine Pereira. “Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística, Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2006.

KOCH, Peter. Tradiciones Discursivas y Cambio Linguístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), p. 53-88. 2008.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008[1972].

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel*. Vol. 5, nº. 9, agosto de 2007. 265 Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, vol. 2. 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, Vol. 1. 1994.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, D. *et alii.* (eds.). *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 (2) 135-56. 1990.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*. 57:267-309. 1981.

_____. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The social stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. The social motivation of a sound change. *Word*. 19:273-309. 1963.

LEÃO, P. B.; Altenhofen, C. V.; Klassmann, M. 2003. Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil. Disponível em <file:///OIHomepage/livro2/artigo_paula.htm (1 of 8) [18/11/2003 10:29:48].

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1993. 267

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: seu percurso histórico*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.

_____. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. 1ª ed., Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, Volume 18. 2003.

_____. O quadro dos pronomes pessoais. In.: Vieira, S. R.; Brandão, S. F. (Orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, p. 151-178, 2004.

_____. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In.: RONCARATI, C.; ABRACADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e historia*. Niterói: EDUFF, Volume 2, p. 55-71. 2008.

LOPES, C. R. dos S.; CALLOU, D. M. I. Contribuições sociolinguísticas para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. In.: *Revista do GELNE*. Volume 5, p. 63-74, 2004.

LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. “Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós.” In.: LOPES, C. R. dos S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. p. 45-66. 2005.

LOPES, C. R. dos S.; COUTO, L. R.; DUARTE, M. E. L. Como as pessoas se tratavam no cinema latino-americano: análise de formas de tratamento em roteiros de três países. In.: *Actas do XIV Congresso internacional da ALFAL*, Monterrey. XIV Congresso Internacional ALFAL. Santiago de Chile: Alba Valencia E., v. 2, p. 01-14. 2005.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, Aline dos Santos; SANTOS, Viviane Maia dos. Quem está do outro lado do túnel? *Tu ou você na cena urbana carioca. Processos urbanos I: variação linguística em megalópoles latino-americanas. Neue Romania*, 39: 49-66. 2009.

LOPES. C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística* (Madrid), v.25, p.30 - 65, 2011.

LOPES, C. R. S. ; MARCOTULIO, L. L. . O tratamento a Rui Barbosa. In: Afranio Barbosa e Dinah Callou. (Org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, v. 2, p. 265-292.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Curso de Pós-graduação em Linguística. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

_____. *Variação estilística na fala de jovens brasilienses: a referência de segunda pessoa*. Brasília: UnB. 2004a.

_____. *A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais – séculos XIX e XX*. Brasília: UnB. 2004b. (mimeo)

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referencia ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

_____. *A VARIAÇÃO ENTRE VOCÊ E TU EM CARTAS CARIOCAS OITOCENTISTAS*. In: *XII Congresso Assel – Rio*. Rio de Janeiro: (mimeo). 2003.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marques do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SILVA, Paula Fernandes da.; LOPES, Célia Regina dos Santos. *A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP. Rio de Janeiro. 2007.

MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2009.

MENON, Odete Pereira da Silva. *A história de você*. GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A.; MURAKAWA, C. de A. A. *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial. 2006.

_____. Variação e mudança: o papel dos condicionamentos linguísticos. *Fragmenta 13*, Curitiba: Editora da UFPR, p. 89 – 113. 1996. 269

_____. O Sistema Pronominal do Português do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba: Editora da UFPR, nº 44, p. 91-106. 1995.

MENON, O. P. S. ; PENKAL, L. L. . Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. 1ª ed. Pelotas: EDUCAT, 2002, v. 1, p. 147-188.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos – SP*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. da. C.; PINTO, I. I. Relação entre [l] → [r] e [r] → [0] em grupos consonantais em português. In.: *Relatório final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Linguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MONTEIRO, Jose Lemos. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1991.

_____. *Pronomes Pessoais – Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. 1ª ed., Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará. 1994.

MOTA, Maria Alice. *A VARIAÇÃO DOS PRONOMES ‘TU’ E ‘VOCE’ NO PORTUGUÊS ORAL DE SÃO JOÃO DA PONTE (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

OMENA, Nelize Pires de. A Referência à Primeira Pessoa no Plural: Variação ou Mudança? In.: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (2003). (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 63 – 80. 2003.

OMENA, Nelize Pires de.; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C (Orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 76- 83. 1996.

_____. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In.: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-324.

_____. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In.: NARO, A. J. *et alii. Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo a Educação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 75 – 84. 1986. 271

PAGOTTO, Emilio Gozze. Norma e condescendência: ciência e pureza. *Línguas e Instrumentos linguísticos*. Volume 2, São Paulo: Pontes, p. 49- 68. 1999.

PAGOTTO, Emilio Gozze; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In.: LOPES, C. R. dos. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, p. 67-81. 2005.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 179 – 190. 2004.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 33 - 42. 2004.

_____. Motivações Funcionais no Uso do Sujeito Pronominal: Uma análise em tempo real. In.: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 97 – 114. 2003.

_____. *A variação você/tu na fala carioca*. Comunicação apresentada no 1º Encontro de Variação Linguística do Cone Sul. UFGRS, 1996.

_____. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1988.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

_____. Notícias recentes da presença do pronome tu no quadro de pronomes no português falado no Rio de Janeiro. In.: COUTO, Letícia Rebollo; LOPES, C. R. S. *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: EDUFF, 2011, p. 252-262.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Concordância verbal como pronome ‘tu’ na fala pessoense. In.: *Anais do Congresso da Abralín*. 1999.

RAMOS, Jania. O uso de *Você, Ocê e Cê* no Dialeto Mineiro. In.: HORA, D. (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p. 43-60. 1997.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A categoria “pronome” na construção da metalinguagem no português. In.: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2008. 273

_____. Traços Formais e Semântico-Discursivos no Processo de Gramaticalização de ‘Vossa Mercê’ > ‘Você’. In.: *Revista do GEL*. São Paulo (Araraquara): Volume 3. p. 67-82. 2006.

_____. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

_____. *Reflexões acerca da pronominalização de Vossa Mercê na língua portuguesa*. Monografia apresentada no Curso História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, 25 p. (*mimeo*). 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005.

_____. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In.: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 239-264. 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Lucca, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia ANDRADE, Carolina Queiroz, MARTINS; Germano Ferreira. 2009. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no *II SIMELP*, Universidade de Évora.

SOARES, I. C. R.; LEAL, M. da G. F. Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara*. Revista do curso de mestrado (UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set 1993.

SOARES, Maria Elias. *Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC/Rio. 1980.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática. 2004.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. (Tradução de Celso Cunha). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZILLES, Ana M. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. In.: *Language Variation and Change*, Cambridge: Cambridge University Press, 17, 19 – 53. 2005.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press, 1968.

